

ABENÇOADO?

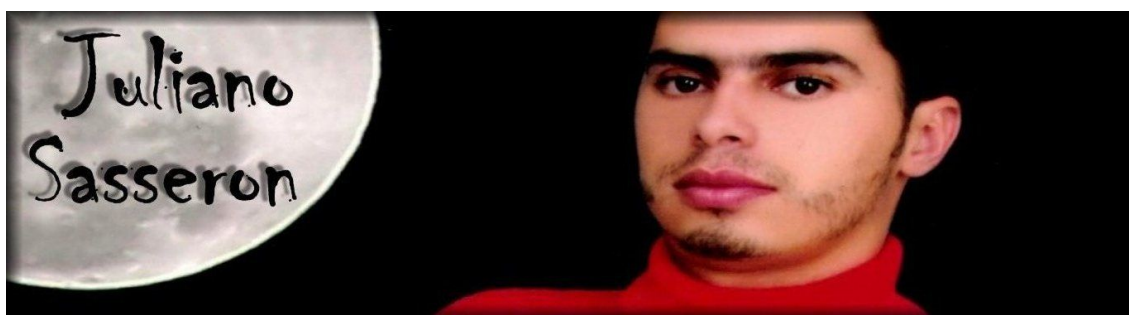
Juliano Sasseron

JULIANO SASSERON

ABENÇOADO ?

Copyright © Juliano Sasseron

Essa é uma publicação eletrônica gratuita. A distribuição de todo o conteúdo, ou parte dele, é permitida somente através da internet, desde que respeitados os direitos autorais.



Juliano Sasseron é um engenheiro agrônomo bon vivant e, como tal, aprecia as obras da Natureza, cultiva harmonia e colhe amizade. Acredita que compor é uma boa ventura, uma paixão. Amante do sobrenatural, publicou Crianças da Noite (Novo Século, 2008) e o conto "Esplendor" na seleta Território V (Terracota, 2009). Fascinado também pela Sétima Arte, realizou o curta-metragem trash "Abissal". Atualmente trabalha em diversos projetos tanto no audiovisual como na literatura. Juliano é um admirador da beleza feminina, adora um bom vinho e não dispensa uma cerveja gelada com os amigos.

<http://juliano-sasseron.blogspot.com>

sasseron@gmail.com

O Brasil possui inúmeras belas cidades e nelas se escondem maravilhosas construções, mas a mansão destas páginas e o lugar em que ela está situada não se baseia em nenhuma delas. Todos os acontecimentos neste livro existem tão-somente na imaginação do autor.

PRÓLOGO: O DESPERTAR DAS TREVAS.

- Finalmente vamos poder iniciar os preparativos para a invocação de um demônio!
– disse o garoto para seus amigos.

- Vamos ver se funciona mesmo ou se é apenas lorota.

- Sei não. Acho que não devíamos mexer com essas coisas.

- Deixe de bobagem. Seremos os senhores dessas terras! – exclamou o último rapaz em um misto de fala e risada.

Os quatro adolescentes caminhavam sorrateiramente pelas vazias e mal iluminadas ruas. Tinham planejado aquele momento durante quase um ano. Carregavam alguns objetos dentro de uma mochila escura, pelo cuidado que dispensavam a ela ou eram valiosos ou muito frágeis.

A mansão que estava sendo construída na cidade era o local ideal para realizar o ritual, por isso os jovens se dirigiam para lá.

Não tinham idéia de quem era o dono daquela majestosa obra arquitetônica. Pontas era uma cidade pequena e, como tal, segredos eram difíceis de ficarem ocultos, porém a identidade do proprietário ainda era um mistério. É claro que havia inúmeros boatos a este respeito, mas nenhum com fundamento forte. Talvez devido a esta obscuridade que os adolescentes resolveram fazer a prática ali.

Arrastavam os pés no meio dos entulhos que futuramente constituiriam os alicerces da mansão. A poeira levantada por cada passo entupia as narinas dos garotos. Olharam por todos os lados, procurando um lugar perfeito. Não mais do que quinze minutos depois que chegaram à construção, foram a um canto onde formaram um círculo no chão e tiraram os objetos da mochila: mirra, civete, benjoim, absinto, fécula pérsica, gálbano e almíscar, tudo em quantidades iguais.

Todos já sabiam o que fazer, por isso evitavam conversar. Para garantir o êxito trouxeram o grimório que ensinava o ritual e abriram-no sobre o chão empoeirado.

Um vento gelado cortou o ar nesse momento, projetando um uivo assustador.

Al Azif.

Havia um mistério muito grande envolvendo aquele livro. Os que sabiam de sua existência afirmavam que os relatos originais tinham se perdido nas cortinas do tempo, e que as cópias, apesar de raras, não passavam de equívocos. Apesar disso aquele exemplar sujo e envelhecido em posse dos jovens não aparentava ser falso. Aqueles pobres inocentes

não sabiam com o que estavam brincando e resolveram testar uma magia que estava impressa no grimório.

Toda vez que se queira chamar quem está em outra parte, é preciso notar convenientemente as estações e as épocas durante as quais as esferas se interceptam, e o fluxo de influências advindas do vazio.

Deve-se observar o ciclo da Lua, os deslocamentos planetários, o curso do Sol através do zodíaco e a ascensão das constelações. Aquele era o momento certo para prepararem o incenso de Zkoba: um artefato necessário para poder realizar a evocação desejada.

Misturaram todos os ingredientes, reduzindo-os a pó fino. Não conseguiam disfarçar a ansiedade, sendo que algumas vezes chegaram a derrubar grãos imperceptíveis da mistura.

- Será que isso é perigoso? – disse um dos garotos. Seu rosto e as mãos trêmulas demonstravam certo medo.

- Deixe de ser maricas! – respondeu um dos amigos.

- Isso mesmo. – anuiu outro. – Será divertido.

O quarto garoto puxou para si o livro e começou a ler em voz alta o texto enquanto seus amigos terminavam os preparativos para o ritual.

“Os Antigos foram, são e serão.

Das estrelas obscuras vieram, invisíveis e repugnantes, até onde o Homem teria nascido.

Desceram sobre a Terra primitiva.

Sob os oceanos permaneceram em latência durante as eras, até que os mares se retiraram. Depois se reproduziram rapidamente e nesta multidão começaram a reinar sobre a Terra.

Sobre os pólos gelados edificaram poderosas cidades e nas alturas os templos daqueles que a natureza não reconhece e os deuses amaldiçoaram”.

Cada palavra proferida era como um insulto, uma blasfêmia.

O texto cada vez mais se tornava sombrio. A história do Início dos Tempos era horripilante. A simples leitura da verdade contida naquele livro poderia levar à loucura e, posteriormente, o suicídio. Felizmente (se é que possa ser chamado assim) os meninos não sabiam o poder e o significado daquelas palavras.

Após os ingredientes terem se tornado apenas pó, colocaram a mistura em um recipiente de vidro verde e lacraram com um tampão de bronze que continha alguns símbolos estranhos gravados.

O auge do ritual estava chegando.

Um silêncio assustador pairou sobre toda a cidade naquele momento, era como se todo o universo tivesse parado de respirar por alguns instantes. O ar tornou-se denso e um terrível frio tomou conta do lugar.

Os garotos se levantaram e, juntos, ergueram o recipiente em direção aos Quatro Ventos, proferindo em voz alta as palavras de poder que estavam escritas no grimório:

Para o norte: *“Zijmuorsobet, Noijm, Zavaxo!”*

Ao longe um lobo uivou.

Para o leste: *“Quehaij, Abavo Noquetonaiji!”*

Escutaram-no uivar, com suas presas poderosas, do fundo das entranhas da terra.

Para o sul: *“Oasaij, Wuram, Thefotoson!”*

A morte estava a caminho.

Para o oeste: *“Zijoronaifwetho, Mugelthor, Mugelthor-Yzxe!”*

Um suspiro afligiu o curso louco do Último Vento que turbilhonou tenebrosamente em meio às estrelas foscas.

Os quatro jovens sentiram como se suas energias fossem drenadas para fora do corpo. Uma sensação de cansaço lhes tomou conta, além de uma profunda angústia. Com o resto de vitalidade que ainda tinham, cobriram o recipiente com um pedaço de veludo negro e o esconderam.

Para que o ritual fosse completo, era necessário que durante sete noites consecutivas tal recipiente fosse exposto ao luar durante uma hora, deixando-o sempre sob o veludo do cantar do galo ao pôr-do-sol.

O planejado para aquela noite já estava cumprido. Agora era dar prosseguimento para poderem colher os frutos, mesmo que estes fossem podres.

...

Chegou a escuridão.

E não era apenas escuridão, não naquela noite, mas o breu absoluto, as trevas por completo, o pano-preto perfeito. Não havia a lua e muito menos estrelas para clarear o céu. O barulho de grilos e outros seres noturnos quebravam o silêncio, tal como o tic-tac de um relógio numa sala de espera do consultório médico.

Os quatro jovens estavam na construção onde durante todas as noites colocaram em prática as orientações do grimório. O incenso de Zkoba já estava pronto.

Desembocaram do canto em que fizeram o artefato, já que o mesmo não lhes oferecia suficiente valhacoito devido ao adiantamento das obras, dissimulando-se com a sombra dos pilares acharam um local apropriado onde fizeram um círculo no chão, desenhando as runas que eram solicitadas no livro.

- Traga essa caixinha redonda. – pediu um dos garotos.

- O que tem nela? – perguntou o que estava ao lado do objeto.

- Você ainda está com medo? – zombou o primeiro. – Honre a calça que veste. Só quero os materiais necessários para o ritual.

Envergonhado, pegou a boceta de macumba, demorou-se com ela na mão, levando-a, um pouco trêmulo, até o local onde fariam a invocação. Esparramaram os objetos e, de acordo com os passos do livro, deram início ao cerimonial.

O tempo passava lento, tenso. Cada um sabia exatamente sua parte, mesmo assim o coração acelerava de modo que podiam sentir as pulsações nas têmporas. Uma mistura de ansiedade e medo.

Gestos e cânticos foram feitos durante grande parte da noite, até que por fim chegaram ao remate do rito. Agora, para que a cerimônia feiticista fosse completa, era necessário que todos os presentes segurassem o pentágono que vinha junto com o grimório.

Sem delonga, três dos quatro garotos seguraram, cada qual uma ponta, o pequeno objeto. Estavam prontos. Só restava o último companheiro tomar parte. Fitaram-no.

O adolescente sentia os olhos sobre sua pessoa. A sensação não o agradava, e ele estava inquieto, amedrontado. Piscou várias vezes, sentindo o coração disparar no peito. A cada segundo arrastado, gotas de suor escorriam por sua testa e pescoço. Após esse período de indecisão, juntou-se aos amigos.

Apontaram a quinta ponta para o céu escuro e proferiram:

*“Ó vós que residíeis nas Trevas do Vazio Imenso, vinde novamente à Terra, eu vos suplico!
Ó vós que estais além das Esferas do tempo, escutais minha prece!”*

Um tremor violento sacudiu a terra, fazendo com que vibrasse as paredes da construção onde estavam. Um silvo amedrontador precedeu uma luz ofuscante. Um raio oriundo do céu caiu sobre o pentágono e o fez voar longe das mãos dos jovens. O objeto por sua vez ficou brilhante.

Era impossível precisar quanto tempo durou aquele fenômeno, parecia uma eternidade na qual os olhos dos garotos não desgrudavam da luz.

Um odor estranho impregnava o ar, algo que lembrava bombinha detonada, porém muito mais intenso. Olharam para o alto por um momento, tentando identificar de onde vinha o cheiro que sentiam, mas desistiram. Até onde tinham percebido, ele vinha muito provavelmente de lugar nenhum. Era como se o misterioso raio de segundos atrás fosse quem emanasse.

Ignorando o sentido olfativo, os garotos concentraram-se na misteriosa luz envolvendo o pentágono, até que de repente o brilho sumiu e, como num flash, uma imagem monstruosa apareceu na mente de cada um.

Um dos garotos recuou um passo, os nervos de seu corpo afloraram-se enquanto os pêlos dos braços se arrepiaram.

- O... o que foi isso?

Todos estavam impressionadíssimos, e ficaram assustados de verdade. Tentaram, cada um de sua própria maneira, encontrar as mais absurdas e estúpidas explicações. A situação pedia uma resposta para acalmá-los.

- Pegue o pentágono. – ordenou um deles.

Ninguém se atreveu a mover um passo, então, como é costume nos seres-humanos, os olhares voltaram-se para o mais fraco.

Sentindo todo o peso do mundo, o garoto engoliu seco, seu coração batia tão forte e a uma velocidade tão alucinante que ele podia sentir as veias dilatadas pulsando no pescoço. Aproximou-se cauteloso, a tensão aumentava mais, a cada segundo, e então tocou o pentágono com a ponta dos dedos. Um arrepio acompanhou seus pensamentos e, subitamente, o horror envolveu a todos.

Garras e dentes dilaceraram os corpos. A criatura que só poderia ser descrita no pior pesadelo da mente mais insana assassinou friamente os garotos. O sangue e as tripas foram ingeridos pelo demônio. Não houve vestígios.

PRIMEIRA PARTE

JESUS

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.

SURPRESA.

“Vermes”, disse Guilherme, após bater a porta do escritório. Sua reação demonstrava que estava insatisfeito, também pudera, mais uma vez não houvera negócio com os malditos ianques. “Eles vão se arrepender e voltar lambendo meus pés”, pensou.

Era difícil acreditar que não tinham fechado o contrato, afinal todos saíam ganhando, mas o pior de tudo eram as longas horas que tinha desperdiçado tentando um acordo. A mesa toda tomada por papéis e calculadoras só serviu para deixá-lo mais estressado.

“Burocracia do inferno”.

O empresário foi o último a sair do complexo industrial. Os gringos já haviam se retirado há algum tempo, porém ele ficou por mais alguns minutos, tamborilando seus dedos na bela mesa de carvalho.

Guilherme Scaduari era um empresário bem-sucedido. Nascido em Alfenas, no sul de Minas Gerais, passou grande parte de sua vida nesta cidade. Assim que terminou o colégio ingressou na faculdade, onde se formou em agronomia já que seu pai tinha empreendimentos no setor agrícola: a família Scaduari era grande produtora de alimentos, e mesmo com a agricultura pouco valorizada nunca desistiu de uma plantação.

Alguns anos atrás, Omar, pai de Guilherme, adquiriu uma fortuna considerável que foi logo aumentando graças a seu investimento na indústria Karrios: fertilizantes e defensivos agrícolas.

Logo depois mudaram-se para Irati, no Paraná, onde Guilherme levava uma vida perfeitamente formada.

Omar acabou falecendo ainda jovem, deixando toda fortuna para seu filho único. Graças ao trabalho e esforço do então moço Guilherme, a empresa fundada por seu pai tornou-se a principal fábrica de fertilizantes da América e uma das melhores do mundo.

Quando jovem Guilherme era um rapaz conquistador. Tinha uma lábia que, misturada com sua postura formosa, encantava diversas mulheres. Apesar disso, ele nunca namorava sério com ninguém. Esperava, desejava a mulher certa, que viveria com ele até o fim de sua vida. Ele era uma pessoa romântica que já tivera que passar por terríveis provações espirituais, mas com o tempo, as perdas e frustrações juntas com o trabalho árduo na empresa, fizeram com que ele se tornasse mais sério e fechado.

Como sempre acontece, quando a gente menos espera, o amor tocou seu coração. O nobre Cupido disparou a flecha encantada bem no alvo e Guilherme se apaixonou por

Patrícia Mendes, uma bela moça, filha bastarda de um padre italiano que fugiu de seu compromisso como pai. Estavam em um *pub*, durante uma noite fria. Patrícia, sozinha, tímida em um canto observou o intrigante homem a encará-la. Guilherme se aproximou e, com seu jeito cortês, conquistou a donzela. Namoraram por quase um ano e ele, sabendo que aquela era a mulher de sua vida, pediu-a em casamento.

Patrícia era uma pessoa humilde que apesar de se casar com um homem rico, não mudou seu caráter. Continuava sendo bondosa e simpática, além de ser extremamente bonita. Dessa forma tinha amizade com várias pessoas, desde famílias nobres até simples trabalhadores.

A vida que tinham era bastante corrida, porém harmoniosa. Nunca chegaram a ter uma briga realmente feia. Eles se respeitavam muito, e com amor levavam os dias.

Toda quarta-feira havia na cidade uma feira livre na praça com a finalidade de arrecadar fundos para obras filantrópicas. Eram convidados artistas regionais para alegrar o lugar, assim os moradores curtiam as atrações locais e ainda podiam mostrar seus talentos. Patrícia adorava ser voluntária nos afazeres dessa feira, ela se sentia útil e, dessa forma, feliz. Todos aguardavam ansiosos pela quarta, quando era possível fazer compras com preço reduzido. Guilherme chegou a freqüentá-la durante as primeiras edições, porém o trabalho puxado sempre tomava seu tempo e ele acabou deixando de ir, tornando-se cada vez mais reservado.

Certa quarta-feira, após a feira livre, houve uma festa na cidade com um show da banda Limões Secos, um grupo de senhores que tocavam viola e sanfona. A noite foi muito animada, até os jovens da cidade se divertiram (apesar da música). Havia barracas de vinho, de pamonhas, caldos, além, é claro, das tradicionais barraquinhas de jogos. Patrícia trabalhava numa barraca que servia diversos tipos de petiscos, atendendo a todos com a maior simpatia. Ela trabalhou a noite toda, mas no fundo estava triste.

“Gui, você não quer vir contemplar a beleza da festa? Você pode até ajudar na barraca dos vinhos, ou quem sabe na de jogos, vai ser divertido”, ela lhe dissera. Mas a resposta do marido fora: “...”, isto é, ele a havia ignorado, tratando-a com indiferença. O homem não fazia por mal, mas estava muito estressado nesses últimos dias.

Mas o pior ainda estava por vir: quando a noite chegou, e a festa já terminara, Patrícia caminhou lentamente para sua casa. Queria conversar com Guilherme, mas não ia insistir; em sua cabeça já estava arquitetado e pronto seu infalível plano para persuadir o marido: ia chegar normalmente e dar um beijo nele. Não um beijo qualquer, um beijo dizendo “estou louca para fazer amor agora”. Ela estava inquieta, estava quente. Na opinião dela homem

algun deixaria de se excitar com tal atitude.

O plano falhara. Guilherme estava dormindo quando sua fervente esposa adentrou na casa.

Isso foi a gota d'água. Já se haviam passado 23 dias e 22 noites sem que eles transassem; algo crescia na cabeça de Patrícia (não estou falando de chifres), mas ela conhecia a índole de seu marido e tinha certeza que ele a amava muito e não a trairia.

Os dias passaram tranquilos e eis que chegou o domingo. Era dia de ir à igreja. Aquela semana era especial, pois era época de se confessar. Patrícia acordou cedo, preparou o café da manhã mais simples possível e acordou seu esposo.

Fizeram o desjejum juntos, em silêncio. Patrícia não queria falar sobre confissão com Guilherme. No ano anterior, quando essa mesma época chegara, ela discutira com o marido, que tinha deixado de ser religioso devido a um fato que ele nunca quis contar.

“Para que eu vou querer contar minha vida para um padre? Nem Deus ele é! Isso se Deus realmente existir”. - haviam sido exatamente essas as palavras de Guilherme. “É claro que ele existe”, fora sua resposta, mas seu marido tinha mais argumentos: “Se ele existe, então ele sabe dos meus pecados, e se ele sabe, vai saber se estou arrependido ou não, e se eu estou arrependido, ele vai me perdoar. E se eu vou confessar, eu tenho que estar arrependido, então, pra que eu vou querer falar da minha vida para um padre sendo que Deus já sabe?”. É claro que a teoria de seu marido era satisfatória, mas ela gostava de ouvir os conselhos do padre. Na verdade, ele acreditava em Deus. Acreditava profundamente em Deus, tanto que uma vez, ainda jovem, presenciara as forças do mal em ação e ajudara a derrotá-las; depois disso, haviam lhe dito que ele possuía uma bênção.

Guilherme só não gostava de religiões; não rezava a ave-maria, pois não a venerava, só o que importava para ele era Deus e Jesus, este último como um grande profeta.

Terminado o café da manhã, ela se levantou e retirou os utensílios, enquanto seu marido ia se trocar. Começou a ensaboar os pratos. Patrícia tinha mania de limpeza, gostava de tudo brilhando. Olhou através da janela da cozinha e avistou uma árvore em uma montanha, um ipê-amarelo; ele era muito bonito, suas folhas brilhavam como ouro. Mais abaixo, no pé da montanha, deparou com uma casa, na verdade parecia mais um castelo do que uma casa. Estava maravilhada com tal mansão. Ela ficou em admirando aquela bela paisagem, perdida em pensamentos.

- Querida, vamos? - gritou Guilherme lá do quarto.

- Vamos sim. - respondeu Patrícia, saindo do transe e secando os pratos e a mão.

O vidro da janela da cozinha estava um pouco sujo. Aproveitando seus segundos até

Guilherme descer para a sala de entrada, Patrícia pegou um pano para limpá-lo.

Guilherme desceu até a cozinha e viu sua mulher limpando o vidro. Ele podia ver o muro do Condomínio Solar - aquele prédio ocupava totalmente a visão da janela, privando-os da vista da escola infantil Santos Dumont, onde sabiam haver um mastro com a bandeira nacional.

Patrícia terminou de limpar e se virou. Juntos foram para a igreja.

...

A indústria estava em seu melhor ano. Guilherme, que no ano anterior perdera uma grande quantidade de dinheiro devido à queda de produção, estava feliz com os lucros, e decidira fazer uma surpresa para sua mulher no ano seguinte, quando comemorariam cinco anos de casados. No ano anterior, eles tinham viajado para o Caribe por um mês, e lá ele ganhara uma televisão em um cassino, o maior prêmio em jogo que ele já ganhara; na verdade, ele sempre costumava perder, não tinha muita sorte em jogos de azar. Patrícia, por sua vez, gostara muito da piscina do hotel, que era extremamente relaxante, e ficou por lá um bom tempo.

No aniversário de cinco anos, ele tinha decidido viajar com sua mulher para a França, já que conhecer Paris era um dos desejos de Patrícia. Mas com os excelentes lucros da indústria, resolveu adiar a viagem para fazer uma surpresa ainda maior. Mandou construir, em absoluto segredo de sua mulher, uma mansão numa cidadezinha no centro do Paraná, chamada Pontas, onde pretendia se mudar com Patrícia na data do aniversário de casamento deles, causando uma surpresa para sua amada.

A mansão era muito formosa e trabalhada. Quase cem trabalhadores haviam sido contratados para realizar aquela obra. Apesar de colossal, a construção ficou em total segredo, o que causava certo espanto nos moradores de Pontas que, fascinados com o monumento, sempre esperavam um comentário na televisão ou jornal, mas nem mesmo o *Diário de Pontas*, o jornal local, comentava tal obra.

Os sábios da cidade sempre se reuniam na pracinha para jogar baralho e xadrez - e para comentar os acontecimentos - o que parecia piada para as crianças e mulheres, pois Pontas não tinha mais do que dois mil habitantes e novidade era uma palavra desconhecida para seus moradores, mas agora, com a construção da mansão, sempre havia uns boatos, alguns não muito bondosos, como o que falavam as vizinhas Charlete e Margarida, conhecidas na cidade como “bocas do inferno” devido aos inúmeros mal-entendidos que viviam causando entre os casais da cidade. Charlete não cansava de dizer que aquela casa estava sendo construída por um senhor que pegara sua mulher com outro, e então

resolvera construir a mansão para mantê-la aprisionada. É claro que as pessoas cultas duvidavam, ou melhor, nem escutavam tais comentários, e mantinham distância das “bocas...”.

Guilherme havia escolhido aquela cidade, pois precisava de um local mais sossegado, estava cansado da rotina em cidade movimentada. Pontas era pacata, porém ficou abalada nesses últimos meses quando quatro adolescentes desapareceram. No mais, nada acontecia ali.

Em meados de novembro, quando Guilherme completou seus 30 anos, a mansão ficou pronta, e ele só estava esperando a data do aniversário de casamento para enfim fazer sua surpresa.

Na manhã de 20 de dezembro, quinto aniversário de casamento, o casal partiu para uma viagem, segundo Guilherme uma segunda lua-de-mel, o que deixou Patrícia muito excitada. Eles saíram cedo de Irati, passando por Ponta Grossa, e pararam em Castro para almoçar.

O restaurante não era um cinco-estrelas; mais parecia a cozinha de uma pensão, ou melhor, lembrava um desses lugares onde os donos da casa abrem um novo cômodo de qualquer jeito, onde o garçom é o próprio cozinheiro. Tal ambiente ficava na borda da estrada. Além disso, somava-se o problema de que ficava do lado inverso da pista e Guilherme teve que fazer uma manobra que causou várias buzinas de outros carros que passavam. A fome estava falando alto.

Entraram no restaurante mal construído e, não querendo demorar muito naquele local, pediram a entrada.

- Querido, falta muito para chegarmos? - perguntou Patrícia, que parecia cansada.

“Pai, nós já chegamos” - veio à cabeça de Guilherme, sem nenhum motivo.

- Falta pouco. - foi sua resposta curta e grossa.

Patrícia teve vontade de ir ao banheiro, mas conteve-se. Não era fresca para esse tipo de coisa, porém um pouco de higiene é bom. Dizem que parte da vontade é psicológica, talvez seja mesmo, pois logo passou.

A comida não foi muito agradável, mas satisfez. Apesar do preço, Guilherme não reclamou, pois dinheiro naquela época não estava sendo uma preocupação, mas achou que fora roubado, e realmente fora. Mas enfim, tinham ainda um caminho para percorrer, portanto, de barriga cheia, partiram mais uma vez para seus destinos.

Passada quase uma hora desde a retomada para a estrada, que desta vez fora bem

mais agitada já que Patrícia lembrara-se de ligar o rádio do carro, quebrando o silêncio monótono que ali reinava, o homem pronunciou:

- Estamos quase chegando.

Patrícia deu um suspiro e jogou os cabelos para trás.

- Deus seja louvado.

Estava sentada no banco da direita, com um livro aberto nas mãos. O título, *O Primeiro Mestre*, e a foto de uma muda de Manacá brilhavam na capa do livro. Usava um vestido vermelho. Guilherme adorava aquele vestido, pois deixava sua senhora irresistível; era um vestido colado, torneando as curvas de Patrícia. Ela trocou a posição das pernas só para provocar seu esposo. Deu certo, ele começou a alisar-lhe as coxas.

As montanhas eram impressionantes. Guilherme lembrou-se de quando era criança e viajara para a Finlândia, um país sem graça, mas que tinha um hotel de veraneio maravilhoso. Apesar de na época ser muito pequeno, recordava claramente da viagem.

As montanhas eram íngremes e muito altas. O verde daquela cordilheira representava o belo emaranhado de árvores, trazendo à lembrança as lendas de folclore que escutavam na infância. Quando haviam saído de Castro a temperatura estava em torno de 30 graus, fazia calor. Agora, pouco depois das duas horas da tarde, o ar era abafado e quente, terrivelmente quente, como se estivessem no Rio de Janeiro em plenos 40 graus. Guilherme ligou o ar-condicionado para refrescar.

Passaram por várias placas, algumas pintadas por algum grupinho de vândalos. A estrada estava mal conservada, porém o homem já estava acostumado com isso e nem reclamou. Chega uma hora que todos se cansam e acomodam, talvez por isso os governantes facínoras não fazem nada.

“Que calor” foi uma frase bastante pronunciada durante a viagem.

O sol ardendo nesse fabuloso céu desbotado e seco. Um daqueles dias perfeito pra colocar os bifés na churrasqueira e abrir umas cervejas e ficar no quintal sem fazer nada, esperando algum amigo aparecer, pois eles sempre aparecem.

Seguindo em frente, pois na vida do casal Scaduvári não estava incluso tal benefício, era possível ver o ar ondular acima do asfalto como se estivessem olhando sobre um incinerador e, mais a frente, uma placa verde com cerca de um metro de comprimento por sessenta centímetros de altura, onde se lia a informação “PONTAS A 5 km” pintada de branco, estava fincada em um pequeno monte de grama logo na frente de uma árvore seca.

Haviam chegado...

UMA VISÃO DA MANSÃO.

A cidade era pequena, tinha uns dois ou três edifícios de quatro andares, casas bem feitas e bonitinhas, parecidas com essas casas de bonecas; a igreja, como sempre, ficava no centro e era cercada por uma praça com um coreto, onde, em outras horas, os casais se encontravam para dançar e conversar. Pontas tinha uma peculiaridade: devia ser uma cidade deserta. Desde que chegara, o casal não vira sequer uma viva alma.

- O que aconteceu com o povo desta cidade? - indagou Patrícia.

- É uma cidade pequena, cheia de caipiras; certamente estão organizando os preparativos para o Natal em algum rancho nos limites da vila. - respondeu Gui.

Guilherme continuou dirigindo, passando por um parque. “Pra que isso? Na certa nem tem gente suficiente nesta cidade para ocupá-las”, disse em frente ao parque, com quadras de basquete, futebol, tênis, vôlei e duas piscinas dessas de 25 metros. Durante o trajeto, não viram ninguém. Enfim, ficaram de frente para uma enorme casa no pé da montanha. Uma sensação de familiaridade tomou conta de Patrícia.

- Que casa enorme, amor! - comentou Patrícia.

- Gostou, querida? - perguntou Guilherme, cinicamente.

- Gostei?! É magnífica! - exclamou Patrícia. - A quem ela pertence?

- Que bom que você gostou, pois ela é nossa.

- Nossal? - exclamou, espantada, Patrícia. - Fala sério, Gui, você quase me pegou.

- Não fale mais nada e espere.

O vento soprava forte nas montanhas em frente, juntas elas formavam uma cordilheira. Eram tão perfeitas, que pareciam desenhadas: de longe pareciam azuis, mas quanto mais perto se chegava, melhor se podia ver o verde lustroso tomando conta de seus picos. Em um deles podia se ver uma árvore com folhas douradas: era um ipê-amarelo. Suas folhas reluziam ao brilho do sol, e ele mais bonito ficava quando chegava o pôr-do-sol e a luz laranja-avermelhada refletia na árvore, causando a impressão de que, em vez de folhas, a árvore dava sangue.

Mais para a esquerda, uma montanha formava a figura de um leão, o que antigamente determinara o nome da cidade: Pontas do Leão. Pontas por causa das inúmeras montanhas que formavam vários picos e Leão devido ao formato de uma delas; mas o nome fora

encurtado através do tempo para somente Pontas.

Dizia uma lenda antiga que colonizadores alemães tinham vindo para a cidade em busca de pedras preciosas que havia na montanha do Leão, mas a expedição fora um fracasso devido ao desaparecimento de três mineiros. Além disso, o comentário a respeito das pedras preciosas não passara de um boato, causando prejuízo às famílias dos mineiros que, em sua maioria, haviam ficado e formado o município.

A temperatura, que normalmente não passava dos vinte e poucos graus, estava subindo; a cidade estava abafada, o que causou uma festa na cachoeira das cinco quedas. A maioria da população de Pontas foi prestigiar o evento e aproveitou para dar um mergulho nas águas frias das quedas.

Em meio à festa, os moradores de Pontas não repararam na chegada do dono da ilustre casa, o que, para o Senhor Scaduari, foi uma belíssima coincidência, mas, para as senhoras “bocas do inferno”, não passou de uma lástima.

A cachoeira das cinco quedas fazia parte das maravilhas da cidade junto com o Pico do Leão e o ipê.

A água cristalina que descia, através de várias milhas, desde sua nascente em uma montanha virgem e distante, chegava limpa e caudalosa na cachoeira; ali, suas cinco maravilhosas quedas proporcionavam uma imensa alegria para quem as via e uma imensa tranquilidade naqueles que em suas águas se banhavam.

Marcelo, um garoto de nove anos, sempre freqüentava as quedas. Ele tinha até seu nome gravado em uma árvore antiga e seca, o que não o livrara de uma surra de sua mãe, Fátima, uma mulher apaixonada pela natureza, que não gostara nada da atitude de seu filho. Marcelo sabia de um local perfeito para saltar das quedas; bem à esquerda da cachoeira menor havia uma pedra plana que servia de trampolim e a profundidade da água era grande, não havendo, portanto, nenhum risco de alguém se machucar num salto.

Atrás das quedas, várias árvores formavam um emaranhado verde, local perfeito para os jovens casais da cidade se encontrarem e fazer o que na certa não poderiam na frente de outras pessoas.

...

Enquanto isso, o casal Scaduari finalmente entrou no terreno da mansão.

O jardim que circundava a casa era maravilhoso, com vários tipos de flores, todas escolhidas pelo próprio Guilherme, que como agrônomo entendia de floricultura e paisagismo. Ele deu uma volta pelo gramado com sua amada e depois se dirigiram para

dentro.

Patrícia colocou a mão na frente da boca aberta quando viu o interior da mansão. Simplesmente lindo. O salão de entrada era enorme: havia quatro pilares, dois de cada lado, um metro à frente da porta tinha um degrau que levava ao hall de entrada. Antes de descer o degrau, duas portas, uma à esquerda e outra à direita. Ainda no hall subiam duas escadas que se curvavam e encontravam no andar de cima. Além disso, a casa era toda mobiliada com vários móveis finos. A decoração era impecável.

- Gui, quando você comprou esta casa e por que não me consultou? Deve ter custado uma nota! Poderíamos ajudar várias famílias com este dinheiro. - declarou Patrícia.

- Deixe de bobagem, é o nosso aniversário de casamento - disse Guilherme -, e, além disso, eu não comprei, eu mandei fazer! - completou.

- É maravilhoso, Gui, eu te amo. - disse Patrícia em meio às lágrimas.

Um ruído, provavelmente os móveis rangendo, chegou do segundo andar aos ouvidos do casal, o que chamou a atenção de Patrícia para o teto. Ali, havia muitas pinturas iguais às de igrejas, algumas dando a impressão de estar em alto-relevo; havia uma que mais chamava a atenção: era de um guarda da época do Império romano, todo vestido de vermelho e branco; em sua mão havia um livro e uma pena; aos seus pés, parecendo um animal, estava um homem com roupas sujas e rasgadas; em suas mãos e em seus pés haviam sido colocadas algemas.



Um brilho pareceu voltar aos olhos frios de Guilherme quando este contemplava o teto.

- Belas pinturas! - começou a dizer, com uma voz mais doce e suave. - Eu copiei da igreja de Andradas, uma cidade no sul de Minas que visitei quando fui ver se compensava implantar uma indústria na região. Pena que os acordos não foram bem-sucedidos.

Olhando outra vez para sua mulher, viu lágrimas em sua linda face e sorriu para ela.

- O que foi, querida?

- Nada, amor. - respondeu Patrícia enxugando as lágrimas. - Só estou chorando de felicidade por você ter feito esta grande surpresa para mim.

Em meio àquelas palavras, Guilherme, feliz e sem saber o que dizer, deu um abraço muito caloroso em sua mulher. Ficaram assim por alguns minutos, lembrando o tempo em que eram namorados, a alegria plena os envolvia. Não precisavam dizer nada, muitas vezes as palavras não se tornam necessárias. O simples, porém grandioso, gesto do abraço entre os dois já demonstrava o amor sincero que um tinha pelo outro.

- Venha, vamos conhecer o resto da casa.

Caminharam de mãos dadas até uma estante de livros no fim da sala de entrada.

A estante era de nogueira polida. Vários livros estavam cuidadosamente colocados em ordem alfabética, alguns com uma aparência mofada, outros ainda exalando um cheiro de papel novo. Em cima da estante havia somente a estátua de um dragão de no máximo dez centímetros de largura e uns sete de altura, um foco de luz e um castiçal sem velas.

Guilherme vasculhou em meio a alguns livros e uma caixinha de chumbo, até achar, entre *Anhangá: A Fúria do Demônio* e *ANJO: A Face do Mal*, quatro papéis (na verdade, plantas da casa). Pegou um deles e estendeu numa mesa de vidro na frente da estante.

A mansão era maior do que qualquer pensamento de Patrícia. Ela sempre imaginava casas grandes, mas nunca tinha entrado em nenhuma. Nem mesmo a casa em que o casal morava antes não era nada se comparada àquela.

Através da planta da casa, visualizaram o terceiro andar. Ali, havia sete quartos e uma despensa, onde todas as quinquilharias haviam sido colocadas. Todos os quartos possuíam suíte; eles estavam dispostos da seguinte forma: três na ala oeste, três e a despensa na ala leste e um no centro. Os quartos possuíam uma vista deslumbrante.

- Você não se preocupou mesmo com despesas, querido. - argumentou Patrícia depois de ver o mapa do terceiro andar.

Guilherme colocou a planta que acabaram de ver por baixo da pilha.

- Logo vamos passear pela casa, amor. Só estou mostrando esses mapas para você já ter idéia de como é a mansão.

Ele era uma pessoa extremamente detalhista. Patrícia já conhecia o jeito do marido, e no fundo gostava daquele ser perfeccionista com quem se casou.

Guilherme abriu a planta do segundo andar e, juntos, começaram a estudá-la.

Esse piso era mais ocupado do que o terceiro; lá havia quatorze quartos, seis deles com suíte.

O homem puxou a planta do primeiro andar. O casal investigou-a: ali havia mais nove quartos, sendo que somente dois possuíam suíte.

Finalmente Guilherme pôs de lado as plantas do primeiro e do segundo andar e por fim pegou a planta do saguão.

- Agora preste atenção, querida - disse de repente -, pois estes são os lugares mais importantes da casa, onde passaremos quase todo o tempo.

- Como você pode ver, aqui é a porta de entrada. - Guilherme colocou seu dedo num ponto que indicava a entrada da casa. - Ao lado há duas portas: a da esquerda leva ao salão de jantar e à cozinha, e a da direita leva ao meu escritório. Veja, mais para trás, ao lado do pilar e embaixo da escada da esquerda, tem uma porta que leva a um enorme cômodo que, por enquanto, está vazio. Estive pensando em você montar um ateliê ou o que quiser. Deixo a seu critério. Voltando à planta, aqui, na nossa frente e um pouco à direita, está nosso quarto, que possui a mais bela das vistas desta casa.

Deixaram as plantas de lado e foram, quarto por quarto, conhecer a mansão. Patrícia ficou deslumbrada com a estrutura da casa. Seu marido quando fazia alguma coisa, fazia bem. Muito bem.

Foram mais uma vez até o jardim, onde foram agraciados com o canto das aves e o perfume das flores.

O tempo foi passando enquanto eles namoravam. O sol já estava se pondo e mesmo assim o ar continuava cada vez mais abafado e quente. O murmúrio de gente conversando aumentou, já que o sol se fora e o pessoal voltara da cachoeira.

O casal desfez suas pequenas malas. Haviam trazido pouca bagagem, já que havia sido uma surpresa para Patrícia. Guilherme já havia providenciado uma transportadora para trazer o restante das roupas e seus pertences de valor. No mais tardar chegaria tudo em dois dias.

A noite caiu, e a cidade mergulhou num mar de trevas.

Depois de um dia cansativo, finalmente poderiam relaxar.

A PRIMEIRA NOITE.

Patrícia foi esquentar seu banho, colocando sais de banhos e um pouco de espuma na banheira. Guilherme desceu para o porão onde tinha feito uma adega de vinhos, já que, mais que seu *hobby*, os vinhos eram outra de suas paixões. Olhou maravilhado, como sempre ficava em meio aos vinhos, e escolheu um de 50 anos.

Guilherme dirigiu-se para a saída do porão; estava muito empoeirado o local, mas era justamente o que o senhor queria: ele era extremamente perfeccionista e gostava de adegas empoeiradas, pois isso dava um ar de antiguidade ao local. Tinha parado em frente às escadas do porão; as madeiras estavam podres e faziam estalos quando eram pisadas, o que agradava aos ouvidos do estranho Guilherme.

A banheira já pronta, Patrícia se despiu. Era uma moça doce, em plenos 26 anos, corpo dourado do sol, olhos castanhos cor de mel, cintura fina, pernas grossas, seios bem torneados e duros do tamanho ideal para segurar com as mãos e a bundinha grande e perfeita. Era a típica mulher, vulgarmente falando, BBG: boa, bonita e gostosa. Mergulhou seu belo corpo na banheira enquanto seu marido ia preparando o jantar. Uma música foi chegando aos seus ouvidos - Guilherme havia ligado o som.

Na sala de estar, Guilherme ligou o som e olhou os CDs. Havia poucos, todos eram de grandes nomes da música clássica. Pegou um do Mozart e colocou quase no volume máximo: dava para escutar do terceiro andar da casa.

Aquela foi uma noite agradável. Guilherme havia preparado uma lasanha suculenta para o jantar. Patrícia vestiu um roupão após o banho e desceu para junto de seu marido, que a estava esperando sentado no sofá da sala de entrada escutando música.

- O jantar está pronto, venha. - disse Guilherme.

Guilherme desligou o som e se colocou de pé. Estava usando uma calça jeans e uma camiseta curta de cor bege um pouco suja, pois ele a usara o dia todo e ainda não tivera tempo de tomar um banho. Dirigiram-se para o local que fariam a refeição.

A sala de jantar, como todos os outros aposentos, estava bem decorada, os móveis eram novos e de boa qualidade. Guilherme havia preparado uma bela mesa, dessas que sempre vemos em casa dos ricos em novela (mas, ao contrário da novela, eles iam comer tudo).

- Querido, foi uma ótima surpresa você ter feito esta casa para nós morarmos - falou Patrícia -, mas você sabe que eu participava da vida das pessoas que necessitavam em Irati,

e não posso abandoná-las agora.

- Patrícia, meu amor, você me conhece. Ultimamente tenho estado muito ocupado e, por isso, ausente, não fisicamente, mas mentalmente. Mesmo assim nunca deixei de colaborar com as instituições filantrópicas. Além disso, eu já arranjei novos funcionários para substituí-la. Mas agora deixemos de falar nesse assunto; vamos nos deliciar com a lasanha que preparei. - terminou Guilherme.

Na maior parte do jantar eles ficaram em silêncio. Trocavam apenas algumas palavras.

A lasanha estava magnífica, fazendo com que eles se esquecessem definitivamente daquele restaurante em que haviam parado no caminho. Não sobrou sequer um pedaço para o próximo dia. O vinho que acompanhava a refeição era delicioso, um verdadeiro néctar dos deuses. Patrícia bebeu um copo de água para diminuir o efeito do álcool. Após estarem satisfeitos com o prato principal. Guilherme se levantou e foi para a cozinha.

Após alguns segundos, voltou trazendo uma tigela de tamanho médio e uma garrafa. A tigela estava cheia de frutas cortadas: havia pedaços de laranja, de maçã, de banana e de mamão. A garrafa era de groselha.

Comeram a salada de frutas como sobremesa.

- Você fez o jantar, e agora eu vou tirá-lo, enquanto isso você pode tomar seu banho. - disse Patrícia já se levantando e pegando os pratos.

A banheira já estava pronta para o banho de Guilherme - sua mulher já a havia preparado.

A água fez com que ele relaxasse o máximo possível. O natal estava chegando e estava cheio de serviço. Era preciso correr atrás dos fornecedores de adubos minerais para fechar contrato logo no início do ano. Sua empresa era muito forte no ramo e a demanda de adubos formulados era muito grande. Um momento depois, afastou o trabalho de sua mente e descansou.

Após tomar seu merecido banho, Guilherme foi se deitar. Patrícia chegou logo depois e, juntos, foram dormir.

Patrícia acordou com a luz do sol entrando pela janela do quarto. Demorou alguns instantes na cama até se espreguiçar e levantar. Dirigiu-se para a janela e a abriu: era uma manhã como outra qualquer; a cidade parecia mais aconchegante vista agora com o nascer do sol.

Ouvindo o canto dos pássaros, Patrícia olhou para o ipê e sentiu a mesma sensação de familiaridade que experimentara quando vira a casa pela primeira vez. O ipê parecia coberto de ouro, era uma árvore magnífica, pois suas folhas refletiam a tonalidade da luz solar. O brilho ofuscou por um momento a vista de Patrícia, que sorriu para o céu.

Após aquele belo contato com a natureza, a fome bateu. Fechando a cortina para seu marido continuar dormindo profundamente, ela foi para a cozinha preparar o café da manhã.

Estava quase tudo pronto, só faltava o essencial: não havia pão na casa; ela teria que ir comprar.

Caminhando pelas ruas da cidade, que àquela hora não estava mais deserta, perguntou para uma senhora que fazia caminhada onde ficava a padaria.

“Vire a próxima esquina para a direita e é logo ali na terceira casa” - foram as palavras da gentil mulher.

Ao chegar com os pães, seu marido já estava de pé ao lado da entrada da casa admirando seu jardim, esperando-a chegar mais perto.

- Querida você gostou mesmo do jardim?

- Mas é claro. Ficou perfeito. Você tem ótimo gosto para isso.

- Obrigado. Estive pensando em construir uma fonte. O que acha da idéia?

- Eu gosto dessas flores.

- Sim, mas não estava pensando em tirá-las. Pensei numa fonte ali no meio do gramado.

A mulher olhou para onde seu marido apontava, tentando imaginar uma fonte ali.

- Acho que ficaria muito bom. – disse ela por fim.

Os dois sorriram e sentaram por um tempo juntos.

Os dias foram se passando. Guilherme sempre viajava para cuidar dos negócios e resolver problemas em suas empresas.

Patrícia ficava sozinha; sua única distração era cuidar do jardim e da casa, que já estava com a sua cara após a chegada de seus pertences.

Alguns moradores passavam em frente da mansão, mas nunca se demoravam, nem mesmo conversavam com a senhora Scaduari. Para alguns, ela era uma espécie de bruxa; para outros, apenas uma coitada que ficava presa em casa por ordem de seu marido.

É claro que nenhuma delas era verdadeira. Patrícia e Guilherme davam-se muito bem e ele nunca a havia prendido. O que acontecia era que Patrícia não tinha vontade de sair.

Era como se estivesse ligada à mansão. Apesar disso, ela estava cada vez mais perturbada. Não sentia desejo de sair, porém aquela casa não estava fazendo bem para ela, parecia um canário preso numa gaiola. Ela achava que estava ficando louca: ora escutava vozes em sua cabeça, ora via vultos pela casa. Pensou até em chamar um médico, porém não o fez, pois seu marido chegou em casa naquele dia e ela não quis preocupá-lo.

Tudo iria passar. Enquanto isso, nas horas vagas, Patrícia pegava a Bíblia e lia os ensinamentos do mestre Jesus.

...

Algumas pessoas dizem que as casas têm vida. Na verdade elas não têm vida, pelo menos não vida própria. O que pode acontecer é uma entidade atormentada se alojar no local e sugar o calor das pessoas. É o que chamamos de casa-mal-assombrada.

ANUNCIO NO JORNAL.

Ele olhou pela grade da entrada e a avistou sentada nos degraus em frente à porta da casa, sem fazer nada, nem mesmo com uma tesoura de jardineiro na mão como fizera o mês todo cuidando do jardim. Só estava sentada ali, esperando a Mercedes-Benz toda limpa e polida, as pernas cruzadas, os cotovelos enterrados nas coxas, e o queixo apoiado nas mãos: uma mulher de 26 anos à espera do marido. Aquela visão lembrava a de um menino sem nada para fazer, só esperando seus pais o chamarem para o jantar.

Guilherme abriu a porta da Mercedes e desceu do carro. Estava vindo em direção a ela, uma mão às costas e a outra balançando com o movimento do andar. “É incrível que todos os homens escondam um ramo de flores às costas.” - veio à mente de Patrícia, e ela estava certa.

A uns cinco passos de distância, Guilherme estendeu o braço que trazia às costas e em sua mão um ramalhete de rosas vermelhas com uma branca no centro.

Rosas não eram as flores preferidas de Patrícia, mas para cortejar uma dama não havia nada melhor, assim ela pensava.

“São para mim?” - surgiu à cabeça de Guilherme. Por que será que todas as mulheres dizem isso, mesmo estando somente ela e o cavalheiro?

O sexto sentido (mais do que o filme, estas palavras me lembram dos cavaleiros do zodíaco nas doze casas, apesar de eles estarem alcançando o sétimo sentido) dos dois estava apurado, pois não é que Guilherme estava certo também? Mas como não podia estar? Aquela pergunta era inevitável.

Patrícia adorou o buquê. Por um minuto esqueceu o tédio que estava sentindo e beijou seu marido. É incrível como as coisas mudam quando estamos perto de quem amamos. Ao lado de Guilherme, ela sentia paz, alegria e serenidade. Era como se uma espécie de energia positiva fosse emanada pelo homem e a cobrisse com seu poder. O problema era quando estava sozinha naquela enorme mansão. Mesmo gigantesca, a casa parecia sufocar Patrícia.

- O jardim está bem cuidado. – disse Guilherme.

Patrícia voltou a realidade e sorriu.

- Tenho feito o possível.

- A fonte ficou bela neste local.

- Sim, e o som das águas caindo é tranquilizador.

Abraçaram-se novamente.

- Senti saudade, querida.

- Eu também, Gui. Eu também.

No almoço, que desta vez não foi preparado por eles e sim encomendado no restaurante “Mão cheia”, conversaram bastante.

- Enfim consegui fechar negócio com aqueles ianques cretinos - resmungou Guilherme.

Fosse pela assinatura do contrato, ou fosse pelo que fosse, o fato é que Guilherme chegara à mansão feliz da vida, com um entusiasmo só visto em seu casamento. Naquela tarde, após algumas coisinhas a mais, juntos, deram um passeio a pé, indo até a cachoeira das cinco quedas, onde se banharam e fizeram um piquenique.

Não existe nada melhor para relaxar do que a água fria caindo de uma cachoeira.

Demoraram-se nas quedas. Divertiram-se como crianças, jogando água um no outro. Quando o dia já estava indo embora, resolveram voltar. A cidade estava movimentada. O bar “Encontros” estava cheio de adolescentes; aquele era o ponto da garotada. Embora fosse uma cidade pequena, Pontas tinha mulheres lindíssimas, característica que causava inveja a muitas cidades maiores. Guilherme e Patrícia não foram para a mansão; resolveram dar uma passadinha no barzinho, o que causou vários olhares, não só por serem mais velhos ou por serem os donos da mansão, mas porque todos os jovens frequentadores estavam arrumados cheios de frescuras - os homens com gel nos cabelos, sapatinhos engraxados, as mulheres com maquiagem, vestidos de noite -, e o casal Scaduari vestia roupas sujas de terra, pois eles voltavam de um piquenique e haviam se sentado no chão. Guilherme e Patrícia não se importaram. Patrícia não ligava para essas coisas e Guilherme tinha dinheiro suficiente no bolso para comprar a roupa de qualquer mauricinho que ousasse fazer uma piadinha com eles.

A noite ia passando e o movimento não diminuía.

- Olhe para eles, querido. - disse Patrícia mostrando com os olhos. - Até parece nós quando estávamos namorando, lembra-se?

- Como poderia esquecer? Principalmente de nosso primeiro passeio juntos. - respondeu Gui.

Foi num dia nublado, com ameaça de chuva. Guilherme e Patrícia tinham viajado juntos pela primeira vez. Estavam em Florianópolis. A cidade era, mesmo com aquele tempo, maravilhosa, não havia palavras para descrevê-la, e o casal não queria perder nenhuma vista. Tinham saído cedo e visitado a cidade toda. Faltavam quinze minutos para as sete da noite quando começou a chover.

Não era um temporal; na verdade, sequer chegava a ser uma chuva propriamente dita. Não passava de uma leve garoa. O jovem casal permaneceu na rua, que àquela altura era deserta, a não ser pelos carros ou uma ou outra pessoa que passava correndo, tentando inutilmente se livrar da garoa para não se molhar, mas Guilherme e Patrícia, não. Eles ficaram parados na calçada com os rostos voltados para o céu, que naquele momento estava negro. As roupas já estavam ensopadas. Guilherme, que usava uma camiseta branca, estava com o peito aparecendo, já que sua camiseta ficara transparente, mas, para desespero dos homens que passavam de carro (e mesmo para mim, o autor), nem sequer o sutiã de Patrícia aparecia, pois ela estava com uma blusinha e uma jaqueta por cima.

“Dois loucos” - esse fora o pensamento de quase todos que os haviam visto naquela noite.

- É, aquele foi um dia inesquecível. - completou Patrícia.

A madrugada foi se arrastando e, como todos os outros, o casal se retirou, após Guilherme ter pagado pelos aperitivos e pela bebida.

Um após o outro, os dias foram se passando, e agora as chuvas vinham com mais frequência.

A nova semana seria, para Guilherme, dedicada a uma nova viagem de negócios. Isso deixava Patrícia muito triste. Desde que o marido voltara da última viagem, ela não sentira mais tontura nem tivera alucinações. Ficar sozinha novamente naquela enorme casa a assustava.

- Gui, você tem mesmo que ir? - perguntou Patrícia já sabendo a resposta.

Guilherme olhou-a com um sorriso superficial.

- Querida, sabe que preciso. Mas o que a está preocupando? - disse ele, percebendo um olhar chateado de Patrícia.

Patrícia deixou de lado a colher com leite condensado - estava fazendo um bolo para seu esposo.

- Sabe o que é? Quando você viaja, eu fico sozinha e não gosto muito disso, queria ter uma companhia.

- Mas, se for só isso, então eu tenho a solução para esse problema. Contrate uma empregada! Você terá menos trabalho e ainda vai ter sua companhia. - disse Guilherme.

- Boa idéia! Vou hoje mesmo colocar um anúncio no jornal da cidade! - disse, após um beijo, Patrícia.

- Foi uma grande idéia, não foi? - gabou-se Guilherme. - Mas... e o bolo?

Patrícia pegou novamente a colher e voltou a preparar o bolo.

...

Guilherme estava assistindo a uma partida de futebol na televisão. Aquele era um ano de Olimpíadas e qualquer jogo parecia ficar mais emocionante, mesmo que fosse uma pelada entre times de várzea. Quando chegasse a hora dos jogos, certamente o mundo iria parar para ver o grupo de atletas dando o melhor de si.

Patrícia entrou na sala sem fazer barulho para não tirar a atenção de seu marido, pois ela sabia que a concentração de quem está assistindo a uma partida de futebol é uma arma poderosa. Se Guilherme ousasse desviar seus olhos, o outro time poderia roubar a bola e quem sabe até marcar um gol. O bolo estava pronto, mas Guilherme só tiraria os olhos da TV quando a bola fosse pra fora. Assim sendo, Patrícia deixou um pequeno pedaço numa mesinha ao lado de Guilherme. Na verdade, a jovem teve dificuldade de arranjar um espaço nessa mesinha, pois ela estava repleta de latinhas de cerveja e de pratinhos, agora vazios, mas que há pouco continham presuntos e queijos cortados em pedaços, salames e azeitonas. Para colocar o pratinho com o bolo sobre a mesa, Patrícia teve que retirar os pratos das porções e algumas latinhas.

- Querido, estou indo ao jornal colocar o anúncio pedindo uma empregada - disse Patrícia, meio sem jeito.

“Laita i yondo. Nai varyuvas nórelva i úmië ohtarillon” - foi o que Guilherme ouviu e concordou balançando a cabeça.

...

Fazia um calor infernal na cidade. Nem cinco minutos haviam-se passado desde que Patrícia saíra da mansão, e já estava suando. Ela caminhava pelas ruas. Não tinha carteira de habilitação, e a única vez em que pegara um carro sozinha não soubera dar marcha à ré e acabara batendo na parede da própria garagem. Depois disso, nunca mais quisera saber de dirigir, mesmo com o apoio de Guilherme. Agora ia a pé para o jornal; a cada passo que dava, tinha a impressão de que um litro de suor lhe caía. Demorou, no pensamento, mas chegou à sede do *Diário de Pontas*.

- Boa-tarde senhora. *Nbac*. Em que posso ajudar? *Nbac* - disse uma mulher.

É incrível como existe um certo tom de voz que parece exclusivo de secretárias chatas e irritantes. Trata-se de uma voz extremamente aguda e desafinada, e, além disso,

acompanhada sempre de um chiclete sendo mastigado de forma, digamos, não muito educada (*Nbac*).

A secretária do jornal vestia uma saia curta que mostrava a mais bela de suas virtudes, as pernas muito bem definidas, e um blazer que fazia o contorno de seus seios, que não eram lá essas coisas; segurava uma daquelas espátulas de manicura na mão direita, cutucando as unhas da mão esquerda.

- Boa-tarde! - Patrícia a cumprimentou. - Eu sou a senhora Scaduvári e gostaria de pôr um anúncio no jornal.

Sons horríveis da mastigação do chiclete.

- Humm. *Nbac*. Pode chegar naquela mesinha e conversar com o senhor Leonardo; ele cuida dos classificados. *Nbac* - resmungou a secretária.

“Nunca mais coloco um chiclete na boca”, pensou Patrícia, tentando se livrar da cena nojenta.

Patrícia dirigiu-se para a mesinha indicada pela secretária. Lá estava um senhor já de idade, careca - na verdade, não totalmente, pois tinha um pouco de cabelo em ambos os lados da cabeça. Ele estava de terno e calça cinzas e era gordo.

- Senhor Leonardo? - perguntou Patrícia, parando em frente ao homem.

- Olá! - respondeu Leonardo.

- Gostaria de fazer um anúncio.

Isso parecia óbvio, já que aquela era a seção de classificados.

- Pois não. Deixe-me mostrar alguns exemplos de anúncios.

Ele se levantou e dirigiu-se a um arquivo situado atrás da mesinha.

Leonardo media cerca de um metro e sessenta, um metro e sessenta e cinco no máximo.

Assim como todas as secretárias parecem falar no mesmo tom de voz, parece que todo homem gordo e baixo se locomove da mesma maneira afetada.

Abriu o arquivo e trouxe alguns pedaços de jornais. Colocou-os sobre a mesa.

- Bem, aqui você pode ver os tamanhos. Qual o assunto do anúncio?

- Quero contratar uma empregada. Vim publicar um anúncio e aguardar que haja interessadas.

Leonardo vasculhou os demonstrativos e pegou um.

- Bem, aqui tem um anúncio desse estilo, era para contratar uma secretária.

“*Nha*”, pensou Patrícia.

- Está ótimo.

- Ok. Que palavras pretender usar no anúncio?

- Eu pensei em algo simples, tipo: “Precisa-se de empregada doméstica. Salário digno e quarto para moradia. Interessadas, falar com Patrícia, dirigindo-se à Mansão Scaduvári”.

- Excelente.

- Quando poderá colocar?

- Amanhã mesmo, se você autorizar.

- Amanhã está ótimo.

- Confirmado, então. O preço é pequeno.

Tratados os assuntos financeiros, ficou decidido que o anúncio sairia no próximo exemplar do *Diário*.

...

Havia duas árvores ao lado esquerdo da mansão; a distância entre uma e outra era o espaço perfeito para colocar uma rede de descanso. Percebendo isso, Guilherme foi logo providenciar seu leito e repouso.

Ele se lembrou de que havia comprado uma desses “caras” que vendem na rua. A insistência do rapaz fora tanta, que Guilherme pensara: “Se não comprar essa merda, ele não vai me deixar ir embora”. Esse tipo de coisa ocorre com praticamente todo o mundo. São inúmeras as pessoas que se põem a vender não apenas redes, mas também aqueles protetores para o banco do carro e muitas outras coisas. É um pessoal que se torna chato, tamanha a insistência com que abordam os motoristas. Mas aquela rede foi uma pechincha. O vendedor começou pedindo 50 reais, depois abaixou para 40... para 30... 20. No fim, vendeu por 12 reais e meia latinha de cerveja. Muito conveniente.

A rede estava na pequena despensa no terceiro andar, onde Guilherme não tinha entrado desde que se haviam mudado para a mansão.

Pegou o molho de chaves dos quartos do terceiro andar, que estava ao lado do molho de chaves do segundo andar, dentro de uma caixinha de chumbo na estante entre os livros. Sem demora, subiu para o terceiro piso.

O corredor do terceiro andar tinha um tapete vermelho que ia do começo ao fim. Os móveis, as penteadeiras e os espelhos não estavam empoeirados, o que significava que certamente Patrícia estava indo a todos os andares da casa e limpando tudo.

Guilherme dirigiu-se para a despensa, passando por um espelho. Ele não viu, é claro, pois estava andando reto na direção da despensa, mas algo aconteceu quando sua imagem passou pelo espelho. Um vulto totalmente disforme, pelo menos não se parecia com nada humano ou animal conhecido, numa fração de segundo piscou no espelho.

A atmosfera da casa começou a ficar carregada. Como se nuvens escuras estivessem isolando a mansão do resto do mundo. Visualmente nada se diferenciava, mas a sensação de aperto e de angústia começou a entrar por cada fresta, invadindo o lugar.

Sem notar a mudança no clima da mansão, Guilherme pegou a chave da despensa e abriu a porta.

PENTÁGONO.

- Bem, bem, bem... Parece que aqui ela não mexeu ainda. - disse para si mesmo.

De fato Patrícia ainda não procurara arrumar a despensa; estava uma verdadeira baderna lá dentro: todas as antiguidades das quais o casal não quis se desfazer estavam agora jogadas - jogadas, sim, já que não tinha nada em ordem naquela pequena despensa.

O homem resolveu remexer naquelas “tranqueiragens” quando sentiu uma picada ardente na mão.

- Oh, sua puta de merda!

Guilherme Scaduari gritou essas palavras em meio à dor e à surpresa, chacoalhando a mão direita, onde uma grande e peluda aranha acabara de picá-lo.

Com o balançar da mão, o aracnídeo caiu no meio daquela baderna e logo sumiu na confusão de objetos.

Ignorando a dor, Guilherme começou a procurar a rede. Pulava sobre caixas de papelão de todo tipo: caixa da embalagem do computador, caixa da geladeira etc., e dentro de cada uma delas havia uma bugiganga. De minuto em minuto, ele olhava em volta para ver se havia mais daquelas malditas aranhas. “Vou ter que chamar um dedetizador”, pensou. Temia que houvesse um ninho “daquela coisa”.

Passada a raiva, Guilherme sentou-se com as pernas abertas em uma das caixas, tomando cuidado para não se sentar sobre uma aranha ou qualquer outro bicho. Examinou sua mão: estava inchada. Levou-a até a boca e sugou (o veneno) na parte da picada. Naquele momento, teria que usar a mão esquerda; somente depois iria procurar um médico. Sabia que não morreria por causa de uma picada de aranha, embora a dor o estivesse incomodando muito.

Era 17 de fevereiro. Patrícia tinha acabado de ir ao jornal da cidade publicar o anúncio de oferta de emprego para empregada doméstica. O jogo de futebol a que estava assistindo tinha ficado tedioso; ele pensara que, por ser ano de Olimpíadas, qualquer jogo o animaria, mas não aquele. Pelo amor de Cristo, aquilo era um desacato ao futebol, uma partida tremendamente feia e sem gols.

Até aquele momento, o tempo que passara desde sua última viagem havia sido proveitoso e confortável. As manhãs naquela cidade eram relaxantes. Certo dia, caminhara por entre as montanhas com Patrícia e só tinham voltado à mansão quando o dia já se fora.

Guilherme estava adorando aquele lugar. Gostava mesmo de subir até um pico que tinha o formato de um leão, e lá ficava totalmente calmo em contato com a natureza. A visão do lugar era fabulosa: de lá era possível ver não só Pontas, mas também, quase fora do alcance da visão, uma cidade a leste. Nas montanhas, Guilherme sentia-se em paz. Algo mudara dentro dele; deixara de ser aquele homem frio e totalmente voltado ao trabalho que era antigamente.

Havia muita poeira na despensa, era até ruim de respirar. Aquele pó nocivo entrava pela narina causando tosse e sensação de secura. Ele começou a tirar o pó, mas logo desistiu, já que seu único dever naquele momento era procurar a rede. Talvez mais tarde voltasse para então limpar aquele lugar. Estava justamente tirando o espanador de pó quando a aranha o picara.

Pensou que provavelmente nem saberia mais como espanar pó. Fazia tanto tempo que tinha realizado algum tipo de trabalho doméstico, a não ser na cozinha, que não se podiam contar os anos com as mãos. Ultimamente o único trabalho que fazia era viajar a negócios. Tinha investido algum dinheiro em uma indústria de automóveis; por enquanto não estava dando lucros, mas sabia que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria, não havia meio de falhar, mesmo com toda a crise global que estava ocorrendo.

Guilherme era uma pessoa de muita sorte, isso se houvesse mesmo sorte, no que ele não acreditava; sempre dizia: “não há sorte, há trabalho”. A mesma coisa pensava sobre o destino: achava que o destino nós é que fazemos, e detestava pensar que sua vida já fora programada até o dia de sua morte, afinal isso iria contra o conceito de livre-arbítrio.

Mas, sendo sorte, ou sendo trabalho, Guilherme sabia como lidar com eles. Era um multiempresário. Seu primeiro trabalho depois de formado fora como vice-diretor da fábrica de fertilizantes Karrios, quando seu pai ainda era vivo; depois disso, herdara a fábrica e expandira seus negócios. Primeiramente, comprara o cinema da cidade e montara mais um. Depois disso, tentara um investimento com os ianques em processadores de computadores, que logo fora recusado. Decidira, então, comprar uma fábrica de louças sanitárias. Tinha fazendas onde criava gado de corte, além de algumas lavouras. Uns de seus últimos investimentos fora com jogos de videogame. Sempre tentando fechar negócio com um grupo específico de especuladores.

Ele tinha uma amiga influente entre os empresários que estavam fabricando processadores. Fora por intermédio dela que conseguira o contrato. Era uma mulher valente e, digamos, sem escrúpulos, mas assim deve ser qualquer um que entre nesse ninho de cobras que é o mundo dos negócios. Na verdade, Guilherme Scaduari conseguira a

assinatura de um dos três responsáveis pelo acordo usando um meio não muito aprovável. Fora um jogo. Sua amiga de Nova Iorque, Stefane Giosti era seu nome, acabara dando em cima de Zack Firman, o empresário de maior importância no negócio. Você já pode imaginar: ficaram noivos em pouco tempo, o que já havia sido programado. Stefane e Guilherme haviam feito um acordo: passado algum tempo do noivado, Stefane convenceu Zack a assinar o tratado, e assim ele o fez, já que confiava em sua noiva. Contrato assinado, ela provocou uma briga com seu noivo e assim conseguiu a separação, sem causar nenhuma suspeita. Depois disso, Guilherme cumpriu sua parte no acordo, dando, para ela, trinta por cento das ações da fábrica de louças sanitárias (num primeiro momento Stefane queria trinta por cento da fábrica de fertilizantes, mas Guilherme recusou, pois aquela era uma herança da qual ele nunca iria se desfazer, e os lucros eram maiores do que os da fábrica de louças).

Enfim... A caçada à rede estava repleta de desafios, pois havia várias caixas de papelão com discos de vinil, bonecas, pratos e talheres, tudo o que se possa ter de útil e inútil, e a rede, nada de encontrar. Guilherme demorou um pouco vendo sua coleção de moedas.

Inclinou-se um pouco e lá estava ela: não a rede, mas a desgraçada, a filha-da-puta da aranha. Sentindo forte dor na mão direita (devia ir ao médico), Guilherme pegou uma agenda e partiu para cima da aranha. Agora era a hora da vingança, ia esmagar aquele verme. O coração disparou, a veia no alto da testa estava latejando, a respiração tinha cessado, não queria assustar a aranha. Estava a cerca de cinquenta centímetros daquele monstro, a agenda pairava sobre sua cabeça, só faltava o movimento de misericórdia, mas nesse momento sua vingança foi pelos ares e sua tristeza se elevou até o nível mais alto: a aranha já estava morta. Isso provavelmente significava que seus pensamentos estavam corretos: como podia a mesma aranha que o havia picado morrer subitamente? Aquela deveria ser outra, ou seja, existia mesmo um ninho de aranhas naquele lugar. Isso era perigoso, um ninho dessas pestes precisaria ser destruído.

Sem saber por que, lembrou-se de que tinha visto uma vez, num canal de cultura, que mosquitos, vespas, abelhas e até mesmo mariposas podiam ser responsáveis por vários acidentes de moto. Mesmo com capacete com viseira fechada, o choque entre esses insetos e um motoqueiro podia causar um susto e desequilibrá-lo da moto.

Finalmente, depois de quinze minutos na bagunça, avistou um pedaço de pano que era sem dúvida nenhuma a procurada rede. Guilherme *nadou* até ela e puxou-a. Nesse momento a porta se fechou.

Por puro reflexo, Guilherme se voltou para a porta. “Vento”, pensou. Voltou-se para a rede e puxou-a. Houve um baque surdo quando esta se desprende de umas caixas, derrubando-as.

DVDs caíram ao chão, alguns com etiquetas e outras sem. Em um deles, Guilherme viu escrito: “Fórmula 1: o ano de Senna”. Sem dúvida aquela era uma gravação da conquista do primeiro título de Senna na McLaren. Havia outro com o título de “Indiana Jones”.

Em meio àquela bagunça de DVDs soltos havia também disquetes, um negócio com a forma de um pentágono prata, e vários papéis com aspecto de antiguidade.

Os papéis eram só contratos antigos, já vencidos, e algumas contas de luz e telefone, todas pagas. Guilherme pegou um dos disquetes e leu na sua etiqueta de identificação: “Ensaio para o discurso anual”. Todo começo de ano, Guilherme proferia um discurso de bom ano em suas empresas.

Olhou para aquele estranho objeto prateado. No momento em que seus olhos pararam sobre o pentágono, uma sensação de possuí-lo tomou conta do senhor Scaduari, e ele percebeu que sua mão não estava respondendo, ela estava deslizando para aquela coisa, era mais forte do que ele, não havia jeito de impedir seus movimentos, houve um toque.

Naquele momento a luz apagou.

Um mar de trevas tomou conta da despensa.

Guilherme deixou a rede de lado e foi acender a luz; no trajeto, tropeçou em umas caixas, caindo de queixo no chão.

“Putá merda!”, xingou, levantando-se e acariciando o queixo.

Estava muito escuro, era impossível ver qualquer coisa, mesmo que fosse sua mão na frente do rosto. Guilherme foi tateando até o interruptor.

Ligou-o.

Mas não houve luz; pelo contrário, parecia que a escuridão tinha se intensificado, se isso fosse possível. Guilherme apertou várias vezes o interruptor para tentar acender a luz, mas não adiantou; a lâmpada deveria estar queimada, caso contrário ia queimar com tantos desligar e ligar.

Ele caminhou em direção à porta.

Dessa vez, como forma de precaução para não tropeçar, foi arrastando os pés. Era como se estivesse participando de uma prova em um acampamento de pais e filhos, coisa

que na verdade nunca tinha feito. Sua família tinha se preocupado demais em lhe dar uma vida boa, cheia de luxos, e se esquecera do lazer. Essa poderia ser uma das causas de Guilherme ter crescido como uma pessoa muito ligada ao trabalho. Hoje ele percebia o que perdera em sua infância. Seus pais o amavam, mas não demonstravam isso afetuosamente, e sim com presentes. Isso poderia ser bom no momento, mas lhe deixara uma tristeza que não seria nunca curada.

Chegou à porta.

Estava trancada.

Guilherme começou a bater na porta com a mão esquerda, já que a direita estava inchada devido à picada da aranha.

Sua mão começava a latejar, estava vermelha, mas ele não parava, estava entrando em desespero. Começou a chutar a porta freneticamente, mas ela não se abria.

Guilherme afastou com o pé as bugigangas que se acumulavam perto da porta. Ele pretendia arrombá-la. Pegou distância e correu, com o ombro na frente, na direção da porta.

Houve o choque.

Mas foi em vão. De nada adiantara aquele esforço. A porta parecia blindada, nada acontecia com ela, nem mesmo uma rachadura.

Guilherme voltou a bater na porta com a mão esquerda.

O som começou a se desfazer, as batidas na porta começaram a se perder no infinito. De repente o silêncio tomou conta do lugar.

Guilherme sentiu uma forte tontura, estava zonzo.

A atmosfera sombria chegou até ele, e o dominou por completo.

Sem forças para resistir, desmaiou.

COMPRAS.

Patrícia caminhava para a saída da sede do *Diário de Pontas*. Tinha passado pela secretária e dito um tchau superficial, sem nem sequer olhar para ela. Ficara com medo de que a moça resolvesse falar alguma coisa e o som de *Nbac* voltasse a atormentá-la.

Já estava na porta quando escutou uma voz chamando-a:

- Senhora Scaduari!

Voltou-se na direção da voz. Viu que quem a estava chamando era Leonardo, o senhor responsável pela parte dos classificados no jornal.

Ele vinha em direção a ela.

Patrícia ficou parada, esperando o senhor dizer o que ficara para trás.

- Você esqueceu sua bolsa. - disse ele, entregando uma bolsa de couro à dona.

Patrícia olhou para a bolsa e a reconheceu: era mesmo a sua bolsa de couro. Uma bolsa bonita, de tamanho médio. Tinha uns fiapos de couro pendurados na aba, que era fechada por ímãs redondos. Mas não eram esses ímãs com os quais crianças costumam brincar puxando, através do campo magnético, pregos e pedaços de ferro. Eram ímãs trabalhados e esculpidos à mão. Era, sem dúvida, uma bolsa cara.

- Obrigada! Não sei onde estava com a cabeça.

Leonardo abriu um sorriso, e nesse momento seu rosto pareceu muito mais jovial.

- Acontece com todo mundo.

Riram um pouco e depois se despediram.

O calor ainda não tinha deixado a cidade, apesar de não estar tão quente como horas atrás.

O ar estava completamente parado. O calor era uma coisa sólida, parecendo profundo como uma soturna água de poço. Alguns pinheiros e outras árvores que ficavam por toda parte pareciam murchos e empoeirados.

Patrícia estava morrendo de sede. Avistou uma barraquinha de cachorro-quente. Parecia meio irônico que alguém conseguisse vender cachorro-quente naquele calor, mas havia umas cinco pessoas em volta da barraca. A jovem caminhou até lá.

Quando estava a mais ou menos oito passos da barraquinha, viu que as pessoas ali paradas estavam tomando refrigerantes, e não comendo cachorro-quente.

Comprou um refrigerante de guaraná e se refrescou.

- Vendendo muito cachorro-quente? - perguntou, ironicamente.

O moço que cuidava da barraquinha começou a rir, meio sem graça.

- Com esse calor, nem estou fazendo cachorro-quente, mas pelo menos refrigerante está vendendo para arrebentar.

Ele vestia uma bermuda cinza com alguns detalhes em laranja, provavelmente para combinar com sua camiseta, também laranja, com um “BRAZUCA” estampado na frente; ele tinha um boné na cabeça. Parecia muito jovem; sua face era limpa, não tinha sequer uma espinha, nem barba, nem bigode.

A mulher não demorou muito no local e, quando já tinha pego o caminho para a mansão, se lembrou de que precisava fazer umas compras no supermercado.

“Hoje eu estou mesmo avoada”, disse para si mesma.

Dobrou a esquina para o supermercado, quando viu uma jovem correndo atrás de um menino de cerca de quatro anos.

A criança estava correndo para pegar uma bola de tênis que rolava no chão.

Patrícia, que estava próxima à bola, pegou-a e foi entregá-la.

- Olá! - disse ela, abaixando para falar com o menino. - Esta bola é sua?

A criança não respondeu. “Nunca fale com estranhos”, com certeza ele devia ter escutado isso dos pais, ou seja lá de quem for.

Patrícia se levantou e olhou para a jovem que estava vindo caminhando ao seu encontro.

Era uma moça muito bonita; devia ser um pouco mais nova do que Patrícia: teria, provavelmente, cerca de 21 ou 22 anos.

- Oi, esta bola deve ser de seu filho.

- É, sim, muito obrigada.

Patrícia devolveu a bola para o menino e deu um sorriso.

- Ele aprendeu muito bem a não conversar com estranhos.

- É, ele é muito responsável. Mas vejo que você também está indo ao supermercado; se quiser nos acompanhar.

- Eu adoraria; meu nome é Patrícia.

- Caroline.

Patrícia se abaixou para falar com o menino de novo:

- Qual é seu nome, lindinho?

A criança, que já percebera que não havia perigo se sua mãe estivesse por perto, disse

seu nome: Elton.

O pátio do estacionamento estava lotado. Vários grupinhos de pessoas aqui e ali, ao sol, programando o que fariam mais tarde, se iriam nadar nas cachoeiras, ou andar de bicicleta.

- Olhe para lá, você já deve conhecê-las, as vizinhas Charlete e Margarida.

- Não as conheço. Para falar a verdade, eu não conheço ninguém nesta cidade, quase não saio da mansão.

Sem dúvida nenhuma, Patrícia e Guilherme eram pessoas estranhas para os padrões de Pontas, onde todos conheciam todos.

- Não é bom ter amizade com elas. Longe de mim falar mal de alguém, mas essas duas são fofoqueiras.

Patrícia deu uma olhada nas duas.

As “bocas do inferno” estavam fazendo uma entrada triunfal no supermercado. Charlete e Margarida estavam vestidas exatamente iguais, a não ser pela cor dos terninhos: a primeira com um verde-água e a segunda com um azul-céu.

- Elton, ajude a mamãe com as compras. - disse Caroline entregando uma lista de compras ao filho.

- Ele já sabe ler?

- Sabe, sim; já está na escolinha, não é, filho?

O menino estava vermelho de vergonha.

Caminharam lentamente em direção ao supermercado, a tempo de ver um pequeno acidente. Duas meninas de, no máximo, doze anos cada caminhavam em direção à porta de entrada, conversando com uma revista na mão. A menina que tinha o objeto na mão foi mostrar algo que estava escrito, ou alguma foto, para a amiga, quando bateu de cara na porta. A amiga começou a rir como louca. A princípio, a menina que se acidentou estava irada, mas depois começou a rir juntamente com a amiga.

Já dentro do supermercado, as mulheres pegaram dois carrinhos e começaram as compras. O lugar não era muito grande, mas o dono, sem dúvida nenhuma, sabia como conquistar os clientes usando aquelas técnicas de marketing que colocam as coisas úteis no fim das filas, obrigando as pessoas a passar por prateleiras e prateleiras de itens de consumo impulsivo para chegar até elas.

Caminharam primeiramente em direção à área de latarias. Patrícia pegou uma lata de ervilha, duas de milho verde, uma de azeite e duas de Pomarola, enquanto Elton dizia para

sua mãe, Caroline, pegar duas latas de óleo, uma de Pomarola e duas de atum ralado.

De latarias era somente aquilo.

Segundo ponto: Vegetais e Frutas.

- Pepinos, tomates. - continuou Elton depois de sua mãe ter pego salsinha e cebolinha.

Patrícia levou apenas umas uvas.

Continuaram a comprar algumas coisas: pão, lingüiça, vinho, maionese, alguns produtos de limpeza, sabonete, sabão em pó, batatas, orégano, manteiga, gel dental e bolachas.

- Você não acha a cidade muito quente? – perguntou Patrícia.

Caroline colocou mais um item em seu carrinho de compras, então respondeu:

- Sinceramente eu já me acostumei com a temperatura daqui, mas que ela é alta para os padrões da região, isso é.

- Eu quase morro de calor todos os dias.

- Logo-logo você nem percebe mais.

Foram em frente, devagar. O pequeno Elton disparou a correr até o fim do corredor.

- Seu filho é lindo.

- Obrigada. Ele é tudo para mim.

- Imagino. Desculpe a indiscrição, mas achei você muito novinha para já ter um filho.

Caroline sorriu.

- Tem razão, mas aconteceu. Não prevenimos e fiquei grávida. Logo em seguida casamos.

- Entendo

- Mas e você. Nunca pensou em ter um filho?

Patrícia parou por um momento, imaginando-se mãe. Caroline olhou para ela com uma expressão de felicidade.

- Para falar a verdade tenho vontade de ter uma criança. Só não sei se estou preparada para tal responsabilidade.

- Você vai ver como um filho muda nossa vida.

Patrícia pensou por mais alguns instantes nessa possibilidade, enquanto seguiam em frente. Havia muita gente naquele local. Um homem estava indo e voltando olhando na mesma fileira; devia ser a primeira vez que ia ao supermercado sozinho, pois parecia estar completamente perdido.

Entraram na fila do caixa, que estava muito grande. O caixa rápido era para no máximo dez mercadorias. Estava muito quente no supermercado. “Deveriam instalar uns aparelhos de ar-condicionado”, pensou Patrícia. Ao olhar para o canto esquerdo, perto de um *friezer* de sorvetes, viu um ar-condicionado, mas era o único.

Patrícia começou a sentir dor de cabeça.

A fila chegava perto da prateleira de artigos de limpeza. Muita gente tentava furá-la, mas logo tinha que sair. O supermercado era organizado nessa área: um jovem de cerca de 18 anos retirava as pessoas que furavam a fila e as conduzia ao fim, recebendo muitos aplausos por isso.

A fila andava. Pessoas espichavam o pescoço para ver se ainda faltava muito para o caixa.

Margarida e Charlete apareceram novamente; estavam conversando quando viram Patrícia.

Charlete, que segurava uma cestinha de compras, disse para a amiga, mas de modo que todos pudessem ouvir:

- Aquela não é a bruxa?

Seu olhar parou em Patrícia, mas a jovem a ignorou. As pessoas ao redor, contudo, viraram-se para olhar para as duas desprezadas mulheres.

Percebendo que ela e Charlete não estavam sendo bem-vindas, Margarida foi para a entrada do supermercado, esperar a outra passar as compras pelo caixa rápido. Ela não comprara nada, só tinha feito companhia para sua (única) amiga e fofocado, como sempre faziam.

Quando as duas se retiraram, o ambiente pareceu ter se renovado; um ar de calma entrou nos pulmões dos que ainda estavam no supermercado.

Apesar disso, a dor de cabeça de Patrícia estava ficando cada vez pior; precisaria passar na farmácia para comprar uma aspirina, caso contrário aquela dor iria matá-la.

Enfim sua vez chegou.

Estava passando suas compras quando um clarão veio à sua cabeça: era a mansão. Foi um pequeno instante em que o mundo pareceu parar, pois quando a imagem sumiu, a mulher que estava no caixa continuava com o mesmo detergente na mão.

Ela lembrou-se de uma visão que tivera quando ainda morava em Irati. Patrícia vira um ipê numa montanha e uma enorme casa. Agora percebia por que tivera aquela sensação de familiaridade quando vira a mansão e o ipê: eram os mesmos já vistos por ela. Patrícia

começou a ficar preocupada. Quando criança, tivera algumas visões, mas já fazia muito tempo que não as tinha.

Pensou em Guilherme, sozinho na mansão; queria estar lá junto com ele. Voltaria para casa o mais cedo possível.

Terminou de passar suas compras. A conta ficara meio salgada, mas Patrícia pagou sem reclamar.

Ela esperou Caroline e Elton terminarem de passar suas compras para irem embora juntos.

Os três saíram do supermercado. Caroline pensou em comentar alguma coisa sobre as palavras de Charlete, mas decidiu não falar nesse assunto, a não ser que Patrícia perguntasse. Isso não aconteceu.

A casa de Caroline era perto do supermercado, assim sendo, não demoraram nada para chegar lá.

A casa era bonita e bem feita; tinha um canteirinho de violetas. Tipicamente uma casa de conto de fadas.

- Não quer entrar? - perguntou Caroline.

- Sinto muito, mas meu marido está me esperando. De qualquer forma, obrigada. Espero que você me visite qualquer dia.

Patrícia abaixou-se e deu um beijo no rosto de Elton, que sorriu e depois deu um simpático tchau para ela.

O crepúsculo começara a cair quando Patrícia despediu-se de seus novos amigos.

O calor, que antes era infernal, agora amenizara. A temperatura estabilizara em aproximadamente 20 graus.

As luzes dos postes foram acesas, e logo em seguida houve uma junção de aleluias, circulando em torno das lâmpadas.

Algumas casas tinham luzes no interior, permitindo que se vissem as sombras das pessoas andando de lá para cá. Uma delas mostrava um homem e uma mulher sentados à mesa juntos; outras deixavam ver somente penumbras sinistras.

A dor de cabeça veio como um relâmpago em Patrícia. Dessa vez ela sentiu um calafrio percorrendo seu corpo inteiro, aninhando-se na nuca e eriçando seus cabelos. As veias sobressaíram em seu pescoço em cordões inchados. Os olhos giraram nas órbitas.

Ela levou a mão às têmporas e sentiu-as pulsando. O clarão retornou em sua mente, agora mais intenso, mais demorado e mais real. Patrícia viu a mansão novamente, mas

dessa vez parecia que ela estava dentro do sonho, passando pelo portão de entrada e caminhando em meio às folhagem em direção à porta da casa. Chegando até a fonte que ficava em seu caminho, dobrou à direita e continuou na direção da porta. Estava chegando perto, perto, sua mão sentiu o frio metálico da maçaneta. A porta foi aberta.

A visão, que antes se passava numa velocidade normal, foi repentinamente distorcida: as imagens aceleraram. Patrícia se viu num túnel. Subiu a escada, o terceiro andar estava à sua frente. A porta da despensa emanava uma luz branca ofuscante. Ela foi aberta. No chão estava Guilherme dormindo, desmaiado, ou, pior, morto, era impossível dizer ao certo. Ao lado de Guilherme havia um objeto estranho, todo prata. A imagem começou a subir, como se fosse um filme e a câmara que estava filmando o chão resolvesse filmar o céu. Uma névoa pairava no ar. Patrícia teve uma sensação terrível, como se pressentisse alguma coisa muito ruim. A coisa mais grotesca que ela já viu apareceu no meio da névoa: era como um demônio desses de histórias assombradas, mas a expressão dele não dava vontade de rir, ao contrário, se uma pessoa que sofresse do coração visse aquilo daquela forma era provável que tivesse um infarto, e isso quase aconteceu com Patrícia, que era jovem e não tinha problema algum de saúde.

A face daquela espécie, cheia de tatuagens de algum significado, era como a de um homem e parecia abatida pelo tempo. O pior era a expressão de raiva, ou melhor, não era apenas raiva, aquela face emanava ódio, puro ódio. Seus olhos faiscavam. Era, sem dúvida alguma, um demônio.

A visão sumiu.

Patrícia via agora a rua, que estava deserta. As casas ao redor pareciam olhar para ela.

Cambaleou para frente, ia desmaiar. Mas não podia, tinha que ajudar seu marido. Tinha que ser rápida.

“Guilherme” foi um grito ecoado na rua.

Correu.

ESTRANHO.

Estava ansiosa. Queria chegar à mansão o mais rápido possível, caso contrário algo ruim, muito ruim, iria acontecer. Guilherme estava em perigo, e ela era a única que poderia ajudá-lo.

Cem, duzentos, trezentos passos largos até a mansão surgir na vista.

A rua estava totalmente iluminada pelos postes e pela luz das estrelas e da lua. A mansão era uma mistura de beleza e mistério vistos através daquela iluminação.

Patrícia continuou a correr até que chegou ao portão de entrada. Empurrou com tanta força que o portão girou até atingir o limite e voltar, mas nessa hora ela já se encontrava em frente à porta da mansão.

A porta se abriu.

Nesse momento toda a sua ansiedade sumiu; parecia que um balde de água fria tinha atingido o topo de sua cabeça, fazendo-a voltar para o mundo real. Sentiu-se mais tranqüila.

Foi caminhando em direção à escada, agora muito mais devagar, pois de alguma maneira sabia que nada de ruim havia acontecido, ainda.

A escadaria de mármore estava à sua frente. “Como o Gui tem bom gosto em arquitetura”, pensou, e era verdade: sem dúvida nenhuma, não só as escadas, mas toda a casa era maravilhosa, impossível de descrever.

- Querida, onde você esteve?

Patrícia deu um pulo de susto e se virou.

Lá estava Guilherme, sentado na confortável poltrona de veludo, tomando o que parecia um suco de limão, totalmente são e salvo.

- Gui... Gui. - gaguejou Patrícia ao ver seu marido. - Você está bem?

Guilherme pousou seu copo de suco em uma mesinha e olhou para ela como se a estivesse examinando.

- Claro, estou ótimo, querida. Por quê? Aconteceu alguma coisa?

Ele continuou a encará-la examinando cada fibra de seu rosto para ver se mudava sua expressão. Patrícia parece ter percebido isso, pois conseguiu disfarçar um sentimento meio que de surpresa e alívio.

- Não é nada não. - mentiu. - Ah... eu coloquei o anúncio no jornal. Acho que amanhã mesmo já será publicado. - Apressou-se em mudar de assunto. - Vou colocar as

compras na cozinha e já venho.

- Eu te ajudo.

Bebeu o resto do suco e foi ajudar a esposa.

- O que foi querida? – insistiu Guilherme.

- É bobeira, não se preocupe.

O homem segurou nas mãos dela, fazendo-a parar e olhar para ele.

- Eu te conheço. Sei que algo está te perturbando.

Patrícia não conseguiria mentir olhando nos olhos do marido, portanto respondeu honestamente:

- Tive um pressentimento.

- Pressentimento?

- Sim. Um mal pressentimento com você. Senti que algo de ruim tinha acontecido.

- Estou bem, meu amor. Na verdade acho até que cochilei depois que você saiu. Não estou me lembrando.

Patrícia apertou forte a mão do marido.

- Eu te amo tanto.

Guilherme sorriu.

- Eu também amo você.

Juntos foram colocar as compras em seus devidos lugares.

...

O dia se tornara tempestuoso. Era um aviso de que a época de chuvas estava para começar. Patrícia estava ajudando Guilherme a arrumar as malas para mais uma viagem de negócios.

Terminaram de arrumar as malas e Guilherme foi tomar um banho. Enquanto isso, Patrícia foi preparar o jantar especial de despedida. Dessa vez Guilherme ia demorar um pouco mais para retornar.

Aquilo não foi um jantar, foi um banquete, simplesmente inesquecível.

Conversaram muito, desde assuntos modestos, como o jardim precisando de alguns cuidados, até de política.

A noite foi chegando e com ela um vento congelante.

Puseram-se de frente para a lareira. As chamas do fogo aqueciam os corpos nus do jovem casal. As pernas belamente esculpidas de Patrícia subiam e desciam, acariciando as

de Guilherme, que por sua vez utilizava as mãos em movimentos circulares sobre, ora os seios, ora os glúteos de sua mulher. Seus corpos estavam agora banhados por um delicioso suor. O silêncio foi quebrado. Romperam umas respirações que, à medida que o tempo passava, foram se transformando em suspiros que logo foram substituídos por leves gemidos de dor e prazer...

...

O alvorecer espalhou-se lentamente pela cidade. Nas folhas das árvores, restavam gotas de orvalho que se misturavam com gotículas da chuva que ainda não cessara.

Patrícia levantou cedo e preparou o café da manhã básico para seu marido. Depois foi para a sala assistir aos noticiários da manhã. Guilherme ainda estava deitado quando a mesa para o desjejum foi posta.

Na TV, a mulher do tempo anunciava mais um dia tempestuoso na região.

Um repórter relatava um acidente entre dois ônibus (com sete vítimas) causado pela tempestade, quando Guilherme apareceu, ainda de pijama.

A noite anterior fora mesmo arrasadora, pois Guilherme tomou um belo café da manhã para recuperar as energias.

Enquanto isso, ela foi ao quarto pegar as malas para a viagem do senhor Scaduari.

Patrícia estava tremendamente triste por dentro. Na verdade, não queria de jeito nenhum que Guilherme fosse viajar, queria-o perto, queria-o junto de si, como naqueles dias todos que tinham passado tão depressa. Ela estava até pensando em propor outro piquenique na cachoeira, depois eles caminhariam nas montanhas, tinha traçado vários planos de lazer, mas não ia contar isso a Guilherme, pois sabia que ele também preferia ficar, mas tinha que cuidar dos negócios, e assim ajudou a levar as malas até o carro.

A despedida foi curta. Nenhum dos dois queria prolongar aquele momento. Então, com um beijo de despedida, Guilherme partiu, deixando a mansão e a esposa.

Patrícia voltou para dentro da casa sem olhar para trás. Agora que Guilherme tinha viajado, e estava sozinha novamente, pensou mais uma vez em uma empregada, então trocou de roupa, pegou um guarda-chuva e foi para o jornaleiro mais próximo.

A rua estava deserta; também, pudera, com aquela chuva matinal as pessoas estariam em casa ou no trabalho, e as crianças, nas escolas.

Logo Patrícia chegou à banca de jornal e sem demora comprou um exemplar do *Diário de Pontas* (o jornal da cidade), voltando em seguida para a mansão.

Já em casa, deixou de lado o guarda-chuva, sentou-se numa poltrona e abriu o jornal

direto nos classificados.

Deu uma olhada por cima, lendo alguns anúncios de venda de imóveis, terrenos, automóveis, aluguel de apartamento, trocas de games - havia até um anúncio de venda de uma vaca leiteira -, até encontrar o que procurava. Na seção de empregos, constava seu anúncio, com os seguintes dizeres:

Precisa-se de empregada doméstica. Salário digno e quarto para moradia. Interessadas, falar com Patrícia, dirigindo-se à Mansão Scaduari.

Mal acabara de ler, a campainha tocou.

CHRISTINE.

Patrícia levantou-se da poltrona como se tivesse tomado um choque. Estava tão concentrada no anúncio do jornal, que o mero toque da campainha a assustou.

Deixou o jornal de lado e caminhou até a porta, imaginando que Guilherme voltara para pegar um paletó ou alguma outra coisa que esquecera, mas estava errada; quando abriu a porta e já ia dizer “o que foi que você esqueceu?”, deparou com uma mulher com um jornal na mão esquerda.

Patrícia encarou a mulher sem dizer uma palavra. Depois de passarem alguns segundos (que pareceram horas e horas) se encarando, a senhora Scaduari voltou a si e disse:

- Olá, como vai? Em que posso ajudá-la?

Mal tinha terminado a frase e a senhora na porta já levantava a mão que segurava o jornal.

O jornal era o mesmo que Patrícia estivera lendo. Não demorou muito e seus olhos bateram no anúncio que ela pusera procurando uma empregada.

- Então você veio pelo emprego?

A senhora encarou Patrícia e não respondeu. Em vez disso, retirou do bolso da calça um bloquinho de notas e um lápis comum, e logo começou a escrever.

Sem entender o que aquilo significava, Patrícia ficou esperando, curiosa, até que aquela estranha mulher terminasse o que estava fazendo, fosse o que fosse.

Um instante após, a misteriosa senhora parou de escrever, guardou o lápis no bolso, arrancou a folha onde escrevera, colocou o bloquinho de volta ao local inicial, e entregou a folha escrita para Patrícia, que leu:

“Eu vou muito bem, obrigada, e você? Primeiramente gostaria de me desculpar por não lhe ter respondido, mas, como você deve ter percebido, infelizmente não posso falar. Agora, quanto à sua pergunta, sim, eu vim pela oferta de emprego. Meu nome é Christine Garcia, já trabalhei como empregada doméstica em vários lares, e tenho recomendações da maioria deles. No momento estou desempregada e morando de favor na paróquia do cônego Emanuel. Hoje, quando fui comprar pães e o jornal para o sacerdote, reparei no seu anúncio e gostaria do emprego. O cônego Emanuel, no momento, está ocupado, mas, se você permitir, ele virá mais tarde para falar com você, pois ele entende a linguagem de sinais. Obrigada mais uma vez”.

Terminando de ler, Patrícia dobrou o papel e olhou para a mulher. Christine era uma mulher madura, teria uns sessenta e poucos anos, de estatura mediana; seus cabelos eram grisalhos e penteados para trás até a nuca; estava vestindo uma calça de malha cinza e uma camiseta branca com um coração estampado. Seu rosto era marcado pelo tempo com algumas rugas.

- Vamos marcar uma entrevista para hoje, no fim da tarde? Às seis horas está bom?

Christine acenou que sim com a cabeça.

- Então, você e o cônego podem vir até a minha casa, e se você puder trazer as recomendações de seus antigos patrões, agradecerei.

Mais uma vez, Christine fez que sim com a cabeça e depois acenou em despedida, virando-se e indo embora.

- Então, até as seis! - disse Patrícia e fechou a porta da mansão.

O dia foi monótono. Não houve sol, embora a chuva fosse diminuindo até cessar completamente antes mesmo do meio-dia. Então, formou-se um céu claro com nuvens, dia perfeito para um passeio, mas Patrícia estava desanimada, e, como sempre acontece quando não se tem vontade de fazer nada, as horas parecem durar uma terrível eternidade.

Por volta das duas horas da tarde ela finalmente resolveu dar um passeio ao pé da montanha, só para se distrair um pouco até a entrevista que fora marcada para as seis horas.

Patrícia subiu o morro mais alto e íngreme para poder observar bem a cidade. Do cume dava para ver as construções espalhadas lá abaixo. Um caminho estreito por entre árvores, serpenteando até o pico, era usado por jovens aventureiros, mas a senhora Scaduari pegou outro caminho que subia reto a leste da encosta da montanha, tendo que cruzar, por uma ponte, o rio, onde havia uns quatro ou cinco pescadores. Esse rio, limpo e cristalino, descia até a cidade, onde recebia tratamento para poder ser utilizado como potável.

No pico do morro, Patrícia sentou-se e ficou admirando o céu. Olhou para as nuvens que se movimentavam vagarosamente, desmanchando antigas formas de animais e objetos. O vento estava calmo, fazendo com que apenas alguns fios de cabelo se movessem, além de algumas folhas de árvores.

O tempo foi passando sem que Patrícia percebesse. Quando voltou a si, constatou que já era tarde e que tinha que voltar logo para a mansão, do contrário seus convidados encontrariam a casa vazia.

Ela voltou pelo mesmo caminho. Vez por outra, via macacos pulando de galho em

galho. O que também não faltava por ali eram espécies de pássaros, desde pardais até tucanos; por sorte aquele local ainda não fora explorado pelos gananciosos caçadores.

Quando passou pela ponte, notou que apenas dois pescadores ainda permaneciam por ali; os demais já tinham ido embora.

O caminho para casa foi solitário e rápido. Ao chegar à mansão, ainda teve tempo para tomar banho e preparar um café para os convidados.

Precisamente às seis horas a campainha da mansão voltou a soar e logo o cônego e Christine estavam sentados na sala de estar defronte à lareira.

Christine ainda vestia a mesma camiseta branca com o coração estampado. O sacerdote estava com uma calça jeans e uma camiseta branca colada no peito e uma corrente dourada com um crucifixo ao redor do pescoço.

Beberam o café e conversaram um pouco até decidirem começar a entrevista. Patrícia examinou as recomendações de Christine e ficou muito satisfeita.

- Suas recomendações me agradaram muito. Desculpe minha indiscrição, mas tenho que saber algumas coisas pessoais.

Christine encarou Patrícia sem piscar, e depois, com a cabeça, fez um sinal positivo.

- Você fuma?

Logo que a pergunta foi feita, Christine deu um sinal negativo.

- Tem vícios com bebidas ou qualquer tipo de droga?

Mais uma vez a resposta foi negativa.

Patrícia abriu um largo sorriso e disse:

- Bem, suas recomendações são excelentes, não tem nenhum tipo de vício, o cônego veio te recomendar...

- Ela é ótima trabalhadora e um doce de pessoa, você vai ver. - interrompeu o cônego.

- Espero muito! Então já está decidido: você está contratada.

ONDE AS SOMBRAS SE DEITAM.

... 1 ...

Acompanhada de Christine, Patrícia foi para a cozinha preparar uns biscoitos, enquanto o cônego Emanuel dava uma olhada na mansão e aproveitava o tempo para benzê-la, a pedido de sua anfitriã.

A escuridão foi tomando conta da pequena cidade.

Patrícia e Christine estavam na cozinha, sob a fraca luz de uma única lâmpada. A senhora Scaduari mostrava à nova empregada onde cada coisa, como garfos, facas, pratos ou copos, ficava. Ela sabia, é claro, que Christine não iria decorar tudo tão rapidamente, mas era bom já ir dando umas dicas.

De posse dos ingredientes, elas começaram a preparar os biscoitos enquanto iam conversando (Christine com seu bloquinho de notas).

O tempo foi passando e com ele os biscoitos foram crescendo até ficarem prontos.

Patrícia arrumou a mesa, colocou a bandeja com os biscoitos e preparou um suco de pêra. Em seguida, elas se dirigiram para a sala à espera do cônego.

As chamas da lareira estalavam a todo segundo; a noite estava fria e o fogo as deixava aquecidas.

- Guilherme queria colocar a pele de um urso aqui no chão; ele diz que isso é extremamente elegante, mas não sei, não gosto muito de comprar peles de animais. - disse Patrícia.

Christine não respondeu, limitando-se a olhar para o chão, imaginando a pele ali pousada. Na verdade, uma pele de urso no chão daquela sala daria um ar de casa de campo à mansão, além de combinar perfeitamente com a decoração da casa, mas fazer o que se a dona da casa era assim tão politicamente correta?

Patrícia se levantou e começou a andar pela sala. Parou diante da estante de livros. Guilherme possuía obras magníficas; entre elas havia uma coleção de Stephen King, além das magníficas obras de J.R.R. Tolkien. Na estante constavam também *Território V*, *Lordes de Thargor*, *Filhos de Galagab*, *Ethernyt*, *Dragões de Éter* e *O Desejo de Lilith*, todos eles de autores brasileiros.

Patrícia continuou andando pela sala. Uma hora depois começou a chover. A jovem já estava começando a ficar preocupada com o cônego Emanuel; ele já deveria ter voltado. Será que o padre tinha se perdido na casa? Não, isso não era possível! A casa, sem dúvida, era enorme, mas não a ponto de alguém se perder por uma hora.

- Por que será que o cônego ainda não voltou?

Patrícia esperava uma resposta de Christine. Esta olhou para a nova patroa e começou a escrever no seu bloquinho de notas:

“Ele sempre costuma se demorar, mas a senhora tem toda razão: a essa hora ele já deveria estar aqui”.

Patrícia terminou de ler e decidiu ir à procura do sacerdote. Nesse instante, porém, viu-se, através das janelas, um raio que iluminou a mansão por dentro. Ela ficou imóvel, e nesse mesmo instante imaginou ter visto algo estranho, uma criatura grotesca com asas e chifres, com uma das garras segurando um objeto pentagonal. Quase no mesmo milésimo ouviu-se um estrondo de trovão seguido de um grito agudo e longo.

As chamas da lareira se apagaram.

A escuridão total foi se desfazendo à medida que o fogo da lareira foi se reacendendo; primeiro, somente uma fagulha estava acesa; depois, ela foi ganhando vida e se transformou em várias chamas, que outra vez estalavam brilhando.

Patrícia retornou a si depois do susto; agora estava mais calma, mas o som daquele grito ainda zumbia em seu ouvido, atormentando seus pensamentos e fazendo todos os seus nervos se arrepiarem. Olhou então à sua volta e viu as escadas que levavam aos andares de cima; continuou olhando em volta até que seus olhos pairaram sobre uma senhora já de certa idade, com uma camiseta com um belo coração estampado no peito, cabelos grisalhos penteados para trás. Essa senhora era Christine, e, pelo seu olhar vidrado (imensas bolas de gude fixas nos olhos de Patrícia) e por sua falta de movimentos, devia estar desmaiada sobre o sofá.

O pânico tomou conta de Patrícia novamente. Agora ela estava dividida em duas: uma parte de si queria cuidar de Christine, mas a outra parte sabia que deveria procurar o cônego, afinal, aquele som agudo que há pouco tinha escutado era nada mais, nada menos que um grito de terror. Assim sendo, certamente o cônego necessitava de ajuda o mais rápido possível; alguma coisa (uma estante) poderia ter caído sobre ele, ele poderia ter virado o pé... ou será que ele viu algo que o assustou? Esse último pensamento parecia ter vindo de dentro de Patrícia e não de seu cérebro, como se não fosse ela quem o houvesse tido.

O tempo estava passando, e ela tinha que ver o que acontecera ao pobre cônego Emanuel.

Enfim, decidiu-se: andou em direção à escada, colocou o pé direito no primeiro degrau, em seguida o esquerdo no segundo degrau; parou um pouco e olhou para o sofá onde Christine repousava. Tomando coragem mais uma vez, olhou para cima e continuou subindo para procurar o cônego.

... 2 ...

A entrevista tinha acabado. O cônego estava feliz, é claro, e como podia não estar? Havia cumprido seu dever de cristão: ajudara o próximo. Ele dera todo o seu apoio à Christine quando ela passara por seu momento de maior dificuldade, e agora a ajudara a arranjar um bom emprego, em casa de gente decente e honesta. Realmente estava feliz, muito feliz.

- Por que vocês não esperam um pouco? Vou fazer uns biscoitos para nós! - disse Patrícia.

- Será um prazer! - respondeu o cônego.

- Então venha comigo Christine, assim você já vai conhecendo um pouco da cozinha da mansão. Cônego Emanuel, será que o senhor poderia benzer a casa, por favor?

- Mas é claro, minha filha. Vou fazer isso agora mesmo enquanto vocês estão na cozinha.

O cônego, agora sozinho na sala, posicionou-se no centro do cômodo (era assim que gostava de fazer), fez o sinal-da-cruz e começou o ritual:

- Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o Teu nome, venha a nós o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no céu. O Pão Nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido, não nos deixeis cair em tentação e livrai-nos do mal, porque Teu é o reino, o poder e a glória para todo o sempre. AMÉM.

Ele fechou os olhos, ergueu os braços em louvor e continuou:

- Deus todo-poderoso, é grande o Teu amor, é grande a Tua bondade, é grande a

Tua misericórdia. Eu, seu humilde servo, te peço que abençoe esta casa, pois Tu és o alfa e o ômega, o princípio e o fim. Deus todo-poderoso, só em Ti está a salvação, só em Ti está a eternidade, por isso te peço humildemente mais uma vez: abençoe esta casa e os que nela vivem e os conduza ao caminho da iluminação que se encontra em Ti, Pai.

Abriu os olhos e caminhou pela sala, parando em cada canto e fazendo o sinal-da-cruz.

Terminado aquele cômodo, dirigiu-se ao pé da escada, onde benzeu os degraus.

No primeiro andar, repetiu o longo processo do ritual em cada cômodo do andar.

O cônego descansou um pouco, abriu sua bíblia e orou. Estava começando a se sentir mal; veio uma dor de cabeça aguda, como se tivesse levado uma paulada na nuca.

Sentiu náuseas.

Novamente uma atmosfera densa penetrou na mansão.

(Cinco patinhos foram passear, além das montanhas para brincar - essa música não, Xuxa nãããã!!!)

O carpete bege que cobria o piso recebeu dois pingos de suor da testa do sacerdote.

O cônego ajoelhou-se e, quase que por reflexo, suas mãos apoiaram no chão, impedindo, assim, que houvesse um desmaio.

...“Saia daqui, você não é bem-vindo!”...

...“Cristo é o sentido da vida!”...

...“Mamom habita o lugar!”...

A mente do cônego Emanuel estava embaralhada. Vozes sussurravam continuamente em seus ouvidos. Uma batalha havia começado em sua cabeça; era uma terrível guerra, uma guerra entre o bem e o mal, entre o próprio Deus e o demônio.

As vozes foram cessando, e com elas foram embora as dores do cônego. Em seu lugar, uma outra coisa veio: o esquecimento.

O tempo começou a fechar; em poucos minutos viria uma chuva.

O cônego Emanuel já terminara seu trabalho no segundo andar, e agora subia para o terceiro.

Se benzer uma única coisa já era cansativo, imagine benzer todos os cômodos de uma mansão daquele porte (imagine uma mansão maior do que aquela que o Lex Luthor possui no seriado *Smallville*).

O trabalho do cônego estava no fim. Restava agora somente a despensa.

A chuva começou a cair.

Cônego Emanuel, louco para terminar o serviço, caminhou para a despensa. A maçaneta de cor dourada girou. A porta se abriu. Aos poucos, as pupilas do sacerdote foram se dilatando para se acostumarem com a escuridão.

Entrou.

Já adaptado ao breu, o sacerdote examinou o recinto: havia caixas de papelão por toda parte; eram caixas da embalagem do computador, outra da geladeira, e em cada uma havia uma bugiganga. Havia muita poeira, era até ruim de respirar, aquele maldito pó entrava pela narina causando, além de irritação, tosse e uma sensação de secura no ar. DVDs espalhados pelo chão, alguns com etiquetas e outros sem. Em meio àquela bagunça havia também disquetes, hoje substituídos por pen-drives; um negócio com a forma de um pentágono de cor prata; e vários papéis com aspecto de antiguidade.

Após examinado o local, fechou a porta e deu início ao rito.

O corredor do terceiro andar estava mergulhado nas sombras; o tapete vermelho que o cobria estava cinza. No espelho que havia no corredor, uma palavra desastrosa flamejava:

MAMOM.

A reza começou. Como das outras vezes, ele orou o Pai-Nosso:

- Pai Nosso (maldito) que estais no céu, santificado seja o Teu (miserável) nome, venha a nós o Teu Reino (pestilento), seja (mal) feita a Tua vontade, assim na Terra como no (perverso) céu. O pão (mofado) nosso de cada dia nos dai hoje, (jamais) perdoai as nossas ofensas, assim como (nunca) perdoamos a quem nos tenha ofendido, não nos deixeis (sem) cair em tentação e (não) livrai-nos do mal. AMÉM (MAMOM).

O cônego sentia algo errado na mansão, algo que cheirava a ódio, tristeza, rancor, algo mau, terrivelmente mau, que estava há muito adormecido e prestes a acordar e espalhar o medo por toda a face da Terra. Esse mal estava dentro da mansão, e o sacerdote sabia muito bem onde ele se encontrava: era ali, naquela despensa; o demônio ali o esperava. Como um mensageiro da palavra divina, Emanuel deveria expulsar o mal daquela casa.

Tirou o crucifixo que estava ao redor de seu pescoço, apertou firmemente em suas mãos que estavam molhadas de tanto suor e orou:

- Deus, cheio de poder, olhe por esta casa que merece a sua atenção.

“Cale a boca, seu verme imundo” - a voz ecoava na despensa, mas não tinha um ponto de origem; dava a impressão de que as próprias paredes estavam falando. “Seu Deus de maricas não tem poder aqui!”.

Aquela era uma situação delicada para o cônego. Ele já tinha assistido a filmes de possessão, porém aquilo não passava de inverossímil, e, além disso, na ficção o demônio estava sempre no corpo de alguém, e não numa casa inteira. Agora ele estava frente a frente com as forças das trevas, sem câmeras, sem maquiagem, sem figurinos, era real, mortalmente real. Tremeu, suas pernas perderam as forças; elas o mantinham de pé, mas com a menor das brisas o pobre cônego despencaria no chão.

“Agora você conhece as trevas, seu pobre imbecil! Onde está a sua fé de que você tanto se orgulha?”

Emanuel, sim, agora era apenas Emanuel, seu título de cônego já não se fazia útil, era apenas uma criança frágil e indefesa, estava paralisado, sua visão da vida fora destruída...

(Lembre-se: há mais coisas entre o céu e a Terra do que nossa vã e medíocre filosofia imagina.).

Agora Emanuel esperava, sem saber o que fazer, imaginando que o fim estava ali, esperando para apanhá-lo.

“Não, você não vai morrer, ainda é cedo, e muito banal, meu caro oradorzinho de merda”.

Em meio a disquetes, uma figura geométrica prateada com forma de um pentágono se levantou no ar.

O estranho objeto pairou a cerca de um metro e meio do chão e começou a rodopiar; a velocidade aumentando, o objeto saiu de foco devido à rapidez com que estava girando, a única coisa que se enxergava era um filete de cor prata.

A criança Emanuel continuava sem se mexer, observando aquele estranho fenômeno.

O pentágono desapareceu no instante em que um raio iluminou a mansão.

No mesmo instante um trovão arrasou os tímpanos de Emanuel, que despertou e deu dois passos para trás, esbarrando na porta. Imediatamente uma figura monstruosa e deformada, que parecia ter saído de dentro do pequeno pentágono, avançou sobre o pobre Emanuel. As asas do demônio agitaram o ar parado. A criatura tinha um cheiro podre de enxofre, suas garras eram como navalhas afiadas buscando a garganta de Emanuel, que, desesperado, girou a maçaneta da porta. Ela se abriu, fazendo com que ele despencasse no chão do corredor do terceiro andar, pois estava justamente apoiado nela. No instante em que desabou, seus olhos se encontraram com as fendas dos olhos do diabo. Seu desespero foi tanto que sua garganta explodiu em um grito.

A escuridão se fechou ao seu redor.

Esmoreceu.

... 3 ...

Patrícia estava subindo a escada para o terceiro andar; tinha vasculhado todo o primeiro e o segundo andar e nem sequer um sinal do cônego.

Os degraus de mármore produziam eco cada vez que os sapatos de Patrícia tocavam em um deles.

Quatro, três, dois, mais um degrau e estaria no terceiro andar, onde certamente o cônego estava. Deu o último passo nos degraus e enfim chegou ao seu destino.

Patrícia ia caminhar em direção ao primeiro dos oito cômodos daquele andar, tarefa rápida, já que o primeiro andar possuía nove cômodos e o segundo, quatorze. De repente ela escutou ruídos que vinham da escada abaixo, alguma coisa se movia rapidamente em sua direção, podia-se escutar a respiração da criatura a distância.

O medo tomou conta de Patrícia, que parou no topo da escada, colou-se na parede e esperou silenciosamente a aproximação da “coisa”.

O som começava a ficar mais perto, os passos podiam ser ouvidos claramente.

Oito degraus abaixo, cinco, três, lá estava o monstro. Não era tão horrível, só feia pela idade; não tinha asas nem garras, tampouco era algo assombroso: era somente Christine, que tinha se recuperado do susto.

Saindo da sombra, Patrícia esperou Christine alcançá-la.

- Que bom que você acordou! Eu fiquei assustada com seu desmaio.

Christine abriu um largo sorriso e depois tirou seu bloquinho de notas, onde escreveu:

“Onde está o cônego Emanuel?”.

- Não sei ainda, mas nos outros andares ele não está, só pode estar aqui.

Antes que Patrícia terminasse de falar, Christine já caminhava pelo corredor à procura de Emanuel.

Abriram a porta do primeiro quarto e entraram.

Ocupando a maior parte do cômodo, havia uma cama de casal, com um lençol branco cobrindo o colchão de molas e dois travesseiros por cima; de um lado, embutido na parede, havia um guarda-roupa de cor marrom (parecendo os traços da madeira); uma de suas portas abria uma passagem para um banheiro. Patrícia entrou nele para verificar se o cônego estava ali, mas este só continha um chuveiro, um vaso sanitário, um bidê e uma pia. Do outro lado, havia uma escrivaninha com um espelho elíptico, parecendo um enorme zero, daqueles que giram para trás e para frente. Era um quarto simples, porém agradável.

O quarto não estava vazio (havia vários móveis), porém ali o cônego não se encontrava; ele deveria estar em outro quarto, não existia nenhuma outra alternativa. Caminharam em direção à porta; estavam a menos de um metro desta, quando um vento fraco (quase uma brisa) arrepiou as mulheres e a porta se fechou.

Ao primeiro impacto, Patrícia se assustou, mas a consciência se sobrepôs ao medo.

- Estas correntes de ar. - disse.

Christine não demonstrou medo, surpresa ou qualquer outro sentimento; na verdade, nem sequer piscou, como se não tivesse notado a porta fechada.

Patrícia pôs a mão na maçaneta e abriu a porta, que produziu um pequeno ruído.

Dessa vez, sim, elas tomaram um terrível susto, pulando para trás como se levassem um forte choque.

Ali parado no corredor de frente ao quarto em que as duas estavam, pálido como se tivesse visto um fantasma, estava o cônego Emanuel.

- Que susto o senhor nos deu, cônego! - ofegou Patrícia.

O rosto do cônego estava branco como leite, parecia que o sangue não corria em suas veias.

Ele cambaleou e caiu para trás.

- Christine, chame um médico! - gritou Patrícia em desespero.

Christine não se mexia; estava em transe. Foi preciso que Patrícia a cutucasse para que ela retornasse a si.

- O médico, rápido.

Christine correu para a cidade.

...

Patrícia e Christine estavam na sala de espera do hospital. O cônego fora levado para lá por uma ambulância.

Após horas de angústia e preocupação, o médico entrou na sala de espera para dar o

comunicado.

- Como ele está, doutor? Diga a verdade! - exclamou Patrícia.

- Ele ficará bem, porém sofreu um colapso mental; infelizmente sua memória foi apagada e sua capacidade cerebral reduzida em 30%. - respondeu o médico.

Christine não entendera nada daquela explicação, mas sentia que não era uma notícia boa, então começou a chorar.

- O que isso significa? - perguntou, contendo as lágrimas.

- Significa que ele não poderá celebrar mais missas, entre outras atividades.

- E agora, o que será dele?

- Nós entramos em contato com a irmã mais nova de Emanuel; ela virá buscá-lo em dois dias e o levará para São Paulo para morar com ela. Eu sinto muito. - disse o médico e saiu da sala.

Christine estava soluçando; as lágrimas não paravam de cair. Patrícia, sentindo a dor da nova amiga, aproximou-se dela e abraçou-a, chorando também.

A DESPEDIDA (O VERSO).

Dois dias se passaram. Christine já estava melhor. Ela visitava Emanuel três vezes ao dia. O amigo passava bem, apesar de ter-se esquecido de tudo, inclusive da linguagem de gesto, o que fez com que ela precisasse comprar mais quatro bloquinhos (já havia consumido um inteirinho conversando com o sacerdote). Patrícia também visitava Emanuel, e aos poucos ele foi guardando as novas lembranças, como se tivessem se conhecido agora.

Vitória, irmã de Emanuel, havia chegado naquela manhã, e fora convidada, juntamente com o irmão, para almoçar na mansão com Patrícia e Christine, antes de embarcar com o cônego para São Paulo.

Ao meio-dia, todos estavam sentados em volta da mesa na mansão Scaduvári. Patrícia, como anfitriã, deu graças e todos começaram a se servir.

A mesa estava farta. Havia coxas de frango, salada de alface, tomate, vagem, couve-flor, couve; havia também polenta, arroz de forno, tutu à mineira, torresmos, batatas fritas e uma bela leitoa assada que estava douradinha de dar água na boca; para beber, suco de laranja com mamão. Era um verdadeiro banquete.

Cada um repetiu três vezes pelo menos. A comida, por incrível que pareça, acabou. Também, pudera, eles ficaram almoçando e conversando até as três da tarde, quando finalmente se levantaram da mesa e foram para fora da mansão.

Ficaram caminhando alguns minutos em silêncio. Algumas vezes, o simples prazer de estar na companhia de uma pessoa querida vale mais do que mil palavras.

...

Desfrutaram de toda a tranquilidade que o jardim oferecia.

Vitória falou um pouco de sua vida, seu trabalho e a correria do dia-a-dia na “cidade que não pode parar”.

Patrícia também falou um pouco de si, de seu casamento com Guilherme e outras coisas.

- Você acredita que ele construiu essa mansão em segredo? – disse a senhora Scaduvári.

- Como assim em segredo? Você não sabia da construção de uma casa desse porte?

Patrícia sorriu.

- O Gui sabe como fazer surpresa.

- Queria eu ter uma surpresa dessas.

Todos riram com o comentário de Vitória.

- Eu reparei nas pinturas do teto da mansão. – disse a mulher. – São impressionantes.

- Pois é, também acho. Meu marido disse que são iguais as pinturas de uma igreja no sul de Minas.

- Pelo que vejo seu marido é muito detalhista.

- É verdade. Olha só a beleza desse jardim. É obra dele.

Patrícia pensou em Guilherme. Sentia muita falta do marido. Ela não estava completa sem ele. Seu marido era parte essencial na sua vida. O dia que estava programado para ele voltar estava perto, porém as vezes os dias e as horas parecem durar uma eternidade.

Caminharam em volta da fonte e ouviram o delicioso som das águas caindo, nessas horas que davam graças às coisas simples da vida.

O tempo foi passando, já estava na hora de se despedirem.

Vitória agradeceu por tudo à Patrícia e à Christine.

A despedida foi triste para Christine, que era muito grata ao amigo; graças a ele, tivera moradia e agora tinha um emprego.

Nos últimos dois dias, Christine havia se preparado para esse momento, mas agora que ele tinha chegado, era doloroso dizer adeus.

Aos prantos, ela correu em direção ao amigo e deu-lhe um abraço apertado; logo depois, virou de costas e correu o mais rápido possível para a mansão.

- Adeus, amigo Emanuel. - disse Patrícia acompanhando-os ao carro.

Vitória disse adeus e, antes de entrar no carro, mais uma vez disse o tanto que ficou agradecida.

Emanuel entrou no carro logo em seguida, sentando-se no banco do carona. O vidro da janela estava aberto.

Vitória deu partida no carro, engatou primeira e, quando ia saindo, Emanuel chamou:

- Patrícia, já ia me esquecendo...

Como se não soubesse o porque estava fazendo aquilo, mas com a certeza de que era necessário, ele tirou uma tira de papel do paletó e entregou-a para Patrícia.

- Adeus, amiga. - disse Emanuel, e o carro foi embora.

Patrícia ficou observando o carro desaparecer no horizonte; quando este havia saído de seu campo de visão, olhou para a tira de papel que Emanuel havia lhe dado. Desenrolou

o papel, e leu o verso que nele estava escrito:

“Se a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!”.

SEGUNDA PARTE

MATEUS

“Quem tem o Filho tem a vida, quem não tem o Filho de Deus não tem a vida”.

A VOLTA DE GUILHERME.

Patrícia estava no jardim. Havia ficado os últimos quinze minutos deitada na rede que fora amarrada entre as árvores ao lado da mansão.

O canto dos pássaros afastava qualquer sentimento de tristeza. A natureza tem esse poder encantador de fornecer alegria para os corações vazios. Um bom exemplo disso é quando deixamos a cidade grande para passar o fim de semana nas montanhas. O próprio ar, livre de poluição, transmite tranquilidade e paz. O verde das plantas, além de embelezar o lugar, deixando a visão mais deslumbrante, livra-nos do stress decorrente no dia-a-dia.

Christine estava dentro da casa; tinha arrumado a cozinha, e limpava o chão da sala naquele momento. Ela também gostava de desfrutar não só das acomodações da mansão, como, inclusive, das belezas naturais da cidade.

As coisas iam bem. Havia a saudade do cônego, é claro, mas aos poucos sua imagem ia deixando de vir à lembrança. Vitória com certeza estaria cuidando bem do irmão.

A comunicação entre Patrícia e Christine ainda era feita pelos bloquinhos de nota, mas logo seria mais fácil, pois Christine dera à patroa um cartão com o alfabeto dos surdos, e Patrícia logo aprenderia o básico, que são apenas letras individuais, pois utilizava somente uma mão.

O dia era claro. Patrícia estava olhando para o céu, quando escutou um barulho de motor; olhou para frente e viu que um carro estava se aproximando da mansão. Instantaneamente, soube que era Guilherme que enfim voltava para casa.

A viagem havia demorado, pois o senhor Scaduari teve que cauterizar inúmeros ferimentos em suas empresas, causados pelo desvio de dinheiro para o esquema que ficou conhecido nacionalmente como “Mensalão”.

É claro que Guilherme não participou dessa picaretagem, nem ao menos sabia da existência desta maldita máquina de corrupção, porém o desvio de uma fortuna dos cofres do país afetou vários setores, e Guilherme teve que cobrir certos prejuízos. Mas o que mais lhe irritava, e também a todas pessoas honestas do país, é que tudo ficou por isso mesmo. Já havia se passado alguns anos e nada aconteceu. Os prejuízos dos trabalhadores tiveram que ser socorridos por eles mesmos, enquanto os responsáveis permaneciam no “bem-bom”, com a vida tranqüila como se nada tivesse acontecido. Imunidade parlamentar é o fim. Como se diz: “aqui tudo acaba em pizza mesmo”.

Porém o mundo é redondo e ele dá voltas. Tudo tem seu preço, e uma hora ou outra a dívida tem que ser paga.

Depois de dias resolvendo questões financeiras, Guilherme estava de novo em sua casa. Abriu os portões da mansão, entrou com o carro, fechou os portões, acelerou até chegar no estacionamento e desligou o motor logo em seguida.

Patrícia, que estava só observando, esperou o marido sair do carro e logo foi correndo encontrá-lo.

Os dois se abraçaram e se beijaram antes mesmo de um deles dizer qualquer palavra.

- Ah, Gui! - disse finalmente. - Que bom que você veio, estava morrendo de saudade.

- Eu também estava com muita saudade de você, amor. E tenho uma surpresa.

- Surpresa, huum, o que é?

- Bem, não sei se você vai gostar.

- Ah, deixa de bobagem, claro que vou gostar.

- Como você sabe, se eu nem disse o que é?

- Mas eu vou gostar de qualquer jeito, pelo menos já adorei a intenção.

- Bem, sabe o que é? Eu vou ficar aqui por três meses pelo menos.

- Nossa Gui, que notícia maravilhosa! - disse isso e ao mesmo tempo pulou no pescoço de seu marido e lhe deu um beijo.

- Então você gostou?

- É claro que gostei, seu bobo. Mas por que essa surpresa?

- Um homem não pode ficar junto com sua mulher?

- Mas eu não estou reclamando.

Patrícia e Guilherme pegaram as malas que estavam no carro e se dirigiram para a mansão.

- Gui, lembra que eu te disse que precisava de companhia e...

- Você arranjou outro? - interrompeu Guilherme.

Patrícia deu um tapinha no ombro do marido.

- Como você está engraçadinho hoje, hein? Mas, falando sério, apesar de nos falarmos diariamente por telefone, eu acabei não te contando uma coisa.

- Sim, estou ouvindo.

- Eu contratei uma empregada para a mansão.

- É mesmo, querida? E ela é trabalhadora?

- Sim, é uma ótima empregada.

- Então, está de bom tamanho.

- Está, mas, huuuum, tenho que te dizer uma coisa antes, se não você acaba dando mancada.

Nesse instante Guilherme parou no lugar onde estava (a cerca de quatro passos da mansão) e encarou Patrícia.

- Gui, ela é muda. Teve um problema na adolescência e, de lá pra cá, não pôde mais falar.

- E como é que vocês fazem para se comunicar?

- Ela escuta o que eu digo, e se quiser expressar alguma coisa, escreve e depois me mostra.

- Huum, mas o que importa é que ela seja trabalhadora e de confiança.

- Sim, isso ela é. O antigo cônego é que veio me dar as referências.

- Antigo? Eles mudaram de sacerdote?

- É, o cônego Emanuel sofreu um colapso mental e teve que deixar o cargo; agora trouxeram um novo padre.

- Entendi, mas, querida, você ainda não me disse qual é o nome da empregada.

- Nossa, é mesmo, já ia me esquecendo. O nome dela é Christine.

- Christine, hein? Então vamos.

Continuaram o caminho até a mansão, abriram a porta e entraram.

UMA NOITE AGRADÁVEL.

Guilherme e Patrícia entraram na mansão. Christine estava na sala de entrada e quando viu a patroa acompanhada de um homem, logo deduziu que aquele era o senhor Scaduari. Imediatamente soltou a vassoura que segurava para limpar a sala e dirigiu-se para eles.

- Oi, meu nome é Guilherme Scaduari, sou marido de Patrícia. E você é Christine, suponho.

Christine acenou positivamente com a cabeça e puxou o bloquinho de notas, onde escreveu:

“Olá, sim, meu nome é Christine, é um prazer conhecê-lo finalmente. Estou à sua disposição, senhor”.

- É um prazer, também. Mas me chame de Guilherme mesmo, deixemos essas formalidades de lado.

Christine concordou com a cabeça e voltou ao seu trabalho.

Guilherme estava mudado. Raramente ele se encontrava de bom humor para com os empregados. Não que ele fosse uma pessoa ruim, muito pelo contrário, mas o trabalho excessivo havia lhe deixado mais sério e fechado. Mas agora estava decididamente mudado: fora gentil com Christine. Essa mudança havia começado desde que eles tinham se mudado para aquela mansão.

Foram para o quarto e desfizeram as malas, separando as roupas que haviam sido usadas das roupas que ainda estavam limpas.

Guilherme ficara um bom tempo fora e, como pessoa higiênica que era, tivera que trocar várias vezes de roupas, ficando apenas alguns pares de cuecas, meias e roupas sem usar.

- Você já almoçou, querida?

- Ainda não. Estava deitada na rede esperando um pouco.

- Então vamos comer.

...

Depois da refeição foram caminhar pelas montanhas.

A paisagem estava mais verde do que nunca. Pontas, sem dúvida nenhuma, era uma

cidade privilegiada pela natureza.

- Amor, eu disse que vou ficar aqui uns três meses, não foi?

- Disse sim; por quê? Está mudando de idéia?

- Não, é verdade, ficarei pelo menos três meses, mas o motivo eu não disse.

- E qual é o grande motivo?

- Lembra-se daqueles malditos ianques com quem eu estava fechando negócio?

- Sim, me lembro, mas o que têm eles?

- Como você se lembra, fizemos um acordo há algum tempo, mas parece que um deles estava metido com o tráfico no mercado negro. Há uns dois dias houve um atentado na casa desse cidadão e sua família foi morta. A polícia estava investigando esse crime e descobriu o envolvimento de tal pessoa com o tráfico. A empresa sofreu grande queda e precisamos paralisar os negócios até essa situação ser resolvida.

- Nossa, Gui, pelo amor de Deus, não me diga que você está envolvido nisso.

- Mas é claro que não! Não mexo com negócios sujos e ilegais, e você sabe muito bem disso.

- É uma pena que a empresa teve que ser paralisada. Você me contou dos prejuízos que teve devido ao “Mensalão”, e agora isso. Fico chateada por você, mas estou feliz em ter comigo por mais tempo.

- Eu também estou feliz.

Ficaram o dia todo apreciando as belezas naturais da cidade, até que escureceu e tiveram que fazer o caminho de volta para a mansão.

...

Era noite, eles haviam acabado de jantar, quando Patrícia chamou Christine e Guilherme para jogarem uma partida de escopa de quinze. Ela estava ganhando, seguida de perto por Christine e por último, sem nenhuma ameaça para as mulheres, vinha Guilherme.

Estavam se divertindo muito, ao que parecia.

Patrícia tinha um dois de ouros na mão que a ajudou a pegar o sete de ouros e o seis de espadas que estavam na mesa, deixando apenas um três de copas; foi quando ficou meio zozna e balançou a cabeça em círculos.

- Querida, o que foi? Você não está se sentindo bem?

Christine ficou tensa, pois a cena de que se lembrava com o amigo Emanuel era muito parecida com aquela. Será que Patrícia também perderia a memória e sofreria aquilo

que o médico chamara de colapso mental, seja lá o que isso significava?

Guilherme abraçou Patrícia, que estava tendo uma tontura, levantou-a em seus braços, colocou-a deitada no sofá e ligou para o hospital.

GRAVIDEZ.

Patrícia estava deitada na cama do hospital. Acabara de acordar. Seus olhos foram captando, primeiramente, uma imagem embaçada, que depois foi se tornando nítida. Era uma mulher aparentando trinta e poucos anos, morena, olhos cor de mel, cabelos castanhos e encaracolados amarrados para trás; estava toda vestida de branco e possuía uma prancheta na mão esquerda; com a direita escrevia alguma coisa em uma folha que estava presa na prancheta.

- Onde está meu marido?

- Ele está ali fora na sala de espera, junto com uma senhora.

(Christine)

- Doutora, o que foi que aconteceu? Eu estou doente?

- Doente? Ah não! Você está mais saudável do que nunca; isso foi uma tontura por causa da gravidez.

- Quê? Perdão, doutora, o que foi que você disse?

- Disse que você está saudável, e...

- Não, não, depois disso.

- Gravidez?

- É.

- Querida, você está grávida.

Patrícia ficou em estado de choque, paralisada. Aquela era uma notícia maravilhosa, mas que também dava um certo medo.

- Meu marido sabe disso?

- Deve estar sabendo agora, pois o Doutor Roberto foi avisá-lo de que você está passando bem.

- Ele pode entrar aqui?

- Pode, sim, mas você também pode ir até ele. - disse a doutora.

Patrícia dirigiu-se à sala de espera onde seu marido estava. Ela caminhava com a cabeça baixa, pensativa.

O que deveria dizer a Guilherme? Será que ele ia gostar da notícia? Como será que ele ia reagir? Ficaria bravo? Triste? Feliz? E se ele quisesse largar dela agora que estava grávida? Pretendia que ela fizesse aborto?

Todas essas perguntas iam ter as respostas agora.

Patrícia chegou na sala de espera.

Um silêncio constrangedor pairava sobre o lugar; a atmosfera foi esquentando, ficando cada vez mais pesada, e o silêncio ainda predominava. Patrícia queria que Guilherme tomasse a iniciativa. Guilherme também queria cortar aquele silêncio, mas desejava que Patrícia falasse primeiro. Christine, coitada, era muda, e, assim, não poderia fazer nenhum comentário sonoro, a não ser alguns ruídos, que não caíam bem na ocasião; além disso, não queria se intrometer, pois aquilo, sem dúvida nenhuma, não era um assunto que lhe dizia respeito, portanto ficou quieta no seu canto, tentando parecer invisível.

- Gui, eu...

Patrícia havia tomado a iniciativa, mas não precisou terminar a frase. Guilherme, que só esperava um empurrão para começar a falar, foi em direção à esposa e a abraçou, impedindo-a de falar.

- Querida, é maravilhoso!

- Você acha mesmo?

- Lógico, amor.

- Ah, Gui! Eu estava pensando que você não ia gostar, que você ia largar de mim.

- Patrícia, veja bem, eu sei que nós não tínhamos planejado isso, mas aconteceu, e é lindo, um milagre de Deus.

Patrícia já estava em prantos, não falou mais nada, ficou abraçada a Guilherme e este a ela.

- Vou ser pai.

Coitada de Christine. Estava feliz pela patroa, mas aquele momento estava sendo constrangedor para ela. Não sabia se saía ou se ficava, e essa dúvida deixava-a meio tonta. Por fim resolveu esperar para poder dar os parabéns ali mesmo.

...

Por volta das três horas da tarde seguinte, enquanto Guilherme examinava alguns documentos em seu escritório, o telefone tocou. Ele esticou o braço e apanhou o aparelho.

- Alô.

- Senhor Scaduvári?

- Eu mesmo. Com quem falo?

- Sou a secretária do Dr. Firman. Ele gostaria de falar com o senhor.

- Estava esperando a ligação dele. Pode transferir a linha.

Guilherme ouviu o som da transferência e em seguida a voz do homem.

- Boa tarde.

- Olá, Zack. Como está?

- Muito bem, obrigado. Recebi seu recado agora.

- E então, o que me diz?

- Na verdade, Sr. Scaduvári, fico muito honrado com sua confiança, mas desculpa a pergunta, por que eu ao invés de Stefani? Ela já é sua sócia na fábrica de louças sanitárias.

- Meu caro Zack, eu acredito plenamente em sua capacidade de gerenciar. Você aceita cuidar dos meus negócios por um tempo?

- Sendo assim fico feliz.

- Pois bem, você está no comando.

- Se o senhor me permite a indiscrição, eu sei que os motivos são somente seus, mas eu posso saber por que o senhor está se afastando momentaneamente do trabalho?

- Minha esposa. Ela está grávida.

- Ah! Entendo, você vai ficar mais tempo ao lado dela. Fico contente pelo senhor.

- Obrigado Zack. Confio em você. Bom trabalho.

- Agradeço. Parabéns pela criança.

...

Patrícia ia periodicamente ao médico para acompanhar a gravidez e escutar os conselhos do doutor.

Quando já estava em seu quinto mês de gestação, foi marcado um ultra-som para conhecer o sexo do bebê.

Era uma terça-feira com o sol brilhando intensamente, dia ótimo para uma praia; no caso de Pontas, dia de cachoeira. Patrícia foi, acompanhada por Guilherme, ao médico: já era tempo de ver se iam ter um herdeiro ou uma herdeira.

- Está nervosa? Suas mãos estão suadas.

- Um pouco, é uma ansiedade danada.

- É, eu sei, afinal sou o pai.

Ficaram esperando por alguns minutos até que finalmente a recepcionista chamou o casal Scaduvári.

Chegaram a uma sala simples; nela havia uma cama, onde Patrícia se deitou, e alguns equipamentos complicados como em qualquer hospital.

A médica entrou e foi logo dizendo aquelas mesmas palavras que dizia toda vez que

estavam lá:

- Olá, como está a futura mamãe? Oi, senhor Guilherme, como vai o coração do novo papai?

E o casal Scaduvári respondeu do mesmo jeito que respondia toda vez que escutava essas perguntas:

- Tudo bem, doutora Ivone; e a senhora, como está?

Esta era a única fala que mudava, pois ela sempre respondia de acordo com o desenvolvimento de seu dia de trabalho.

- Estou meio cansada hoje. Fiz uma cirurgia de laqueadura que foi um sucesso, mas vamos ao ultra-som.

Ela levantou a camiseta de Patrícia; a barriga da futura mamãe já estava grande; passou um gel nela e pegou um equipamento que realizava o ultra-som.

A doutora Ivone era uma senhora de cerca de 45 anos; não era bonita nem feia, não era alta nem baixa, não era gorda nem magra, não era morena nem loira, era uma médica normal, dessas pessoas que passam pela gente na rua e nem notamos.

Na tela de um aparelho (televisão), foram aparecendo uns borrados que só os médicos entendem e só os pais gostam de ver e dizer: “não é uma gracinha?”, mesmo que não se possa ver nada, a não ser o coraçãozinho pulsando.

- Papai e mamãe, eu já pude ver o sexo da criança. Vocês vão querer saber?

Patrícia olhou para Guilherme e este lhe retribuiu o olhar; depois, disseram juntos:

- Queremos!

- Pois bem, é um lindo menino.

ESCOLHA DO NOME.

Guilherme olhou para Patrícia e piscou. Ela piscou de volta; estava tão nervosa quanto o marido, ou até mais do que ele. O sexo do bebê já fora descoberto, era um menino. Ela e Guilherme haviam comprado enxovais, berço, brinquedinhos de bebê, e, agora, teriam uma decisão muito importante a tomar: escolher o nome da criança.

Patrícia olhou para o relógio que estava ao lado da estante de livros. Era um relógio de estilo, que Guilherme tinha trazido de sua última viagem, desses com pêndulo. Já eram 16:15; haviam-se passado quase três horas desde que eles tinham-se sentado no sofá da sala para pensar em nomes para o bebê:

- Cristiano! - dissera Patrícia, no primeiro minuto após terem-se sentado ali.

- Bonito, mas vamos ver várias opções antes de escolher um nome definitivo. - respondera Guilherme.

“Fábio, Rober, James”, vários nomes foram saindo, mas nenhum que lhes chamassem a atenção.

“Se a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!”

Esse verso voltou à lembrança de Patrícia. Era o que estava escrito na tira de papel que Emanuel lhe dera.

O que será que significava aquilo? Patrícia não tinha idéia. Nem sequer sabia quem era o autor, mas gostara. Aquele verso tinha tocado o fundo de sua alma; era como se ele quisesse lhe dizer alguma coisa, e ela precisava descobrir o quê.

- Querida, acho melhor fazermos outra coisa, assim descontraímos e ainda pode nos vir um nome à cabeça.

Patrícia concordou.

Ela foi até o quarto do casal e abriu o criado-mudo que ficava ao lado de sua cama.

Nele, havia alguns objetos como uma carteira, algumas camisinhas, uns papéis, canetas e outras coisas menos importantes. Procurou, entre os papéis que ali estavam, a tira de papel com o verso, e não demorou a achá-la.

Leu e releu o verso, mas as letras não mudavam, nem o nome do autor apareceu do nada no canto direito em baixo do verso. Não, o verso continuava o mesmo, misterioso e intrigante.

Voltou para a sala, com o papel na mão, e foi falar com seu marido.

- Gui, você sabe quem escreveu este verso?

Guilherme tomou a tira de sua mão e examinou-a.

- Bem, esta letra não é minha, e sua também não é. Não me lembro da letra de Christine, mas suponho que foi ela quem escreveu, já que não foi nenhum de nós.

- Não, não é isso. Foi o antigo cônego quem escreveu. Mas me referia ao autor da frase.

- Huum, deixe-me ler de novo.

Ele olhou para o papel, porém não o leu. Lembrava-se do que estava escrito e não sabia de quem era a frase, mas, como qualquer homem, não queria admitir isso.

- Eu me lembro de ter lido isso em algum lugar, mas não me lembro onde. Faça o seguinte: tem uns livros de poemas ali na estante; aposto que você vai encontrar em algum deles.

Era um cara-de-pau. Já tinha lido todos os livros de poemas e poesias que havia naquela estante, e sabia que aquele verso não constava em nenhum deles.

Patrícia pegou um livro e começou a folheá-lo rapidamente; tinha a impressão de que aquilo não iria ajudar. Havia vários livros. Ia ter que ler todos à procura de duas linhas? No fundo, achava que seu marido não sabia, e só não queria admitir.

- Como eu sou boba, é tão óbvio, como não pensei nisso antes.

Ela largou o livro no chão e deu um tapa em sua testa.

- Amor, já venho.

- Onde você vai querida?

- Falar com uma pessoa que deve conhecer o verso.

- Eu posso saber quem?

Patrícia sorriu e limitou-se a dizer:

- Volto logo.

...

Saiu em direção à porta da mansão. Agora tudo parecia mais claro. Correu até os portões de entrada, abriu-os e atravessou-os. Disparava pelas ruas da cidade. Virou à direita, à esquerda, seguiu em frente e depois, mais uma vez, virou à esquerda.

Estava diante da igreja.

Ainda não era hora da missa, mas as portas do templo estavam abertas. Patrícia entrou por elas e logo viu o padre. Ele estava atrás do altar preparando o sermão que faria mais tarde.

Ela caminhou em direção a ele. Notando a presença da mulher, o padre desceu o degrau do altar e aproximou-se dela.

- Bem-vinda à casa de Deus.

O padre tinha a voz doce e hipnótica, como um canto de sereia. Era maravilhoso o som que saía de sua boca. Se não fosse padre, sem dúvida seria um ótimo cantor do grupo ERA.

Patrícia foi direto ao assunto.

- Padre, o senhor sabe quem é o autor deste verso?

Ela entregou a tira de papel ao padre. Este pegou em sua mão esquerda, enquanto a direita ajustava os óculos em seu rosto.

Assim que o padre terminou de ler o verso, Patrícia disse:

- Foi o cônego Emanuel quem me deu, há algum tempo.

- Sim, sim. Deixe-me ver.

Ele voltou ao altar, onde pegou sua bíblia e folheou até achar o que procurava.

- Aqui está, minha filha.

Ele mostrou a bíblia para Patrícia, que leu um trecho acima do dedo do padre:

“A candeia do corpo são os olhos;

de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá Luz;

Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso.

Se, portanto, a Luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!”.

- É lindo, padre.

- A bíblia inteira é bela! Um pouco difícil de compreender, mas é linda a história de Nosso Senhor.

- E esse trecho, de quem é?

- Mateus, capítulo 6, versículos 22 e 23.

- Mateus, é isso.

Quando o padre pronunciou aquele nome, foi como se a mente de Patrícia clareasse. Mateus era um lindo nome, perfeito para seu filho.

- O que foi? - perguntou o padre.

- Mateus será o nome de meu filho, padre.

- Um lindo nome, filha. Mateus foi um dos apóstolos de Jesus.

- Obrigado, padre; devo ir falar com meu marido.

- Então vá, filha, e volte sempre! E que Deus abençoe você e toda a sua família.

...

Patrícia estava à porta da mansão. Como deveria dizer para seu marido que o nome do bebê seria Mateus, não importando o que ele achasse?

Tomou coragem e abriu a porta.

Guilherme estava sentado no sofá assistindo à televisão e comendo pipoca. Christine estava sentada ao pé da escada; já tinha acabado o serviço e agora tinha uma revista *Veja* nas mãos.

- Gui, eu sei que nome nosso filho vai ter.

Ele, então, desligou a TV, colocou de lado a bandeja de pipoca e escutou. Christine abaixou um pouco a revista de modo a espionar; ela não dera palpite nenhum aos patrões, pois achava que aquela maravilhosa decisão era somente deles.

- Ele se chamará Mateus.

Um brilho saiu dos olhos de Guilherme. Era como se aquele nome fosse destinado a seu filho e a mais ninguém.

Guilherme levantou-se e caminhou em direção à mulher, como se estivesse sendo puxado.

Ajoelhou-se aos pés de Patrícia de modo que sua cabeça ficasse à altura do umbigo dela. Abraçou-a e beijou sua barriga.

- Meu filho, querido Mateus.

Estava decidido: o nome da criança seria mesmo Mateus, como o apóstolo de Jesus.

O NASCIMENTO.

O entardecer estava nublado. Guilherme estava em seu escritório na mansão. Apesar de ter encarregado Zack Firman dos assuntos gerais das empresas, Guilherme, como dono, não podia se dar ao luxo de ficar totalmente ausente das pautas das reuniões empresariais.

Era o nono mês de gestação; o parto seria, provavelmente, naquela semana.

Patrícia caminhou ao nascer do sol, mas logo desistiu, pois as nuvens carregadas começaram a chegar. Agora estava deitada em seu quarto assistindo à sua novela favorita.

Christine estava na cozinha preparando uma sopa. Não tivera muito trabalho naquele dia, pelo menos até aquele momento. Passara grande parte de seu tempo no primeiro andar, em um quarto onde fixara seu aposento. Guilherme estava no escritório mexendo na papelada. Tinha dormido até as 14 horas, deixando seu trabalho um tanto quanto acumulado.

Lá fora, as nuvens carregadas chegavam cada vez mais perto, levando o azul do céu embora e trazendo consigo um cinza sombrio. Uma tempestade estava a caminho. As ruas da cidade estavam vazias; todos os moradores de Pontas deviam estar protegidos no calor de suas casas.

Os relâmpagos iluminavam o céu, enquanto os trovões ribombavam a cada minuto.

As nuvens cobriam a cidade toda, mergulhando-a num mar de trevas.

O ar começou a se mover, causando um certo calafrio na espinha. Era a silenciosa e mortal brisa que anunciava a chegada do golpe final, a terrível tempestade.

O vento começou a viajar mais rápido; não era mais apenas uma brisa, era uma ventania, e das fortes. A poeira subia e cortava o ar. Jornais, folhas secas de árvores e até um boné preto e faixas brancas com o símbolo do Corinthians voavam pelas ruas, de acordo com o ritmo que o vento propunha.

A chuva, que acabara de passar pela torre da igreja, agora estava a não mais do que cinco quarteirões da mansão. Em segundos... não, acabara de chegar. O assobio agudo do vento entrava pelos ouvidos e se encaminhava direto ao cérebro, perfurando-o como uma maçã atravessada por uma flecha.

Patrícia foi, acompanhada de Guilherme, para a cozinha saborear a sopa que Christine havia preparado.

Os trovões estremeciam as janelas da mansão, enquanto o mundo se acabava lá fora.

Estavam comendo quando Patrícia sentiu uma dor insuportável e gritou em desespero.

Guilherme imediatamente se levantou derrubando o prato no chão e fazendo alguns espirros da sopa mancharem sua calça. Christine também se levantou e os dois foram ao auxílio da mulher.

Patrícia estava sentindo uma forte pontada na barriga.

- O bebê. Ele vai nascer.

Parecia que o senhor Scaduari recebera uma paulada na cabeça ao ouvir aquela notícia; estava atordoado, não sabia se telefonava para o médico ou se ficava com sua mulher. Ficou parado sem reação por cerca de um minuto até Patrícia gritar outra vez.

A noite lá fora estava fria e tempestuosa; o vento uivava durante quase todo o tempo.

Na cozinha, mais gritos. O tempo das contrações foi diminuindo; chegara a hora do nascimento.

Guilherme, que tinha voltado a si com os gritos de sua mulher, foi telefonar para o médico. Seu desespero ficou maior quando tirou o telefone do gancho e viu que a linha estava muda: certamente um fio telefônico fora cortado, já que as linhas ainda não eram subterrâneas em Pontas. Ele tentou afastar esses pensamentos de sua mente - sua mulher estava tendo um filho, a companhia telefônica que se preocupasse com a maldita rede elétrica.

Não havia como levá-la para o hospital com aquela tempestade. Guilherme achava que nem mesmo a ambulância viria buscar Patrícia a tempo.

O que ele deveria fazer?

Seu filho estava para nascer.

Balançava o corpo para frente e para trás, enquanto vários pensamentos passavam por sua cabeça, a maioria, senão todos, sem sentido algum. Estava ficando louco.

Finalmente juntou consciência e coragem suficientes e foi falar para Christine que os dois deveriam realizar o parto.

Naquele momento, para piorar, a luz se extinguiu também. O pânico só não se instalou porque Christine mantinha a cabeça no lugar. Ela pegou algumas velas que estavam em uma gaveta no armário da cozinha e acendeu-as.

Patrícia gritava, ao mesmo tempo em que apertava a mão de Guilherme. O aperto era tão forte, que se podiam ouvir os estalos dos dedos que a essa hora já estavam roxos devido ao sangue parado.

Os gritos de Patrícia foram diminuindo, mas os gemidos ficaram mais desesperados.

Finalmente o bebê estava nascendo. Guilherme viu a pequena cabeça da criança, quando, de repente, uma luz brilhante surgiu do teto. A claridade era tamanha que não se conseguia ver nada, ele teve que abaixar os olhos.

Christine e Patrícia pareciam alheias a este fato. “Será possível que somente eu esteja vendo essa luz brilhante?”, pensou Guilherme.

Um zumbido invadiu a mente do homem, e, quando levantou os olhos novamente, viu uma figura vestida de branco.

“Um anjo”, pensou.

Guilherme sentiu uma paz interior dominar seu corpo e alma.

Logo em seguida, assim como a luz apareceu do nada, ela sumiu instantaneamente, levando o anjo junto.

Patrícia apertou a mão do marido com mais força e ele voltou a atenção para o parto. O último grito dado por Patrícia na hora do nascimento foi pior do que qualquer um que o precedera. Foi um urro de animal atormentado, um lamento para fazer toda a noite soluçar, era como se a criança estivesse partindo seu corpo ao meio.

Guilherme ajudou a retirar a criança de dentro de Patrícia. O bebê surgiu todo ensanguentado. Guilherme segurou seu filho, enquanto Christine amarrava e cortava o cordão umbilical.

Com o bebê no colo, Guilherme pediu que Christine limpasse a boca da criança para que ela pudesse respirar ofegante pela primeira vez.

Quando Christine tocou a face do menino, uma luz pareceu sair de seu corpo e um calor percorreu todas as suas veias. Nesse momento ela teve um ataque de tosse que a fez curvar-se para frente, numa dor que rasgava os pulmões. A tosse finalmente passou e ela inspirou, trêmula, enquanto balançava a cabeça.

- Deus seja louvado.

Algo estranho aconteceu. Christine acabara de falar. Mas como era possível?

Só havia duas possibilidades: ou ela os enganara ou um milagre acabara de acontecer.

CHRISTINE FALA.

Finalmente a tempestade passou.

O céu, que mostrara uma tonalidade suja e obscura durante a monstruosa chuva, estava sem nuvens agora e era possível ver o brilho das estrelas e a bela luz refletida pela lua.

O vento também cessara, restando apenas uma brisa leve.

Os grilos e outros animais noturnos voltaram a emitir seus sons característicos.

Guilherme ainda segurava Mateus em seus braços; tinha limpado o sangue de seu corpo, mas ainda restava um pouco. Olhava para Christine, esperando alguma explicação dela, mas esta ficou em silêncio.

- A tempestade passou, devemos ir ao hospital. - disse Guilherme.

Sua conversa com Christine teria que esperar um pouco, pois o mais importante agora era que sua mulher e seu filho recebessem os devidos cuidados médicos.

Christine segurou Mateus, enquanto Guilherme ajudava Patrícia a se levantar.

Devagar e cuidadosamente, saíram pelas portas da mansão e chegaram ao Audi de Guilherme, onde entraram e seguiram para o hospital.

A tempestade tinha sido das bravas. Galhos, a maioria despidos das folhas, jaziam por toda parte nas ruas. Duas árvores tinham sido arrancadas do chão e agora permaneciam caídas. Por sorte as coisas que certamente obstruiriam o caminho estavam fora das ruas, ficando possível o tráfego de automóveis.

Mais adiante se encontrava o motivo da falta de eletricidade. Os cabos de força estavam emaranhados como se fossem um enrodilhado de serpentes se contorcendo preguiçosamente e soltando seu mortal veneno: faíscas com milhares de volts.

Eles continuaram o trajeto até o hospital. No caminho, passaram por pessoas que estavam diante de suas casas vendo o prejuízo causado pela tempestade. Uma casa ficara praticamente sem telhado devido à força do vento.

Não demorou muito e chegaram ao hospital.

Guilherme desceu do carro e já começou a gritar para virem os médicos com uma maca para levarem sua esposa e seu recém-nascido filho.

O escândalo provocado por Guilherme foi tamanho que, menos de quarenta segundos depois, os enfermeiros já estavam lá com uma maca.

...

Estavam agora no quarto do hospital.

Patrícia permanecia deitada em uma cama ao centro do quarto. Ao lado esquerdo dela havia uma cadeira onde Guilherme se acomodara. No fundo do quarto, havia um banquinho, e nele Christine estava sentada.

Mateus tinha sido levado por um enfermeiro para tomar banho e receber os primeiros cuidados.

- Por que você se fingia de muda? - perguntou Guilherme.

Chegara o momento de ter aquela conversa que fora adiada devido à urgência de levar Patrícia e Mateus para o hospital.

Guilherme estava com uma expressão séria no rosto; pelo tom de sua voz, notava-se que estava zangado. Na verdade, estava tentando se controlar para não gritar.

- Gui, tenha calma. Desde que Christine trabalha na mansão, ela não disse nada; seria impossível fingir-se de muda por tanto tempo. - interveio Patrícia.

- Sim, mas...

- E ela sempre usava o bloquinho de notas para se comunicar.

- Tudo bem, mas você a ouviu falando.

Guilherme recuperara o bom senso e ficara mais calmo.

- Ouvi, não posso negar, mas vamos deixar que ela se explique sem fazermos nenhuma acusação.

Christine ouvia atentamente os padrões discutindo. Mas ela mesma não sabia como tinha falado. Era um milagre, só podia ser isso.

- Christine, você consegue falar novamente?

Christine olhou fixamente nos olhos de Patrícia e tentou falar. Sentiu uma coceira em sua garganta quando pronunciou:

- S-sim.

O casal Scaduari olhou assustado e perplexo para Christine.

- Conte-nos o que aconteceu. - pediu Patrícia.

Christine baixou os olhos, confusa. Passaram-se alguns segundos; ela tornou a erguer o rosto e disse:

- Foi como se uma corrente elétrica atravessasse meu corpo e depois minha garganta, saindo pela minha boca. Não sei o que aconteceu, mas quando toquei o rosto de Mateus senti um calor me envolvendo.

Dessa vez ela conseguira falar sem gaguejar, mas ainda não se acostumara, continuava com aquela sensação de coceira na garganta.

- Deixe de bobagem e nos diga a verdade! - crispou Guilherme.

- Mas é a verdade. - retrucou Christine.

- Não minta! - gritou Guilherme, esquecendo-se de que se encontrava em um hospital.

- Gui, pare com isso, ela não ia mentir, não tem motivo para isso. Deve ter sido um milagre. Ela viu o nascimento de uma criança e isso deve tê-la afetado emocionalmente.

Christine olhou amistosamente para Guilherme, mas este a mirava agressivamente. Faíscas saíam do olhar mortal daquele homem.

Não tocaram mais no assunto, mas Guilherme continuou suspeitando de Christine. No fundo, ele sabia que não era possível a doméstica fingir-se de muda o tempo todo, mas seu objetivo era óbvio: atacar a empregada e, assim, ficar tranqüilo. Ele mesmo havia visto um milagre durante o parto. Um anjo. Sim, um ser celestial apareceu para ele, mas Guilherme não queria mais misticismo em sua vida. Já tinha passado por provações espirituais quando mais jovem e agora tudo que desejava era levar uma vida normal.

Houve um momento de constrangido silêncio, quebrado pela enfermeira que entrou no quarto com o pequeno Mateus, agora limpo e envolvido por um pequeno roupão, nos braços.

Ela foi ao encontro de Patrícia e lhe entregou o bebê.

Guilherme posicionou-se ao lado da esposa para juntos acariciarem, pela primeira vez, o filho.

A cena era comovente, digna de final de filme, ou pelo menos de uma foto vencedora de algum concurso de momentos felizes. Mas, na correria, ninguém se lembrara de trazer uma máquina fotográfica.

O nascimento do bebê representou algo de muito lindo, limpando a atmosfera do mal e trazendo paz e tranqüilidade para o ambiente. Mateus certamente produzira isso, pois Guilherme não estava mais nervoso com Christine. Pelo contrário, ele estava feliz, muito feliz: seu filho estava ali com ele, sua vida estava se transformando graças à vinda daquela criança - seu filho, seu amado filho Mateus.

O PIQUENIQUE.

Dois meses depois do dia do nascimento de Mateus Scaduari, Patrícia e Guilherme decidiram fazer outro piquenique.

Era um sábado sem sol, mas o céu estava limpo e claro quando o casal saiu da mansão com o filho, rumo às montanhas. Eles sabiam que deveria haver muitas pessoas nas cachoeiras, como era costume em todo final de semana.

Patrícia viu um canário enfiando-se na fonte que havia na frente do jardim da casa. Ficou olhando encantada para a criaturinha se banhando naquela água tão fria.

Era uma manhã agradável; a brisa noturna que balançara folhas se aquietara, o orvalho já tinha se evaporado todo. Havia pessoas fazendo caminhada pelas ruas, elas iam e vinham a todo o momento. As mulheres, em sua maioria, vestiam calças de ginástica e camisetas largas, enquanto os homens trajavam shorts curtos e camisetas cavadas.

O som do sino do carro de sorvetes ganhava intensidade em meio ao som de crianças gritando os sabores que queriam. Era início de inverno, mas pelo menos naquele dia o tempo estava abafado.

A família Scaduari dobrou a esquina à direita, saindo do perímetro urbano e tomando a direção da montanha, onde faria seu gostoso piquenique.

Christine tivera o dia livre também, mas não acompanhara o casal; ela tinha saído cedo sem comentar aonde ia.

O dia estava tranqüilo até para as formigas que faziam sua trilha para buscar alimentos e levar para seu reino.

Guilherme ficou observando aquela linha de formigas se mover; parou por um momento e ficou pensando no trabalho daqueles insetos. Patrícia, que seguia ao seu lado com Mateus no colo, parou e olhou para o marido.

- O que foi, Gui?

Ele não respondeu. Continuou imóvel e fascinado pelas pequenas e insignificantes formigas, até que, por fim, fez uma expressão de desprezo e pisou no meio da trilha, matando dezenas delas.

- Formigas idiotas! - disse Guilherme, enquanto seu pé ia e vinha para desmanchar qualquer sinal de ligação entre a trilha.

- Que você está fazendo? - indagou Patrícia.

Ele continuou com seu acesso de loucura.

- Nada, só estou me divertindo. - respondeu Guilherme, parando de esfregar o pé no chão e indo acariciar o filho. - Hehe, Matt, você viu o que o papai fez? Você viu? O papai é mau.

Apesar de não entender uma só palavra, Mateus deu um sorriso para o papai.

- Você viu, querida? Ele gostou!

- Vi, vi. Vamos continuar, quero chegar logo.

Patrícia estava usando uma saia jeans que ia até os joelhos, uma blusinha branca com a bandeira brasileira estampada (mas não era a bandeira em seu formato normal, parecia mais uma visão surrealista) e um chapéu do tipo jardinagem. Em seu colo estava Mateus: era um bebê saudável, tinha umas mudas de cabelos pretos na cabecinha, sua pele era branca, bastante branca, mas não a ponto de ser confundido com um albino, seus olhos, como o cabelo, eram de um preto muito forte, tão forte que quase se azulava. Ele estava vestindo um macacão azul-claro e um gorrinho da mesma cor. Guilherme usava bermuda com as cores do exército e uma camiseta branca com a gola verde; carregava nas mãos duas cestas que continham, na direita, seus suplementos, e, na esquerda, roupa, fralda, mamadeira e talco para o bebê.

O tempo continuava abafado, apesar da ausência do sol.

Durante a caminhada, passaram por uma cachoeira onde havia alguns adolescentes e também algumas famílias se deliciando com as águas.

- Água. - disse Patrícia.

Guilherme estava distraído e não escutou o que sua mulher acabara de dizer.

- Água. - insistiu Patrícia.

- Como? - perguntou o marido, que continuava com os pensamentos muito longe dali.

- Estou com sede, preciso de água.

- Só um minuto, querida. Já estamos chegando. Ali, você está vendo?

Guilherme esticou o queixo para frente de modo a mostrar o ipê-amarelo que estava a alguns passos.

Patrícia olhou para o ipê e sentiu a energia voltar em suas pernas, que se moveram mais depressa.

- Então vamos nos apressar.

...

Durante o piquenique, Guilherme pegou uma folha do ipê e deu à sua mulher.

A vista da cidade, ali de cima, os deixava assombrados: era como um aglomerado de pequenas peças de Lego esparramadas no chão. A cidade era ínfima; seus poucos prédios se destacavam em meio às casas; a igreja só era reconhecida por ter, à sua volta, uma praça, e também por estar localizada no centro da cidadezinha.

O vento fraco soprava fazendo os galhos do ipê balançarem e a sensação de abafamento sumir. O barulho das folhas da árvore chamou a atenção do casal. Eles ficaram observando a cor dourada das folhas.

O pequeno Mateus, que estava no colo de sua mãe, também ficou olhando espantado para o ipê. Mas sua visão não teve nada de belo.

As folhas do ipê não eram douradas para Mateus; eram, sim, vermelho-escarlate. Aquelas folhas com formação pegajosa não passavam de enormes gotas de sangue escorrendo e pingando no chão, onde se havia formado uma grande poça rubra. O garoto desviou um pouco o olhar e sua visão caiu em sua mãe: ela segurava uma coisa gosmenta na mão. Na verdade, tratava-se de uma folha do ipê, mas, para Mateus, era como se Patrícia estivesse segurando algo nojento e viscoso, algo estranho e familiar ao mesmo tempo, algo como se fosse um coração.

Mesmo para um bebê como Mateus, jovem demais para entender essas coisas, aquilo causava um terror que só era menor que a dor em sua cabecinha.

Mateus começou a chorar. Sua mãe olhou para ele e depois para as próprias mãos - a folha do ipê ainda estava segura nelas. Depois focalizou o ipê e o viu magnificamente belo e dourado, como antes.

Mateus continuava chorando. Ela e o marido tinham trazido mamadeira para ele, mas Patrícia achou melhor dar-lhe de seu próprio leite para tentar trazer harmonia ao filho. Ela tirou um dos seios para fora da roupa e amamentou a criança.

O pequeno Mateus foi se acalmando e o ipê voltou a ser somente uma árvore com folhas amarelas.

- Há muitas mulheres virtuosas, mas tu, querida, és de todas a mais excelente!

Patrícia, como qualquer mulher, gostava desses elogios, ainda mais vindo assim de repente. Ela e Guilherme estavam se amando como nos dias em que se conheceram. Havia sido bom eles terem-se mudado para Pontas - ali, uma felicidade parecia encobrir a cidade.

Terminaram de comer e ficaram conversando um pouco. Falaram sobre os negócios de Guilherme, sobre a nova vida deles, enfim, falaram muitas coisas naquele dia.

O tempo foi passando e decidiram voltar para a mansão - não era boa idéia deixar o bebê Mateus muito tempo no vento.

Christine estava na porta da mansão. Ela usava um vestido antigo e feio (desses que só velhas usam). A empregada não tinha comentado com os patrões como e onde passaria seu dia de folga, e eles também não a questionaram - afinal, ela tinha o direito de fazer o que bem entendesse em suas horas vagas.

O sol estava, agora, atrás das montanhas, fazendo o topo delas ficar dourado como se pegasse fogo, e o céu mudar seu tom de azul para um alaranjado levemente tocado pelo vermelho.

Ficaram olhando o pôr-do-sol. Quando o astro se retirou, Guilherme pensou no verso que lera uma vez em um livro espírita:

“Eis o Astro Benigno,
O Luminoso Mundo...
O Paraíso dos Nossos Sonhos,
Que Perdemos, Talvez, Para Sempre...”.

É um belo verso, embora triste, se você entender seu significado. Claro que esse verso não está falando a respeito do sol, e sim de uma outra estrela: Capela, na constelação do Cocheiro.

Patrícia espirrou. O tempo mudara rapidamente. A manhã daquele mesmo dia estivera abafada, mas não quente, embora também não tivesse feito frio - tanto que Guilherme estava de bermuda. Mas, apesar disso, eles sabiam que o inverno havia chegado.

- Vejam só, o vento está gelado. É melhor nós entrarmos.

E entraram na mansão, batendo a porta na cara do vento.

A ESPADA.

Guilherme Scaduari estava em seu escritório na mansão. Tinha muito trabalho para fazer. Era julho e aquele era um ano de sufoco. O mundo havia passado por uma grave crise financeira que teve seu início no setor imobiliário nos Estados Unidos, mas que depois atingiu várias outras áreas em diversos países. Guilherme já havia voltado ao seu trabalho gerenciando todas as empresas de sua corporação, e ainda cuidava para que a crise não afetasse seu bolso também. Seu trabalho estava cansativo; umas duas vezes ele perdeu o fio da meada e ficou perdido em pensamentos.

Agora também.

Estivera pensando na época em que reis e imperadores mandavam, quando a força bruta era mais preciosa, tempos como os da Távola Redonda.

Deixou os papéis de lado, soltou o *mouse* do computador e se imaginou um dos cavaleiros do Rei Artur, ao lado de Merlim e Lancelot.

O pensamento foi se tornando desejo - queria ter uma espada *Excalibur* e a queria já, mesmo que não fosse afiada, pelo menos uma dessas estilo oriental para pendurar na parede de seu escritório.

(Ao lado das cabeças de seus inimigos).

Com esse desejo à tona, colocou-se de pé, pôs-se a andar e saiu do escritório.

- Aonde você vai, querido?

Patrícia estava na sala lendo o horóscopo da semana. É incrível como as mulheres se interessam por essas baboseiras, assim como o homem aprecia futebol e cerveja. Ela tinha colocado Matt para dormir havia alguns minutos.

- Estou indo ali na cidade. Já volto!

Guilherme, não querendo continuar a conversa, apressou os passos, abriu a porta e saiu, antes que sua mulher voltasse a falar qualquer outra coisa sem importância.

Apesar de ser pequena, Pontas tinha uma infra-estrutura boa para uma cidadezinha. Perto do centro havia uma loja que vendia coisas bizarras: bonecos, dragões, gnomos, incenso, pedras de signo, duendes, livros de magia, essas coisas um tanto quanto místicas.

Após sair da mansão, Guilherme dirigiu-se até essa loja, atravessando a pequena cidade.

Quando ele chegou na loja, deu uma boa olhada em seu interior e ficou fascinado

com a decoração do ambiente.

Nas paredes haviam sido postas várias prateleiras, e em cada uma delas constava um número infindável de estátuas em miniatura: minotauros com martelos de guerra nas mãos, esfinges, magos, bruxas. Havia até algumas que não se viam em nenhuma das mitologias conhecidas.

Ao centro, um balcão de mármore com vidros ao redor sustentava pequenas miniaturas de espadas famosas, cada uma delas com um folheto explicando o nome da arma e de seu dono. Guilherme viu a pequenina, do tamanho de seu dedo médio, espada de Napoleão, a de Genghis Khan, e várias outras espadas de homens poderosos de antigamente.

Mais ao fundo da loja, havia livros de magia, cujas capas, em sua maioria pretas, traziam pentagramas desenhados. Eram livros tão grossos que faziam o mesmo volume de três bíblias empilhadas.

Em cima dos livros havia estátuas de dragões, alguns medievais, outros orientais, todos com pedras vermelhas no lugar reservado aos olhos e todos segurando uma esfera.

O ar, todo tomado por incenso, anuviava os pensamentos. Era difícil perceber outro cheiro.

A loja, com aquela atmosfera única, parecia conduzir a um estado de torpor, era mística.

Por uma cortina que havia no fundo da loja - dessas compostas por vários fios com pedras, ou quaisquer outras coisas, penduradas -, saiu uma pessoa segurando um apanhador-de-sonhos.

- Estou quase terminando este. - disse a mulher, enquanto colocava mais uma pena no objeto.

A mulher era jovem, não aparentando ter mais de vinte e cinco anos. Tinha cabelos negros com as pontas tingidas de rosa e usava um *piercing* no lábio inferior, um na sobrancelha esquerda e um no nariz. Era pálida, porém tinha bochechas rosadas; seus olhos eram azul-celeste.

A jovem era bela; embora possuísse um estilo gótico que não agradava a Guilherme, ele não podia negar que a moça que se encontrava à sua frente era atraente e sensual.

Ele observou a mulher se aproximar do balcão.

- Está ficando ótimo! - disse Guilherme, e era sincero. - Sua loja é divina! - ele continuou.

- Obrigada, mais uma vez. - ela respondeu. - Mas creio que não foi só para elogiar meus trabalhos que você veio.

- Você está certa. Eu vim porque gostaria de comprar uma espada, mas não vejo nenhuma, à exceção destas miniaturas.

- É, eu as guardo lá no fundo.

- Eu queria ver algumas.

- Algum modelo em mente?

- Gostaria de uma medieval.

- Só um minuto, vou buscá-las.

Ela colocou a última pena no apanhador-de-sonhos, pendurou-o no teto, acima do balcão de mármore, e em seguida se dirigiu ao fundo para buscar as espadas.

Segundos depois, ela tornou a sair pelas cortinas que levavam ao depósito. Em suas mãos estavam três espadas.

- Eu trouxe uma espada oriental também. Sei que você disse que queria uma medieval, mas esta *katana* é um magnífico exemplar de espada oriental.

A *katana* era uma espada levemente curvada, dando a impressão de ser quase uma lua minguante. A lâmina da espada não estava afiada, mas mesmo assim emanava um brilho por estar bem polida. Sua bainha era metálica e possuía um tecido azul com vários dragões dourados bordados.

A moça colocou a espada nas mãos de Guilherme, que observou o objeto, entusiasmado. Seus olhos fixaram-se nos dragões dourados.

- Os dragões dourados são uns dos últimos dragões bons do mundo, eles representam a justiça nesta espada; sendo assim, ela só poderá ser usada para o bem.

- É uma bela história. - disse Guilherme.

- É uma bela espada! - respondeu a vendedora.

- Concordo, mas gosto mais destas. - disse ele, apontando para as outras duas espadas.

A vendedora então pegou uma das espadas restantes. Esta tinha a bainha cinza com uns fios vermelhos; sua lâmina estava tão polida quanto a da espada oriental, e também sem fio. Seu tamanho era modesto, inferior ao das outras.

- Gostei desta! - disse Guilherme. - Mas me deixe ver essa outra.

Então a vendedora lhe entregou a espada restante.

Era a maior das três. A bainha era negra e enfeitada com fios dourados

entrecruzados. Puxou a lâmina e viu que havia uma gravura entalhada nela. Era o desenho de uma espada fincada no chão, sendo puxada por um homem.

A vendedora observou a curiosidade de seu cliente, e então jogou toda a lábia digna de uma boa comerciante.

- Esta espada representa a lendária Caledfwlch, a famosa Excalibur. - explicou a moça.

- A espada do Rei Artur?

- Sim, veja. - ela disse, apontando para a gravura na lâmina da espada. - O desenho nela gravado é de Artur retirando a espada. Dizem que Caledfwlch foi forjada no Outro Mundo por Gofannon (Deus dos Ferreiros).

- Nossa! Como você sabe isso tudo?

Guilherme havia caído na lábia da moça; olhava fascinado para o rosto da vendedora, como uma criança ouvindo atenciosamente as aventuras contadas por seu pai. O fato ainda o intrigava, pois há apenas alguns minutos havia pensado na famosa espada de Artur.

- Gosto muito de ler. - ela respondeu sem emoção na voz.

- Interessante.

- E então, gostou de alguma?

- Gostei, vou ficar com esta... como é mesmo o nome?

- Caledfwlch.

- Caledfwlch. - ele imitou.

Ela sorriu-lhe.

...

Guilherme chegou à mansão. Ficava admirado com a espada, e com a história, e não via a hora de contá-la à sua mulher.

Patrícia estava no mesmo lugar, só que agora lia um artigo a respeito de dietas (típico delas). Quando viu seu marido com aquela arma na mão, assustou-se:

- Meu Deus, o que você pensa que vai fazer?

Guilherme riu.

- Calma querida! É só de enfeite, nem mesmo está afiada.

- Certeza? - perguntou a mulher, parecendo ainda meio desconfiada.

- Absoluta, veja.

Ele desembainhou a espada, cuja lâmina brilhou na luz, e passou-a no próprio braço.

Patrícia sentiu um incômodo frio na espinha e deixou escapar um fino som de arrepio.

- Viu só? - disse Guilherme mostrando seu braço inteiro para a mulher.

Ela pareceu mais aliviada, mas mesmo assim Guilherme se divertiu com o medo da esposa.

- E ela tem uma história fabulosa. - disse ele, pondo-se a contar à Patrícia tudo o que ouvira da boca da vendedora. Em seguida foi para o escritório e pendurou a espada na parede.

PASSADO (FUTURO).

A alma do jovem Guilherme andava em um labirinto escuro. As paredes estavam úmidas e cheiravam mofo. Seus olhos cheios de lágrimas vasculhavam ao redor, buscando uma saída. Nada. Estava preso.

Escutava os gritos de seu pai sendo violentamente torturado. Sabia que eram suas as mãos que feriam Omar Scaduari, mas não conseguia controlar, não era ele que estava no comando de seu corpo. Alguma força maligna havia encarnado nele e por mais que Guilherme lutasse, não conseguia recuperar os sentidos.

O labirinto mofado que era sua mente ficava cada vez mais escuro. Era o fim. Escutou o pescoço de seu pai quebrando-se.

Guilherme gritou de angústia perante a morte de seu herói. Caiu de joelhos enquanto uma gargalhada diabólica saía de sua boca.

Lágrimas escorreram sem parar enquanto ele tentava entender o que tinha acontecido.

Amaldiçoou-se, mas então uma luz intensa apareceu. A alma do jovem Guilherme recuperou as forças e, com ajuda divina, conseguiu vencer as trevas.

Apesar do frio, Guilherme Scaduari acordou suado e com lágrimas nos olhos devido à lembrança. Viu sua mulher dormindo ao seu lado, deu-lhe um beijo na testa e foi para o escritório.

...

Um soldado do Império Romano estava aos pés da escada de mármore da mansão. Sua face estava oculta por uma sombra projetada de lugar nenhum. Em suas mãos, gotas de um líquido rubro escorriam (Sangue? Talvez *catchup*? Não seu tolo). Era sangue. Sangue humano. E não era sangue do soldado, pois nem em sua mão, nem em qualquer parte do seu corpo, havia sequer uma ferida.

Um corpo estava caído não longe dele. Não se podia ver quem era. Estava deitado, dormindo (morto). Suas pernas, uma dobrada e a outra esticada, eram somente sombras, assim como os pés, os braços, as mãos, o tronco, a cabeça (Que cabeça? Não havia nada!).

No sofá, uma criança; seus pés estavam em cima do móvel, com os joelhos tocando-lhe a testa, os braços cruzados apertando as coxas, os cabelos encobrindo-lhe o rosto. Tinha uma risada infernal.

Patrícia estremeceu ao acordar - o inverno era rigoroso naquele ano.

Estava deitada na cama ainda. Seu marido já tinha se levantado havia alguns minutos e fora para o escritório. Embora não sentisse mais sono, Patrícia estava dominada pela preguiça e não queria lutar contra ela, portanto ficou deitada.

Era uma sexta-feira clara; os pássaros cantavam lá fora - era música para os ouvidos da preguiçosa mulher.

Tivera um sonho estranho naquela noite. Muito estranho.

Lembrara-se de quando ficara muito doente e seu marido tivera que lhe doar sangue. Tinha ficado dois dias internada no hospital, quase morta. E quando o sangue de Guilherme entrara em suas veias, ela sentira um calor forte e uma aura poderosa a envolvendo. Naquele dia sua vida havia mudado - recebera uma pequena parte da bênção de seu marido.

Ela não sabia o que realmente acontecera, mas, depois daquilo, nunca mais fora a mesma pessoa. Em certas ocasiões, ela pressentira algo, ou alguma coisa, e também sentira que podia ver algumas coisas do futuro. Mas era só imaginação (ou trauma por quase ter morrido?).

O que importa é que ela raramente voltava a ter aquela sensação de solidão que sempre a havia acompanhado.

Os olhos de Patrícia se fecharam. Ela imaginava a mansão se formando na paisagem logo à frente. Mais alguns passos e estaria lá (não percebia).

Seus olhos ainda fechados examinavam cada pequena deformidade do asfalto a seus pés.

Chegara à mansão.

A enorme residência não estava vazia. Guilherme estava lá com o filho. Os olhos de ambos brilhavam como prata.

Novamente Guilherme despertara sua bênção.

Patrícia só abriu os olhos novamente duas horas depois, quando finalmente acordou.

O BATIZADO.

A quarta-feira estava nublada; ainda não passava das 14 horas. Em seu escritório, Guilherme trabalhava. Se antes era obrigado a usar terno, gravata, sapato social e toda essa parafernália característica dos executivos, agora, trabalhando em casa, podia ficar à vontade; naquele dia, por exemplo, vestia calça jeans e blusa de moletom com uma camiseta por baixo, já que era inverno e portanto fazia muito frio. A seu lado, sobre a escrivaninha, havia papéis, canetas, computador, celular, dois telefones fixos, grampeador, calculadora e mais papéis. À sua frente, pendurada na parede, estava a espada. Encostado na parede lateral havia um arquivo com seis gavetas, quatro cheias, uma vazia e a outra contendo algumas pastas. Em cima do arquivo havia um retrato de sua esposa com seu filho no colo. Na cadeira à sua frente (do outro lado da escrivaninha) um homem estava sentado. Este, sim, vestia-se elegantemente com um terno preto (que, sem dúvida nenhuma, devia ter custado uma nota), e tinha um fino bigode muito bem escovado. Só pelo modo como se sentava era possível perceber que se tratava de um homem de bens.

Caio H. Fernandes era o atual presidente da Câmara da cidade; segundo ele, aquele era seu terceiro mandato como vereador e o primeiro como presidente da Câmara. Ele havia se dirigido até a mansão, pois na última reunião de vereadores, o nome de Guilherme Scaduari havia surgido.

Pontas era uma pequena cidade que precisava de um novo empreendimento para poder crescer e se desenvolver mais, portanto o senhor Scaduari foi lembrado.

- Veja bem, meu amigo. Posso chamá-lo assim? – disse o vereador.

- Fique à vontade.

- Obrigado. Então, é muito gratificante para a cidade receber pessoas tão bem sucedidas. Espero que o amigo esteja satisfeito morando aqui.

- Sim... sim. O ambiente de Pontas é extremamente agradável.

- Fico contente com isso. – disse o vereador, e era verdade. Depois se ajustou melhor na cadeira, passou a mão no bigode e continuou. – Não quero tomar muito o seu tempo. Sei que deve estar atarefado, desta forma irei direto ao assunto.

Guilherme não disse nada, limitou-se a ouvir enquanto o vereador prosseguia:

- Eu e meus companheiros na Câmara Municipal sabemos do valor de suas empresas, e o bem que elas geram para o país. Gostaríamos de convencê-lo a abrir uma filial aqui na cidade.

- Uma filial? – repetiu Guilherme. – Interessante, mas como você bem sabe são tempos difíceis devido à crise global.

- Sei como é, mas tenho plena convicção de que o senhor tem gabarito suficiente para contornar a situação.

- Agradeço o elogio, mas mesmo assim é um projeto arriscado.

- Mas eu não disse que não era, e como o amigo mesmo disse: é um projeto.

- Compreendo. Irei ponderar todos os prós e contras.

- Fico grato com isso. Só gostaria de lembrá-lo dos investimentos que poderão ser atraídos para a região e, é claro, os inúmeros empregos.

- Vou pensar com calma e entrar em contato com alguns empresários.

- Agradeço novamente. – disse o vereador se levantando da cadeira e esticando a mão para cumprimentar Guilherme. – Passar bem.

Então o vereador se retirou da mansão com um sentimento de dever cumprido. Ainda existem bons políticos e ele era um desses. Amava sua cidade e faria de tudo por ela.

...

O dia estava ensolarado, embora fizesse muito frio e houvesse um vento cortante.

Os lábios da senhora Scaduari estavam rachados. Ela vestia uma calça de brim azul-marinho, uma camiseta e duas blusas - nunca tinha passado um inverno tão rigoroso.

Patrícia caminhava pela calçada da cidade.

Um motociclista cruzou a rua numa velocidade tão grande que foi possível suspeitar que suas mãos estivessem congeladas e ele não conseguira tirar a mão direita do acelerador. Patrícia ficou observando-o até ele virar à direita em um cruzamento mais à frente. Calculou o frio que aquele homem devia estar sentindo, pois se ela, andando a pé, estava congelada, como não estaria ele naquela moto?

- Coitado...

Continuou andando pelas ruas (na calçada, é lógico), passando por bares, restaurantes, lojas de roupas, supermercado, loja de calçados, de brinquedos, floricultura, até que, virando o mesmo cruzamento em que o rapaz com a moto virara, chegou a seu destino: a farmácia.

Dentro da farmácia havia vários cartazes estampados sobre campanhas contra a Aids, a dengue, informativos sobre vacinação, e outros. Havia também um grande *banner* pendurado com um enorme G estampado: era uma propaganda de remédios genéricos.

A farmácia era também uma perfumaria. Patrícia pôde ver xampus, condicionadores,

cremes para pentear, loções após barba, protetor solar, e muitas outras coisas que não escreverei para poupar você, leitor (e também por não terem nenhuma influência no decorrer da história).

Enfim, Patrícia adentrou a farmácia onde um farmacêutico atendia outro cliente e uma jovem, com cerca de 18 anos, veio atendê-la.

- Em que posso ajudá-la? - perguntou a funcionária.

Ela era bonita, ou melhor, bonita não, ela era gostosa, uma dessas mulheres que popularmente chamamos de “Raimunda”, feia de cara, boa de bunda. Sem dúvida, ela era muito boa de bunda, mas seu rosto era infestado de espinhas, o que o deixava feio.

- Gostaria de fraldas para meu filho.

A atendente virou de costas (que bunda!) e foi buscar as fraldas. Um minuto depois, voltou com alguns pacotes nas mãos.

- Aqui estão. - disse, entregando três pacotes para Patrícia. - Mais alguma coisa?

- Tem manteiga de cacau?

- Temos. Já vou buscar.

E lá foi ela de novo (uh lalá! Boa bunda!) pegar a manteiga de cacau para os lábios rachados da madame.

No caminho de volta para a mansão Scaduvári, o vento congelante parou, fazendo a temperatura subir para 5°C.

A mamãe Scaduvári, com duas sacolas nas mãos, caminhava pensativa, ora pensando naquilo, ora pensando nisso, mas sem nenhum propósito. Seu pensamento saltou para Mateus, seu filho. Ele não era batizado.

“Que espécie de filho pretendemos criar?”, pensou Patrícia. Ela era uma pessoa religiosa; fazia tempo que não freqüentava um santuário, mas sempre rezava. Costumava ajudar os outros, porém, desde que se mudara para a mansão, não fizera mais disso. Seu marido não era religioso, não ia à missa, mas era assim desde que ela o conheceu. Apesar disso, Patrícia sabia que Guilherme tinha fé inabalável. Mas ela queria que Mateus fosse um homem de Deus, assim sendo, teria que ser batizado.

Voltou o mais rápido que pôde para a mansão.

Encontrou Guilherme em seu escritório, “afogado” no trabalho. Mesmo assim, ele parou para ouvir o que sua mulher tinha para lhe dizer.

Patrícia desfiou toda aquela ladainha: que Mateus tinha que ser batizado por isso, e por aquilo. Guilherme não discordou. Desejava sinceramente que o filho fosse batizado;

embora não fosse um homem religioso, por algum motivo desejava que Mateus recebesse aquele sacramento cristão.

- Então, vamos falar com o padre! - apressou-se Patrícia.

Seu rosto irradiava uma imensa alegria.

- Agora?

- Sim, por quê? Você não pode?

- Querida, eu estou cheio de serviço.

- Ah, Gui. Depois você continua, e, se você quiser, eu te ajudo.

Guilherme encarou a esposa, notando a súplica que havia em seu olhar. Como não gostava de vê-la triste, aceitou.

- Está bem, vamos.

Ele ficou pensando no quanto teria que trabalhar mais tarde, para compensar aquelas horas.

...

A igreja estava fechada, faltava ainda algum tempo até que ela fosse aberta.

- O que faremos agora? - perguntou Guilherme

- A casa do padre é aquela ali. - falou Patrícia, indicando com o olhar a casa paroquial, que ficava em frente à igreja.

Eles foram até lá, tocaram a campainha e esperaram. Não demorou e foram atendidos pelo próprio padre.

- Bom-dia! - exclamou ele.

- Bom-dia. - respondeu o casal.

- Em que posso servi-los? - perguntou o sacerdote.

- Padre, gostaríamos de batizar o nosso filho. - disse Patrícia, adiantando-se.

- Suponho que seja o jovem Mateus.

Aparentemente o padre tinha se lembrado de Patrícia, mesmo ela estando com a barriga menor e os seios mais caídos.

- Como sabe o nome do nosso filho, padre? - indagou Guilherme, um pouco desconfiado.

O padre deu um sorriso discreto e respondeu:

- Sua mulher esteve aqui um pouco antes de dar à luz e, naquela ocasião, ela me disse que pretendia colocar esse nome.

Guilherme confiava plenamente na esposa, portanto não suspeitou de nada,

aceitando completamente a explicação do padre.

- E vocês sabem quem vão ser os padrinhos?

Viram-se, de repente, diante de um problema; na correria, haviam-se esquecido completamente desse detalhe importantíssimo.

- Não podemos ser nós mesmos? - perguntou Guilherme.

- Oh, não. Não. Vocês devem escolher um casal de amigos, parentes, qualquer que seja, desde que tenham confiança neles e que eles estejam casados.

- Devem estar casados?

- Sim, é uma exigência da Igreja. Tem lá suas vantagens, embora pessoalmente eu discorde, mas o que posso fazer? São normas.

- Então devemos escolher os padrinhos... - começou Guilherme. - E depois, o que devemos fazer?

- Daí, é só vocês virem até mim, aqui em casa mesmo ou na igreja, para podermos marcar a data do batizado.

- Então vamos escolher os padrinhos e logo depois retornaremos aqui para darmos a notícia.

- Façam isso! - disse o padre.

- Obrigado, padre.

- Não foi nada, meus filhos! Vão em paz, e que Deus os abençoe.

O padre entrou em sua casa enquanto o casal Scaduari voltava para a mansão.

Precisavam de padrinhos.

A escolha dos padrinhos seria complicada.

Guilherme era filho único, seus pais haviam falecido, tinha somente uma tia, irmã de sua mãe, mas ela não morava no Brasil, e, para falar a verdade, ele nem sabia se ela era casada ou não. Já Patrícia era filha bastarda de um padre, sua mãe morrera, seu pai nunca a procurara, e ela também nunca quisera saber dele. Era uma família complicada.

- Eu já sabia disso; infelizmente essa é uma exigência da Igreja. - disse Christine.

Patrícia havia contado toda a conversa que ela e o marido haviam tido com o padre para a empregada.

- E quem vocês vão chamar?

- Eis a questão. Não sabemos. Infelizmente, não temos a menor idéia. Não conhecemos ninguém nesta cidade e não temos parentes.

Ficaram em silêncio por alguns instantes, as duas pensando em possíveis candidatos.

- Há outras religiões em que não há essas exigências. - argumentou Christine.

- Certamente. Mas quero que meu filho seja católico, ou, pelo menos, batizado na Igreja Católica.

- Então será complicado.

- Creio que sim, provavelmente será um sócio de meu marido.

(E assim foi, mas você verá isso depois).

...

As flores começavam a desabrochar.

Finalmente o inverno se fora e a primavera chegara, trazendo consigo o clima de amor.

A cidade logo ficaria com seu aspecto mais belo. Pontas era rodeada pela natureza. Lá, felizmente, o homem não tinha metido suas mãos gananciosas.

O frio que pairava sobre o município foi se dissipando e esvaecendo na atmosfera.

Aquele seria um dia tranquilo para a família Scaduvári, não fosse o fato de o assunto “batizado” prevalecer sobre qualquer outro o tempo todo. Guilherme e Patrícia achavam que os padrinhos deveriam ser algum casal de velhos amigos, mas haviam perdido contato com todos desde que se tinham mudado para Pontas; além disso, seria difícil algum deles se deslocar até ali.

Por fim, após horas de discussão, concordaram em convidar um dos sócios de Guilherme.

“Exceto um daqueles malditos ianques!” - ressaltou Guilherme.

Dois dias depois, mandaram uma carta convidando Gilmar Barreto e sua mulher Beatriz Silva Barreto para serem padrinhos de Mateus Scaduvári.

Gilmar era sócio minoritário da fábrica de fertilizantes Karrios, e um homem extremamente rico (não como Guilherme, mas mesmo assim possuía uma considerável fortuna).

A partir do instante em que Patrícia e Guilherme decidiram que a escolha recairia sobre um dos sócios dele, ficou fácil decidir quem seriam os padrinhos de Mateus. Gilmar e Beatriz formavam um casal estável - estavam juntos há mais de trinta anos. Gilmar tinha 61 anos e Beatriz, 59.

Guilherme consolidara sua amizade com Gilmar há anos atrás, quando a fábrica tivera seu ápice, tornando os dois ainda mais ricos. Guilherme gostava de seu sócio, e este

tinha um grande afeto para com o amigo.

Não demorou para que Gilmar telefonasse para Guilherme aceitando e agradecendo o convite.

Agora faltava apenas estabelecer a data, o que logo foi feito pelo casal.

Com os padrinhos escolhidos, Patrícia e Guilherme foram até o padre marcar o batizado.

Como mais uma vez a igreja estava fechada, o casal se dirigiu à casa do padre.

- Desta vez temos o padrinho e a madrinha, padre. - falou Guilherme, após o sacerdote tê-los atendido.

A casa paroquial era simples, porém espaçosa. Uma casa e tanto. Havia inúmeros santos espalhados por ela. Estava bastante limpo o lugar, a ponto de Guilherme ter-se perguntado se o padre era quem limpava a casa, ou se ele teria uma governanta.

Não demorou muito para essa questão ser desvendada.

Uma moça entrou na sala em que estavam, trazendo café, leite e alguns biscoitos.

- Esta é Camila. - disse o padre, apresentado a governanta aos convidados. - Ela me ajuda com a casa.

- Oi, Camila, como vai? - perguntou Patrícia com gentileza.

- Olá, Camila. - falou também Guilherme.

Camila era uma mulher de uns quarenta anos, cerca de uns cinco mais velha que o padre.

- Tudo bem. - respondeu ela cordialmente. - Espero que gostem dos biscoitos. Fiz agorinha mesmo.

E realmente estavam bons. Nada digno de um convite para o programa da Ana Maria Braga, mas gostosos.

Conversaram sobre diversas coisas e comeram. Por fim voltaram ao assunto do batizado.

- E quando será? - perguntou Guilherme meio impaciente.

- Hum... Que tal no começo de novembro?

- Por mim, tudo bem! - respondeu Guilherme. - E para você, amor?

- Acho que está ótimo.

Conversaram mais um pouco, o padre era uma pessoa extremamente simpática, e depois se despediram.

...

Mateus estava com oito meses de idade.

As ruas da cidade estavam infestadas de propaganda e descontos para o natal, apesar de faltarem quase dois meses para a data. Mesmo assim os primeiros enfeites natalinos já estavam sendo montados.

Guilherme havia pensado sobre a conversa que tivera com o presidente da Câmara. Gostaria muito de abrir uma filial na cidade, mas havia sido desaconselhado por seus economistas. Ainda era muito cedo para se arriscar. O senhor Scaduari ficou triste quando deu a notícia para o vereador, porém prometeu que assim que a crise passasse voltaria a falar no projeto.

...

Após alguns dias, que pareceram séculos, finalmente chegara o dia do batizado. Gilmar Barreto e sua mulher, Beatriz, haviam acabado de chegar na mansão. Houve um princípio de discussão entre os dois casais, pois Gilmar e Beatriz comunicaram que haviam se hospedado em um hotel, e obviamente Guilherme e Patrícia gostariam que eles tivessem vindo para ficar na casa deles. Guilherme estava pronto. Vestia um elegante terno preto, calça social também preta, uma bela camisa rosa e uma gravata chique. Patrícia vestia um magnífico vestido prata, tinha os cabelos penteados de uma forma que não consigo expressar, mas digamos que o penteado estava majestoso, e estava se maquiando.

O padrinho Gilmar estava vestido como Guilherme. A não ser pelo fato de a camisa deste ser branca, de as gravatas não serem iguais e, é claro, pelo fato de as idades serem diferentes, eram praticamente gêmeos.

Beatriz, a mulher de Gilmar, a futura madrinha de Mateus, também vestia um belo vestido, só que este era azul, e seus detalhes em nada se pareciam com os de Patrícia.

Christine estava usando saia e blazer pretos; até que estava elegante, mas continuava feia.

E o pequeno Matt vestia uma calça de bebê e uma camiseta que sua mãe comprara naquela mesma semana.

Assim que Patrícia terminou de se aprontar, eles foram para a igreja.

A cerimônia do batizado começou normalmente. Guilherme havia levado sua filmadora para registrar cada segundo do ilustre momento. Não era um Hitchcock, nem nada, mas até que as imagens ficaram boas, na medida do possível.

Para os adultos que estavam na igreja, o batizado foi normal, sem nenhum aborrecimento (apesar da demora), e sem nenhum incidente estranho. Mas para o bebê

Mateus não foi bem assim que aconteceu.

Ele era apenas um bebê, por isso não distinguia as coisas ainda, do contrário, saberia que as imagens que via, como, por exemplo, as estátuas de santas com pênis e do Cristo na cruz chorando sangue, não podiam ser verdadeiras. Muito menos o temporal que caía lá fora, fazendo com que os vidros da igreja se despedaçassem.

Não, Mateus era só um bebê e ainda não compreendia as coisas, por mais terríveis que elas fossem.

O choro de Mateus quando a água benta caiu sobre sua testa foi encarado, pelos adultos, como natural, afinal quase todos os bebês se assustam quando isso acontece. Mas não fora esse o motivo do choro da criança. Não fora uma pomba branca que descera com o Espírito Santo sobre Mateus, mas sim uma serpente que subira e encarara o rosto do pobre garotinho, assustando-o.

É, para o bebê Mateus o batizado não tinha sido nada normal; ao contrário, tinha sido uma experiência horrível.

...

Estavam agora na sala de jantar saboreando a bela macarronada preparada por Christine.

Novamente era um dia sem sol, mas não chovia; havia poucas nuvens no céu, uma parecendo um urso segurando uma bola, outra parecendo um avião.

Comeram bem e depois dedicaram umas horinhas à prosa.

Conversa vai, conversa vem, até que, por acidente, Gilmar derrubou sua taça de vinho no chão. Havia cacos pelo piso, e quando o padrinho de Mateus foi recolhê-los do chão, acabou se cortando.

Pequenas gotas de sangue brotaram do corte.

Vendo aquilo, Christine se apressou e disse:

- Eu já vou buscar um esparadrapo.

Mateus, que estava no colo da madrinha, ao lado de Gilmar, encostou sua mão em cima do corte no dedo do padrinho, e rapidamente Beatriz puxou o menino, para que esse não se sujasse de sangue.

Mas foi estranho. Quando Christine voltou com o esparadrapo, o corte no dedo de Gilmar havia desaparecido, tinha se curado instantaneamente. Ninguém entendeu o fato e, portanto, trataram de esquecê-lo.

Após esse estranho incidente, foram ao jardim e continuaram a conversar até que o

dia foi se indo, e a noite chegando.

- Bem, já está ficando tarde, é melhor nós irmos andando, querida. - disse Gilmar.

- Está escurecendo, Gilmar. Acho melhor vocês dormirem aqui, temos vários quartos de hóspedes. - disse Guilherme.

Gilmar olhou para o céu, examinando-o: ainda não se viam estrelas, mas já começara a escurecer.

- Agradeço, mas temos que ir embora mesmo, tenho trabalho amanhã. Quem sabe da próxima?

- Vocês já não ficaram aqui na noite passada. Preferiram um hotel à nossa hospitalidade. - brincou Guilherme.

- Não queríamos dar trabalho. - defendeu-se Gilmar.

- Vocês sabem que teria sido um prazer! - disse Patrícia.

- Prometemos que da próxima vez ficaremos aqui! - anuiu Gilmar.

- Vamos estar esperando. - sorriu Patrícia.

Então, Gilmar e Beatriz se despediram de seus anfitriões, de Christine, que estava na sala lendo sua revista, e por último deram um beijo em seu novo afilhado, Mateus.

- Adeus, e obrigado! - despediu-se Beatriz.

O motor do carro foi ligado; a primeira engatada; e o casal foi-se, desaparecendo ao longe.

Patrícia e Guilherme voltaram para dentro da mansão com o pequeno Matt no colo da mamãe.

...

Gilmar dirigia sem pressa. Não havia consumido álcool devido à lei seca. Sua mulher hora ou outra puxava conversa com ele, mas no momento estavam em silêncio.

A rodovia estava praticamente deserta. Raramente um carro passava por eles. Já fazia um bom tempo que saíram de Pontas e a noite estava escura.

Gilmar deu de piscar quando ouviu um som estranho. Olhou para os lados, tentando localizar a origem do barulho.

- O que foi isso?

- Isso o quê? – perguntou Beatriz livrando-se do sono.

- Você não ouviu?

- O quê?

- Um barulho meio sinistro.

A voz de Gilmar começava a ficar mais tensa.

- Você está começando a me assustar. – disse Beatriz procurando ver algo na escuridão noturna.

- Não é minha intenção, mas esse som. Tem algo errado e... Aaaahhhh!

O pobre homem teve sua sanidade completamente abalada quando viu claramente a imagem de Mateus se transformar em um demônio em chamas. A terrível aparição ficou estampada no pára-brisa assustando-o. Gilmar desesperou-se e virou o volante, perdendo o controle do carro.

...

Patrícia e Guilherme estavam em plena felicidade. O pequeno Mateus estava crescendo, estava saudável e, agora, batizado. Tinha Deus. Tinha luz.

A alegria deles só foi abalada quando o pessoal da indústria telefonou para Guilherme dando a terrível notícia de que Gilmar e Beatriz haviam falecido em um acidente automobilístico.

Muito abalada com o acontecimento, Patrícia passou um longo período chorando.

Mas antes de saber dessa tragédia, a senhora Scaduvári estava numa felicidade plena.

É, Mateus agora tinha Deus consigo. Ele tinha a luz (tomara, pois se a luz que nele há forem trevas; quão grandes serão tais trevas!).

TERCEIRA PARTE

MAMOM

**“E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes
aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”.**

EXCÊNTRICO.

O garoto de cabelos pretos estava parado em frente ao ponto de ônibus escolar.

Era uma criança de 13 anos, baixinha e magricela para a sua idade. Seus cabelos muito pretos, emaranhados e oleosos, iam até seu queixo. Sua pele era branca como a de uma pessoa que nunca tomara sol, e seus olhos eram lindos e brilhantes no tom de uma pérola negra.

Estava vestindo uma bermuda cinza-escura e uma camiseta preta com um X, vermelho com as bordas verdes, estampado; a camiseta era de um seriado de grande sucesso: *Arquivo X*.

Uma mochila, que possivelmente era maior do que o tronco inteiro do menino, estava presa às suas costas.

Notava-se que a criança era relaxada. Seus tênis estavam desamarrados, seus cabelos, despenteados e embaraçados, e, ainda por cima, sua mochila estava aberta, revelando seu interior para todos: um livro escolar de português, um de matemática, um de ciências sociais, um Atlas, uma bolsinha para lápis e canetas, um livro intitulado *UFO* e uma Bíblia. Era um garoto superdotado.

Ele continuava de pé no ponto de ônibus; era a única criança a pegar o transporte escolar naquele ponto.

Ao lado do garoto, um homem e uma mulher o acompanhavam: eram seus pais.

Eram dez para as sete quando o ônibus parou no último ponto e o garoto entrou, não sem antes dar um beijo em sua mãe e um em seu pai. O ônibus continuou seu trajeto enquanto o menino do X acenava para os pais até eles saírem de sua visão.

O ônibus estava quase completamente lotado quando o menino entrou. Só restava um lugar no banco da frente ao lado de um menino com poucos cabelos e um brilhante aparelho na boca.

No momento em que ele entrou no veículo, todas as outras crianças pararam de fazer o que estavam fazendo e ficaram em silêncio olhando para o seu rosto branco.

O garoto de aparelho nos dentes levantou e correu para o fim do ônibus; como não havia mais lugares, ficou de pé. Isso não era porque todos respeitavam o menino do X, ou porque tinham medo dele: o que acontecia é que as crianças achavam o garoto muito estranho.

O banco da frente, que, como todos os outros bancos do ônibus, possuía dois acentos, agora estava com as duas poltronas vagas, dado que o menino com o aparelho nos dentes fugira para o fim do coletivo. O menino do X sentou-se nele.

As outras crianças voltaram a conversar, porém, não como antes: agora cochichavam, e, pelo que parecia, o assunto era o menino isolado no banco da frente.

O menino do X parecia não se incomodar, ou no mínimo já estava acostumado com as fofocas sobre ele.

Puxou a sua mochila para o acento vazio ao seu lado, e dela, que estava com o zíper aberto, retirou a bíblia e começou a lê-la da página em que estava marcada.

Era desse jeito todos os dias letivos. O sujeito que tivesse o azar de ficar no banco da frente para dividi-lo com o menino do X sempre ficava de pé no fim do ônibus.

Na escola não era diferente. Sempre ficava sozinho quando a professora dava trabalho em grupo. Às vezes, quando uma criança faltava, outra ficava sem parceiro e era obrigada a fazer o trabalho com o excêntrico menino do X, mas, apesar de estarem na mesma mesa, nunca trocavam uma palavra; a não ser que a criança o encarasse com medo, nem sequer um mísero olhar eles trocavam. E isso piorava a reputação do garoto solitário, pois, quando a aula acabava, todos os outros alunos corriam em direção ao azarado que tivera que fazer o trabalho junto com o estranho, e perguntavam-lhe tudo, e a criança sempre mentia que o menino do X a ameaçara, ou que mostrara seu verdadeiro rosto (uma cara demoníaca de outro planeta), e outras histórias assim.

Mas, apesar de tudo, isso não era problema para o menino do X. Ele sempre tirava as melhores notas da sala (a professora deve ter sido ameaçada por ele), era o primeiro da classe.

Mas tudo isso tinha um preço: ele não tinha amigos.

As crianças da escola não se aproximavam do menino do X mais do que alguns metros; elas achavam que ele era uma aberração ou um monstro qualquer, devido à sua solidão, à sua esquisitice, e, principalmente, a um estranho episódio que acontecera no início do ano letivo.

Havia na escola, como em qualquer outra, um garoto de 14 anos que era o valentão do colégio; seu nome era Jorge. Ele era o terror para as outras crianças não só da escola, mas de toda a cidadezinha.

Jorge era um menino alto e forte para a sua idade. E todos nós sabemos que, assim como toda escola tem um valentão briguento, ela também tem aquele garoto que é o magricela, fracote, impopular, ou, como todos dizem, “o perdedor” que serve de saco de

pancadas, e esse último era ninguém mais, ninguém menos que o menino do X.

Todo dia Jorge encurralava o pobre garoto em um canto da escola e roubava dele o lanche que trazia de casa, ou o dinheiro, e às vezes os dois, e dizia que, se a professora soubesse, ele lhe daria uma surra que jamais iria se esquecer na vida.

Um dia, porém, a coisa se deu de um modo bem diferente. Tudo que passa dos limites um dia estoura feito balão que enche demais, e aconteceu isso com o menino do X. Foi numa quarta-feira tempestuosa que as crianças da escola jamais se esquecerão. No intervalo das aulas, Jorge encurralou o pobre coitado mais uma vez no canto da escola. Só que, dessa vez, o magricela resolveu enfrentar o fortão - Davi iria lutar contra o Golias. Quando Jorge foi roubar o lanche do menino do X, este se recusou a entregá-lo, o que causou forte irritação no primeiro. Jorge levantou seu punho e socou o rosto do oponente, mas este também estava irado, e, de alguma forma, um campo de força invisível o protegeu. Jorge quebrou o punho e ainda foi arremessado longe com um simples movimento do braço do estranho menino.

Jorge contou toda a história para a professora, mas nem esta nem os próprios pais do valentão acreditaram. A professora chegou a dizer que Jorge provavelmente caíra por cima da mão ou alguma coisa parecida e inventara aquela história. “Vocês sabem como criança tem uma mente fértil”, ela disse.

O valentão fora derrotado (Davi vencera o Golias). Jorge saiu da escola como um cachorro com o rabo entre as pernas. Uma semana depois do incidente, o pai de Jorge, que trabalhava no banco, ganhou um bônus no trabalho e eles mudaram de cidade.

Os adultos não acreditaram na história miraculosa de Jorge, mas as crianças sim; elas podem ter a imaginação fértil, ser bobinhas, mas dessa vez souberam no que acreditar.

A partir daquele dia, o menino do X passou a ser encarado, por todas as crianças da escola e da cidade, com muito mais suspeita e desconfiança, sem falar no medo, tendo cada vez menos chance de arranjar amigos.

...

O dia do menino do X na escola foi tão normal como qualquer outro, se é que podemos chamar as coisas como são de normais.

Ele assistiu à aula na primeira carteira de frente para a mesa da professora. Recebeu mais um dez na sua última prova (A professora continuava sob o domínio dele).

No intervalo, ficou sozinho em um canto, onde ninguém poderia vê-lo, comendo seu lanche. Quando o sinal tocou para recomeçarem as aulas, o menino estranho voltou,

sozinho como sempre, à sala de aula para o último tempo antes de ir para casa.

Quando as aulas terminaram, todos os alunos correram para fora o mais rápido possível para pegarem bons lugares no ônibus, ficando o menino do X para trás.

No ônibus, a volta era como a vinda. Ele se sentava sozinho (e uma criança ficava de pé no fundo), e era o último a descer, sendo o alvo dos olhares quando os outros desciam em seus respectivos pontos.

O tempo foi passando, as crianças no ônibus foram diminuindo até que só sobrou o menino do X.

Seus pais estavam lhe esperando no ponto quando ele desceu. O ônibus vazio, a não ser pelo motorista, foi se distanciando nas ruas de Pontas. O pai e a mãe do menino beijaram-no, e este lhes retribuiu o gesto. Então, foram os três juntos para o doce lar.

Sua casa era monstruosamente grande. Era maior que as cinco ou seis casas de maior tamanho em Pontas juntas. Ela possuía três andares mais o térreo, fora a imensidão do jardim, e tinha uma estupenda vista para as montanhas que rodeavam a pequena cidade.

O menino do X tinha seu quarto no terceiro andar. Nas paredes, pôsteres de óvnis, espíritos, um com a máscara do Darth Vader, um *banner* do *Arquivo X: Eu quero acreditar*, e várias outras coisas sobrenaturais.

Era essa a rotina cheia de mistérios e ocultismos que envolvia a vida do estranho garoto.

Assim vivia nas sombras o menino do X, assim vivia o pequeno Mateus Scaduvári.

NA MONTANHA.

Mateus estava caminhando sozinho pelas matas da montanha.

Era horário de aula. Pela primeira vez em sua vida, o garoto estava enforcando aula. Ele não era desses rebeldes sem causa, pelo contrário, suas notas sempre eram excelentes. Porém, hoje ele não estava a fim de ir para a escola.

Seus pais não sabiam o que o filho estava aprontando. Patrícia e Guilherme, como sempre, haviam ficado com ele no ponto até o ônibus escolar passar e nele Mateus entrar.

Para os pais de Mateus, o filho estava na escola como qualquer outro dia. E ele estaria mesmo, porém, quando o ônibus parou para as crianças descerem e irem para as salas de aula, Mateus sentira um ardente desejo de ir à montanha. Deu, então, um jeito de tomar outra direção sem que o zelador notasse e dirigiu-se para a montanha do leão.

Ele era uma pessoa religiosa; sempre que possível, conversava com Deus, lia a bíblia, enfim, era um menino bondoso. Por onde ele passava, os animais vinham ao seu lado e as pedras ou galhos que porventura estivessem bloqueando sua passagem saíam para os lados como se fossem puxados por uma linha invisível. Mateus não ficava nem um pouco assustado com isso, ou melhor, ele ficava indiferente, pois era algo que sempre acontecia, desde que estivesse sozinho. A natureza parecia estar em harmonia com o pequeno Mateus Scaduvári.

Ele mantinha seus dons em segredo. Nunca havia comentado sobre eles com ninguém, nem mesmo com seus pais. Porém, certa vez, quando tinha uns 5 anos de idade, Mateus estava na sala com o pai. Guilherme assistia a um jornal televisivo que falava a respeito da violência no país, e a todo momento tecia aqueles mesmos comentários sobre “a merda da justiça na nação”. Mateus brincava com um carrinho ao mesmo tempo em que via a reportagem; não entendia o que estava acontecendo, mas de repente a câmera mostrou um corpo que jazia no chão. A figura era extremamente grotesca. Tratava-se de uma menina de no máximo 10 anos de idade: ela estava morta. Sangue formava uma poça vermelha ao redor de seu corpo, e ela tinha o rosto todo transfigurado devido às pancadas sofridas. O nariz estava torto, sem dúvida nenhuma quebrado. A boca estava inchada e havia marcas de sangue na bochecha. O olho direito estava inchado, e o esquerdo fora brutalmente arrancado das órbitas, ficando somente um buraco escuro por onde filetes de sangue tinham escorrido.

Sangue brotava também do peito da menina, no local em que ela havia levado mais

ou menos quinze facadas. E não parava por aí. Onde antes havia cabelo só restavam manchas vermelhas pelas puxadas que haviam arrancado até mesmo o couro cabeludo, os poucos cabelos que ainda restavam estavam grudados devido ao sangue seco.

Mateus não conseguiu olhar para a menina que, além de ter sofrido todas essas atrocidades, também havia sido estuprada (uma menina de 10 anos!): em seu ânus, um pedaço de cano fora enfiado.

Aquela fora a pior imagem que Mateus já vira até então. Sua indignação foi tamanha que o menino deu um grito de choro; nesse momento a televisão explodiu, feito fogo de artifício quando a seleção ganha a Copa, voando cacos pelos ares. Ao mesmo tempo em que Mateus gritara chorando, Guilherme também gritara, sobrepondo seu berro ao do filho: seu grito fora um sonoro “Merda!!!”, pelo fato de a criança ter visto aquela imagem impressionante. Guilherme desligou imediatamente a TV com o controle remoto, mas o aparelho, em vez de desligar, explodiu. Claro que foi devido a Mateus (?), mas seu pai nunca saberia.

Uma hora após a imagem ter sido mostrada, os outros canais “meteram o pau” na emissora que a mostrara. A tal emissora sofreu um processo danado, mas, como a justiça é lenta, acarretou somente na demissão do *câmera-men* que filmara a imagem, e ficou por isso mesmo.

...

Mateus continuou caminhando pela montanha e passou por uma cachoeira onde alguns garotos, o mais velho deles não devia ter mais de 15 anos, estavam fumando escondidos. Mateus continuou seu caminho fingindo não ter visto nada. O grupo não viu o menino caminhando sozinho, ou pelo menos fingiu não tê-lo notado. O que foi bom para o garoto, do contrário ele seria um motivo de gozação para os moleques viciados.

Vendo as águas cristalinas que brotavam da cachoeira, o garoto sentiu um enorme desejo de nadar, mas logo desistiu da idéia; seria estupidez, já que não tinha trazido roupas reservas, e caso nadasse com as que estava vestindo, essas ficariam um bom tempo molhadas.

Sua caminhada chegou ao fim quando ele estava no meio da montanha, sozinho, aparentemente.

Alguns esquilos vieram para junto dele quando este se sentou no chão, em meio a folhas secas.

- Oi, amigos. - ele disse calmamente, estendendo a palma da sua mão direita para

acariciar os animaizinhos.

Era bonito ver aquela cena que a gente só vê em filmes ou lê em livros: Um garoto de sentimentos puros, no qual até mesmo os animais silvestres confiam.

Tudo corria calma e tranqüilamente naquela manhã, quando de repente houve um estrondo ensurdecedor que fez com que a terra tremesse e que Mateus ficasse zozinho por alguns instantes. Os pobres esquilos que estavam com o garoto fugiram assustados para a mata.

As nuvens repentinamente ficaram negras como carvão, deixando a beleza de lado. Um redemoinho surgiu, sugando o céu. As folhas e os galhos das árvores sacudiam desesperadamente sem parar, embora não houvesse vento; eles mexiam sozinhos ou por algum poder sinistro, e não era Mateus quem estava fazendo isso.

As folhas secas que estavam no chão começaram a levitar e girar em volta de Mateus, que agora também estava a alguns centímetros do chão sem perceber nada.

As árvores começaram a pegar fogo de repente, mas não eram simples chamas, aquilo possuía alguma coisa diferente. Alguma coisa forte e terrivelmente maligna. O fogo brilhava sobrenaturalmente em uma mistura de amarelo com vermelho.

Das maléficas chamas surgiram serpentes. Eram cobras feitas do fogo do inferno. E cada vez mais serpentes apareciam. O terrível barulho que elas faziam incomodava e enlouquecia a mente de qualquer um que o ouvisse. Era um som de angústia misturado a ódio. Um chamado demoníaco.

O menino que estava levitando no ar foi descendo devagar até pousar suavemente no chão.

As chamas ainda balbuciavam freneticamente; delas, mais e mais cobras saíam, até que as próprias árvores viraram enormes serpentes de fogo e de suas bocas começaram a sair pássaros negros que pareciam corvos. Os olhos vermelhos daqueles bichos eram alucinantes. Eles voaram alto no céu e, depois, desceram rumo a Mateus.

O garoto estava em transe; ele não se mexia, nem sequer piscava. Limitava-se a observar a cena totalmente fora de si, enquanto as serpentes enrolavam em suas pernas e os corvos vinham em sua direção e aninhavam-se em sua cabeça e em seus ombros. Mesmo assim Mateus não se mexia. Não estava tomado pelo medo (ainda), era algo diferente, algo como se... como se estivesse possuído.

Seus olhos negros agora ardiam em chamas (ou era o reflexo do fogo à sua frente?).

Gotas de um líquido quente caíam sobre seus ombros, braços e pernas. Era sangue,

que respingava de lugar nenhum sobre seu corpo.

Após um pequeno espaço de tempo, houve um segundo estrondo e todas aquelas imagens de sangue, serpentes, corvos e fogo desapareceram. Os olhos de Mateus perderam o reflexo das chamas e voltaram a ser da bela cor de pérola negra.

O pequeno Mateus Scaduvári acordou do transe. Ele agora olhava para o céu, que estava azul com algumas nuvens brancas. O céu sombrio e negro com o redemoinho que aparecera há pouco desaparecera completamente sem deixar vestígios (ou teria sido uma alucinação?).

Tudo estava normal agora.

Mateus chacoalhou a cabeça de modo a afastar aqueles pensamentos. Foi quando viu uma imagem que permanecia no ar, acima do topo das inúmeras árvores.

Aquela coisa causou um certo calafrio em Mateus.

A imagem era simples e comum, não era nada horrível, porém ele estava com medo (ou era ansiedade?), não sabia o porquê daquela sensação estranha, mas a sentia forte dentro do peito.

A figura de um pentágono que estava sobre as árvores desapareceu e Mateus pareceu ter acordado de um sonho (ou pesadelo).

Uma inteligência maligna acabara de renascer.

Finalmente estava completamente de volta ao mundo que pertencia a ele, do qual fora expulso uma vez.

Voltara.

Longos séculos de espera e sofrimento que enfim haviam terminado. Estava de volta, e desta vez ele ia ficar. Desta vez ia reinar. Ninguém ousaria enfrentar o grande Mamom.

POSSUÍDO.

Mateus Scaduari estava parado no mesmo local havia uns 20 minutos. Seus olhos mantinham-se fixos em algum ponto no céu.

A brisa soprava leve. O menino baixou os olhos e pôs-se a caminhar de volta à mansão.

Havia uma longa trilha de formigas no chão, algumas delas carregando folhas, outras carregando algum inseto morto, todas caminhando de volta ao formigueiro.

O garoto parou por um momento e observou. Seu rosto sério se desfez em um sorriso malicioso quando seus pés esmagaram dúzias de formigas, abafando inúmeros gritos inaudíveis. Ele jogou a cabeça para trás em um acesso de riso, enquanto seu pé agora ia e vinha esmagando o restante das formigas e apagando qualquer vestígio da trilha formada por elas.

- Quem é que é mau, papai? - riu sozinho o menino.

Seu rosto, que antes era pura paz, agora irradiava ódio. A criança, que era boa e gentil, agora parecia uma massa de pura hostilidade. Mas por que tanto ódio? O que havia acontecido?

No caminho para a mansão, ele não parou para admirar a natureza, como sempre fazia; pelo contrário, caminhava murmurando palavrões e ofensas, se perguntando quando o homem colocaria as mãos naquele “lixo ecológico” chamado Pontas.

Mateus atravessou a primeira rua da cidade, logo ao pé da montanha. Havia uns velhos jogando truco em um coreto da pequena pracinha daquela avenida.

- Velhos inúteis, só estão dando despesas. Já fizeram seu trabalho, por que não morrem logo e deixam o mundo para os mais jovens?

Não houve resposta, talvez porque nenhum deles tivesse escutado as palavras pronunciadas por Mateus.

“É, esses velhos certamente são uns inúteis e, ainda por cima, surdos”, pensou ele.

Dobrou à esquerda e deparou com um boyzinho acelerando sua moto no último, fazendo com que o escapamento, que fora furado propositalmente, fizesse um barulho infernal, enquanto seu amiguinho, que estava com um Golf, cantava pneu, fazendo uma nuvem de fumaça subir.

As patricinhas (ou interesseiras?) da cidade só observavam a cena, “pagando pau”

para os dois boys.

- Mauricinhos arrogantes! - gritou Mateus.

Ninguém ouviu as palavras dele. Não. Ninguém reparou nisso. Estavam todos observando as manobras dos boyzinhos, quando o rapaz da moto empinou mostrando sua habilidade, rampou no quebra-molas e foi aterrissar no pára-brisa do Golf.

Mateus continuou andando de volta à mansão, deixando para trás todos aqueles gritos de horror quando o corpo do garoto da moto foi atirado para trás do Golf e as chamas que saíam da moto envolveram o carro. Ninguém sequer olhou para o menino de 13 anos que andava em direção oposta ao acidente; eles estavam paralisados de medo quando o rapaz que ainda estava dentro do Golf começou a berrar de dor, pois sua carne estava pegando fogo. O jovem lutava desesperadamente para sair de dentro do carro, mas não conseguia, de alguma forma a porta emperrara e não queria abrir.

O jovem Scaduari passou despercebido quando o fogo atingiu o tanque da moto que ainda estava encravada no pára-brisa do carro, causando sua explosão seguida pela explosão do Golf.

Ele foi embora para a mansão, enquanto todos corriam para os escombros. Sirenes eram ouvidas de longe. Ele passou despercebido em meio àquele pandemônio. Gritos, choros, membros dilacerados...

...

- O que você está fazendo aqui? - perguntou Patrícia levantando-se do sofá quando viu seu filho chegar em casa àquela hora. Ela olhou seu relógio de pulso e complementou: - Você deveria estar na escola.

Mateus não respondeu. Caminhou para a escada que dava acesso a seu quarto, sem dar satisfação à mãe.

Guilherme estava no escritório, mas, com o escândalo que sua mulher estava aprontando, teve que parar o seu trabalho e ir ver o que estava acontecendo.

- O que foi, querida?

Ele examinou a cena: Mateus subindo as escadas em silêncio, Patrícia gritando com o filho e Christine junto à porta que ia para a cozinha - provavelmente também fora ver o que estava acontecendo na sala.

- O “beleza” do seu filho matou aula e agora chega em casa e não quer responder às minhas perguntas! - ela respondeu ao marido, sem tirar os olhos de Mateus.

É engraçado que, quando as mães estão bravas com os filhos, elas sempre dizem “o

SEU filho”, e, quando estão calmas, o filho é delas.

- Mateus, venha já aqui! - berrou Guilherme enfurecido

Mas já era tarde: o garoto tinha desaparecido no andar de cima.

- Meu Deus. Gui, o que está acontecendo? Por que ele está nos tratando desse jeito?

Patrícia estava aos prantos. Ela nunca vira o filho daquele jeito. Ela e o marido sempre haviam dado atenção a Mateus e o tinham educado de maneira que não se vê por aí. Ela não entendia o que estava acontecendo; o garoto era novo demais para ter essas crises de adolescente.

- Não se preocupe, querida, eu vou lá falar com ele.

Guilherme abraçou-a firmemente e subiu as escadas para poder falar com o filho.

...

- Mateus, abra já essa porta!

Nada de resposta. A porta do quarto do garoto estava trancada, e dentro não se ouvia um só ruído.

- Eu sou seu pai e ordeno que abra essa porta! - a voz que Guilherme utilizara agora era terrivelmente ameaçadora.

Guilherme estava ficando ainda mais furioso. As leves batidas que dava na porta do quarto no terceiro andar se tornaram grandes pancadas com os socos do homem.

- Não me faça arrombar!

Mateus não respondia; estava se divertindo com o acesso de raiva do pai, e não queria desfazer aquela brincadeira.

- Não me desafie! - berrou o homem.

O silêncio continuou.

- Muito bem, rapazinho. Você está de castigo. Não pense em abrir essa porta.

Ainda não houve resposta. Guilherme tinha se virado para descer, quando o barulho da fechadura sendo aberta o fez voltar-se novamente para a porta do quarto.

Mateus estava parado na porta. Seus longos cabelos negros caíam por sua face extremamente branca. Os olhos brilhavam em um vermelho-sangue. A expressão em seu rosto era demoníaca. Guilherme ficou pasmado e recuou um passo.

Antes que o pai pudesse dizer qualquer coisa, Mateus abriu a boca, e dela uma enorme serpente saiu.

Guilherme gritou.

A grande serpente avançou sobre ele. Num primeiro momento o homem não teve

reação, mas depois, quando sentiu o perigo, virou-se e pôs-se a correr para o térreo com a cobra atrás.

Ele corria desesperadamente. Fazia um tremendo esforço para continuar. Corria não por vontade própria, mas daquela forma que às vezes nos acontece, quando não controlamos nosso corpo e mesmo assim continuamos. Suas pernas doíam, sentia pontadas de lado.

A cobra parou de deslizar à procura da sua presa. Ela estava a uns cinco metros de Guilherme, tão visível e real quanto sua própria mão esticada na frente de seu rosto. A serpente tirou sua língua bifurcada para fora e depois virou fumaça.

Aquilo era loucura, não podia estar acontecendo. Estava imaginando, era um sonho, não, um pesadelo. Daqui a pouco ele iria acordar com sua mulher ao lado, sem serpentes, sem fumaça, sem nada daquilo. Sim, era isso, um pesadelo, quando acordasse ia rir daquilo.

Continuou seu caminho de volta ao térreo bem devagar, quando viu um lampejo da imagem da serpente saindo da boca de Mateus. Aquilo o atormentou. Ele entrou em desespero (falo do sentimento, não na cidade da rodovia 50), lágrimas brotavam no canto de seus olhos. O que era aquilo? O que estava havendo ali?

Apressou os passos até chegar ao térreo, onde sua mulher o estava esperando.

- E aí, querido? Falou com ele?

Patrícia continuava parada no mesmo lugar em que se colocara quando Guilherme subira as escadas. Seus olhos não continham mais lágrimas, mas estavam vermelhos por causa do choro.

- Fale, Gui.

Mas ele não falava. O que deveria dizer? Tinha que pensar muito bem nas suas palavras, não poderia chegar dizendo: “Não, querida, ele não me respondeu, e ainda vomitou uma serpente que veio me atacar?”. Aquilo parecia tão ridículo e tão improvável que, caso não tivesse presenciado tudo, ele mesmo não acreditaria. Quem acreditaria?

- Querida, acho que é melhor nós levarmos o nosso filho em algum médico.

- Por quê? Aconteceu alguma coisa?

Patrícia desabou em prantos; ela imediatamente imaginou o pior, afinal, toda mãe tem um enfarte quando se trata da vida do filho.

- Não é nada, ele está saudável, é só que...

- Só que o quê? - interrompeu Patrícia impaciente.

- Só que...

- Só que eu fiz isso. - disse Mateus, que tinha aparecido de lugar nenhum aos pés da escada, abrindo a boca mais uma vez para a serpente voltar a perseguir seu pai, mas desta vez ela tinha outra presa também.

Cristo! Aquilo era insano.

JOGO MORTAL.

- Merda! - gritou Guilherme.

A serpente caiu no piso do andar térreo e começou a deslizar venenosamente.

Christine, que tinha voltado para a cozinha, veio correndo por causa do grito que escutara.

- Minha Nossa Senhora! - berrou a empregada.

Uma língua bifurcada saía da boca da enorme cobra. Por um momento, Guilherme e Patrícia ficaram sem movimento, como se estivessem hipnotizados pelo olhar maléfico da serpente, mas, com a chegada e o grito de Christine, eles retomaram a consciência.

- Meu Deus! Como foi que ela entrou aqui? - perguntou a velha, apontando para a serpente.

Guilherme recuou um passo e puxou sua mulher para junto de si. Patrícia não tirava os olhos de Mateus; de boca aberta, ela tentava entender o que estava acontecendo.

- Arranje um pedaço de pau! - disse Guilherme à Christine.

Mateus parecia estar se divertindo com a cena: a mãe desesperada e sem ação, Christine sem saber o que fazer, e o pai, esse era o mais engraçado, o pai tentando bancar o valente.

- O quê? - perguntou Christine.

A cobra avançava.

“Que burra”, pensou Guilherme.

- Pegue uma vassoura, um rodo, qualquer coisa assim.

A serpente continuava deslizando para perto do casal Scaduari; pé ante pé, Patrícia e Guilherme iam recuando.

Não demorou e Christine voltou com uma vassoura nas mãos. Ela entregou a “arma de matar cobras” para Guilherme e se afastou um pouco, puxando Patrícia junto.

O senhor Scaduari ia em direção à cobra. A vassoura, segura nas mãos, estava levantada, esperando o momento certo para abaixá-la em cheio sobre o réptil.

Estava a dois metros da cobra quando Mateus falou:

- Já chega.

O menino, então, levantou a mão direita e estalou os dedos; quando fez isso, a serpente evaporou.

Christine ficou sem entender nada.

- Terminaram as preliminares, agora vamos ao verdadeiro jogo.

Todos estavam muito assustados. O que teria acontecido com a serpente, e, pior, como ela saíra da boca de Mateus?

- Filho, por favor, nos explique o que está acontecendo. - disse Patrícia contendo as lágrimas.

- Cale a boca, sua vadia!

- Como ousa falar com sua mãe assim? - disse Guilherme, que ficara furioso com as palavras do filho.

- Feche a boca você também!

Foi a gota d'água. Guilherme foi ao encontro do filho. Jamais tinha batido nele, mas agora o menino havia passado dos limites e merecia apanhar.

Estava a menos de um metro de Mateus quando foi atingido por um sofá que veio empurrado por uma força invisível.

- Eu disse para você ficar quieto, porra!

Guilherme foi lançado para trás, caindo no chão com força. Houve um barulho de osso quebrando seguido de um gemido indescritível.

Patrícia e Christine correram para perto de Guilherme. Sua perna estava em um ângulo estranho.

- Gui! - berrou Patrícia.

- Meu Deus, ele quebrou a perna! - exclamou Christine.

Guilherme uivava de dor.

Mateus, vendo aquela cena, entrou em choque. Elevou as duas mãos na nuca e baixou a cabeça.

- Não, você é meu agora! - berrou uma voz rouca e demoníaca dentro do garoto.

- Ele é meu pai! - retrucou uma voz doce dentro dele.

Ele teve somente um minuto de consciência, no qual correu para o pai e colocou as duas mãos sobre sua perna quebrada. Uma luz dourada saiu das mãos do garoto, e a perna de Guilherme voltou ao lugar instantaneamente.

- Filho, o que está acontecendo?

O rosto de Mateus era triste, expressava angústia, como se estivesse em desespero; era um rosto digno de pena.

- Me ajude! - pediu o garoto.

- O que foi, filho? - falou Guilherme com lágrimas escorrendo pelos cantos dos olhos.

Mas era tarde. O rosto do garoto, até então angustiado, foi mudando para uma expressão de fúria, como se fosse efeito especial de um filme de Hollywood.

A coisa, Mateus, balançava a cabeça para a direita e para a esquerda e depois parou como se tivesse despertado.

- Seu filho não existe mais! - rosou uma voz demoníaca de dentro de Mateus.

Guilherme e as mulheres se afastaram.

- Quem é você?

O demônio no corpo de Mateus levantou-se.

- Sou o seu senhor.

Guilherme balançou como se tivesse tido uma tontura.

“Não pode ser. Outra vez não”, pensou.

- O que você fez com nosso filho? - perguntou Patrícia, que estava com medo mesmo não entendendo nada daquilo.

Abriu um sorriso de Mateus Scaduari e riu com o corpo dele.

- Aquele rezadorzinho de merda já era!

Guilherme sentiu uma fúria ardente dentro do peito.

- Seu sacana!

Guilherme ia avançar no demônio com o corpo de Mateus mais uma vez.

- Espere, seu trouxa.

O senhor Scaduari, que não estava acostumado a receber ordens, parou imediatamente.

- Você não quer quebrar a perna de novo, ou receber coisa pior, quer? - zombou a coisa no corpo de Mateus.

O demônio parou por um momento, ficou encarando todos os presentes na sala e depois disse:

- Eu já falei que as preliminares terminaram, agora é hora do verdadeiro jogo.

Os três não entendiam o que aquela coisa, que não era Mateus, estava dizendo sobre jogo, mas foi Patrícia quem primeiro falou:

- Que jogo o quê! Devolve o meu filho!

A senhora Scaduari começou a chorar.

- Nossa, como é comovente o amor familiar, estou todo arrepiado. - divertiu-se a coisa.

Patrícia estava soluçando.

A coisa caminhou de um lado para o outro e disse:

- Vamos deixar de bobeira e vamos ao jogo.

- Quem é você? - Guilherme tornou a perguntar.

- Merda, como vocês são impacientes, agora que está ficando divertido. - parou um instante. - Me chamem de Mamom.

- Ma... Mamom... - começou Guilherme. - E o que você quer?

- Estou ficando cheio de vocês... Agora escutem.

Christine, Patrícia e Guilherme ficaram em silêncio, talvez por medo, talvez pelo poder de Mamom.

- Quero brincar um pouco com vocês. A casa vai estar um pouco diferente, e, para vocês, mais mortal...

Os três ainda permaneciam em silêncio.

- Estarei esperando no terceiro andar, é bom vocês se apressarem caso queiram salvar o pobre Mateus.

Terminou o discurso e desapareceu em fumaça, como a serpente havia feito pouco tempo atrás.

O que estava acontecendo?

Os três adultos que estavam na mansão ficaram totalmente espantados com aquilo.

- E agora, o que vamos fazer? - perguntou Christine.

- É obvio, vou salvar meu filho! - disse Guilherme.

- Mas como?

Guilherme começou a andar em direção à escada.

- Vou subir até o terceiro andar.

Ele continuou andando até chegar na escada, mas quando pisou no primeiro degrau, este se abriu e o senhor Scaduari caiu num poço aberto no buraco do degrau que se fechou logo depois.

- Gui! - berrou Patrícia.

Ela correu até a escada e chamou por seu marido novamente, mas seu grito foi perdido quando ela também caiu no poço que foi aberto novamente pelo degrau.

Christine ficara sozinha.

Pensou por um momento

- Meu Deus, eu tenho certeza de que vou me arrepender profundamente do que vou fazer.

Caminhou até o primeiro degrau e disse:

- Que Deus nos ajude.

Em um momento de burrice e coragem misturadas, ela tentou subir as escadas e desapareceu, deixando a sala vazia.

...

Enquanto isso, o demônio encarnado começava os preparativos a fim de trazer as trevas de volta ao mundo. Precisava de sofrimento e sangue. Muito sangue. Desejava que aquelas três pessoas se machucassem muito na mansão para que o sangue derramado por elas servissem para abrir o portal negro que traria o medo e a discórdia.

Sentou-se em seu amaldiçoado trono e pôs-se a observar tudo, enquanto iniciava o ritual satânico.

NA ADEGA.

A escuridão dominava o terreno. Não se podia ver a própria mão na frente do rosto. Em meio àquele breu total, uma sombra se movia furtiva e silenciosamente.

A sombra pertencia ao poderoso empresário Guilherme Scaduvári.

De alguma maneira ele fora mandado para aquele lugar extremamente sombrio e escuro.

Ele estava andando com as duas mãos esticadas para frente, como se fosse uma criança que tem os olhos vendados durante uma brincadeira de cabra-cega.

Ao longe, ele via uma luz. Era como uma porta entreaberta que levava ao mundo luminoso, e ele procurava alcançá-la.

Passo após passo, silenciosamente ele andava, e a luz ficava cada vez mais próxima.

Era estranho, pois a intensidade da iluminação que provinha da porta era tanta que deveria clarear o lugar todo, ou pelo menos o redor da porta, mas não era assim. Mesmo do lado da porta, a dois centímetros ou menos, não se via nada além do negro que cobria o terreno.

Caminhava.

Mais alguns passos e...

Ele chegou àquela luz.

Num primeiro momento ficou parado a menos de um metro da porta iluminada. Estava em dúvida. É claro que ele não gostava da escuridão do local, mas também tinha um certo receio de cruzar a porta e deparar com sabe Deus o quê.

Deu mais um passo e se deteve a dez centímetros da porta. A dúvida crescia em sua mente: Atravessar ou não?

Segundos, que pareceram dias, se passaram até que a coragem, ou a loucura, tomou conta de cada célula do corpo do senhor Scaduvári e ele cruzou a porta luminosa.

Tudo girava.

Parecia que estava caindo em outra dimensão, tragado pelo tempo e pelo espaço.

E as coisas giravam.

Uma luz branca clareou tudo por um segundo, cegando temporariamente Guilherme, e desapareceu instantaneamente.

Guilherme caiu.

Estava esparramado no chão. Com um pequeno gemido de dor, ele se levantou e pôs-se a andar.

Andava sobre uma paisagem juncada de pó. Tal era a espessura da camada de poeira sobre o piso, que, quando ele pisava, seu pé afundava um pouco e o som de seus passos era todo abafado.

Aquele lugar também estava escuro, mas não totalmente como o terreno onde Guilherme havia estado antes. Desta vez era possível ver, embora não nitidamente, onde ele estava.

Era o porão da mansão, o qual Guilherme havia transformado em sua adega pessoal.

Viu as estantes que guardavam suas preciosidades, os vinhos de Romanée-Conti.

Por toda parte, teias de aranhas enfeitavam o cenário, espalhadas pelo teto e entre as paredes.

De alguma maneira ele fora levado para lá, sozinho. Sua mulher e a empregada não estavam junto com ele. “Será que elas continuaram na sala ou também foram mandadas para outro lugar?”, esse era o pensamento que não saía da cabeça de Guilherme.

Não importava a resposta, ele teria que sair da adega de qualquer jeito para encontrá-las e salvar seu filho.

- Merda, o que está acontecendo aqui?

Ele conhecia bem a mansão, portanto sabia onde ficava o alçapão que levava para fora da adega.

Subiu a escada até chegar no topo, onde uma tampa fechava a saída.

Tentou abri-la, mas ela estava trancada; tentou esmurrá-la, mas de nada adiantava, de maneira alguma a tampa iria se abrir.

Seus nervos estavam fervendo; sua fúria era tamanha que lágrimas brotavam de seus olhos.

- Deus, faça a porra desta tampa abrir.

Gritava, socava, chorava, tudo ao mesmo tempo. Ele estava em desespero, à beira da loucura.

Desistiu de socar a tampa. Respirou fundo, tentando se controlar. Um pouco mais calmo, desceu as escadas e foi a uma estante onde não havia muitos vinhos; ele pretendia pegar uma viga de madeira para arrebentar a maldita tampa que não se abria.

“Se com a mão eu não abro, com esta viga eu hei de estourar a merda da tampa”, pensou.

Mas não ia ser tão fácil assim; afinal, que graça teria para Mamom apenas prendê-lo em um lugar e não o deixar sair? Tinha que ter algo mais excitante. Mais emocionante. Mais mortal. E assim seria.

No momento em que Guilherme tocou a estante, garrafas de vinho voaram em sua direção, atingindo suas pernas, sua coluna, seu braço esquerdo, e por sorte errando a sua nuca.

Os lugares atingidos pelas garrafas ficaram roxos imediatamente, formando horríveis hematomas.

Quando ele voltou a tocar a estante, mais garrafas voaram para acertá-lo. Graças a Deus desta vez ele ficara atento, conseguindo desviar de todas elas. As garrafas procuravam Guilherme, mas encontraram a parede, reduzindo-se a míseros cacos de vidro.

O senhor Scaduari via a poça de vinho no chão com profunda tristeza no olhar.

- Caralho! Devia ter bebido todas.

Ele ficou na indecisão.

De um lado, estava a prisão: poderia ficar ali até quando alguém viesse salvá-lo, ou sabe Deus até quando. De outro, estava a liberdade, mas, para obtê-la, era necessário arriscar a vida.

Se ele pegasse a viga, as garrafas se arremessariam contra ele; sua magnífica coleção de vinhos iria à merda. Mas deveria sair, tinha que ajudar sua família. Precisava salvar seu filho.

Nesse instante Guilherme teve uma sensação estranha e sentiu gotas viscosas de sangue pingarem sobre ele. Olhou para o chão e se viu pisando em incontáveis crânios. Sentiu medo. A coragem transformou-se em repúdio. O líquido quente, cada vez mais intenso, escorria pelo seu corpo, provocando-lhe arrepios, enquanto o som dos crânios sendo esmagados cortava-lhe os tímpanos.

Guilherme elevou seu pensamento à divindade e mentalizou a iluminação. Depois de um breve momento de reflexão, ele decidiu.

Juntou coragem e força e pegou a viga de madeira.

MEDO.

O lugar em que Patrícia Scaduari se encontrava era assustador. Não porque contivesse monstros ou abominações, pelo contrário, estava vazio, ou pelo menos parecia. E era aí que estava o medo: o cômodo, ou melhor, o corredor, era completamente escuro. Uma escuridão tão grande que não se via nada que estivesse cinco centímetros à frente.

Lembrava-se de que vira seu filho diferente, como se estivesse possuído, e então, por um breve instante, ele voltara ao normal, por alguns minutos, ele voltara a ser o Mateus Scaduari de sempre. Mas depois mudara novamente, tornara-se um demônio cuspidor de serpentes. Mas Patrícia lembrava-se do momento em que o filho pedira ajuda, vira em sua mente a expressão de angústia e de medo. Era como se cada fibra daquele rosto suplicasse por socorro.

“Me ajude!”

Sim, seu filho precisava de ajuda, e ela iria socorrê-lo.

O problema era como deveria agir.

Estava presa em um corredor escuro, sem nenhuma saída à vista. Olhou para trás e, pelo que viu, o corredor tanto podia continuar por quilômetros, como ter um fim a menos de poucos metros. Em outras palavras, estava completamente sem luz e não se via uma saída, nem pela frente, nem por trás, nem pelo chão, nem pelo teto.

“Onde estará Guilherme?”, ela não parava de se perguntar.

Recordou que seu marido havia tentado subir a escada para ir até o terceiro andar, mas algo estranho ocorrera. No momento em que pisara no primeiro degrau, ele caíra em um buraco negro que se formara debaixo de seus pés, e logo depois aquele buraco fechara tão estranha e inesperadamente como abrira. Logo depois disso, ela havia corrido para a escada e também caíra no buraco que se formara novamente.

Mas seu marido não estava ali com ela. Novamente o pensamento sobre Guilherme veio a atormentá-la. “Será que ele está em apuros?”; “E Christine, o que foi que ela fez?”; “Estará bem?” - a mente da bela Patrícia estava confusa, cheia de dúvidas e incertezas.

Esticou os braços para frente e caminhou naquele breu. Desprivilegiada do sentido da visão, a mulher concentrou-se em captar qualquer ruído, mas o silêncio continuava absoluto. Por um longo tempo seguiu em frente, passo-a-passo.

Patrícia sentiu uma gota de suor deslizar pelo seu rosto enquanto tentava manter a respiração normal. Andou mais alguns metros e suas mãos tocaram em uma parede. Nesse

instante se deu conta do relógio que estava em seu pulso esquerdo. Retirou-o e apertou um pequeno botão onde uma fraca, porém útil, luz iluminava o mostruário do relógio.

Graças àquela frágil iluminação, ela conseguiu enxergar um pouco melhor o que havia à sua volta.

Não conseguia enxergar o caminho em que veio. As paredes ao seu lado erguiam-se até uma altura em que a frágil luz não conseguia iluminar. À frente a parede deixava uma abertura até a cintura da mulher. Se quisesse seguir em adiante teria que engatinhar.

- Ah, não! Não pode ser!

Patrícia não acreditava no que via. Aquilo era uma loucura e ela estava ficando pirada.

Na verdade ela ainda estava lúcida. Toda aquela maluquice diabólica estava acontecendo tão rápido que ainda não deu tempo de afetar a mente dela, apesar daquele terror psicológico já estar mexendo com sua sanidade.

A mulher guardou o relógio e, com coragem aflorando na pele, foi em frente se arrastando no chão.

O silêncio foi quebrado quando Patrícia escutou o som esquisito de alguma coisa se movimentando. Muito estranho. De repente algo roçou em suas mãos. Instintivamente Patrícia recuou, então as mãos esmagaram algumas criaturinhas de corpo mole e nesse instante ela sentiu-se no meio de um monte de bichos nojentos.

Queria ver o que era, mas resistiu à tentação, pois acreditava que se não visse o que era aqueles vermes conseguiria prosseguir.

Quando Patrícia voltou a se arrastar, milhares de bichos foram esmagados, espirrando gosmas entre seus dedos, e ela sentiu náuseas devido ao cheiro ocre. Deixou lágrimas e soluços escaparem enquanto continuava em frente.

Enfim chegou a um local onde era possível permanecer de pé. Limpou a gosma nojenta de suas mãos na calça e tentou conter os soluços.

Pegou novamente o relógio e acendeu a luz.

O corredor em que se encontrava media cerca de 1,20 metro de uma parede a outra, mas era impossível dizer sua altura ou comprimento.

Olhou nas paredes e viu que nelas havia runas e desenhos macabros esculpidos. Ela aproximou a luz e viu que havia um brilho saindo de cada símbolo que ela iluminava.

Começou a andar pelo corredor iluminando as paredes. E agora cada runa ou desenho em que ela pousava a luz ficava brilhando como se estivesse pegando fogo.

Patrícia entrou em desespero total. As chamas vermelhas projetadas pelas runas dançavam em sua cabeça, fazendo um malabarismo diabólico. Aquilo estava

enlouquecendo a pobre mulher.

Em pânico, ela caiu de joelhos; sua mão enroscava-se no cabelo, que nesse momento estava todo bagunçado. Sua cabeça ia de um lado a outro, para trás e para frente, como se estivesse tendo uma convulsão ou um ataque epilético.

Baba, suor e lágrimas escorriam de seu rosto, formando um sebo em sua face. Sua língua estava para fora, e ela a mordida, fazendo filetes de sangue junto com saliva escorrer de sua boca.

As runas e os desenhos macabros circulavam a cabeça de Patrícia, e um som de risadas de criança invadia o cérebro da mulher.

Ela estava à beira da loucura.

Começou a gritar.

NA COZINHA.

Parecia uma gruta. Completamente escuro e com o som de gotas d'água pingando no chão.

Lá fora, o vento uivava.

Christine andava sem direção pela sala-gruta. Haviam-se passado cerca de cinco minutos desde que seu patrão, Guilherme, caíra no buraco que havia se formado no degrau.

Continuava a andar, não sabia se estava indo para frente ou para trás. Quando aparecera naquele lugar, ela estava virada para aquela direção, por isso caminhava por ali e não para o outro lado. E também havia aquele estranho som, parecendo água pingando, e, pelo que ela podia julgar, vinha daquela direção. É claro que podia estar enganada, pois a acústica e o eco poderiam muito bem pregar-lhe uma peça. Mesmo assim ela tinha a intuição de que era por ali mesmo o caminho.

E estava certa.

Depois de algum tempo caminhando na escuridão, ela avistou a única coisa que conseguira ver desde então. Era uma luz. Aquilo fez a sua animação retornar, parou de andar e começou a correr rumo à luz.

A iluminação provinha de um portal; era uma luz branca e de forte intensidade, mas que, apesar disso, não iluminava a sala-gruta.

Quando Christine aproximou-se da porta luminosa, descobriu o que fazia aquele barulho de água pingando.

Daquela porta, bolhas estouravam como as erupções solares, e cada vez que uma explodia, o som brotava.

Ela ficou admirada com a beleza do espetáculo; nunca, em toda a sua vida, presenciara uma cena como aquela. Mas o que de estranho havia naquilo se comparado ao fenômeno que estava ocorrendo na mansão?

As bolhas que vinham da luz cessaram; agora o que havia era um longo e sombrio silêncio.

Ela olhava para a porta luminosa e tinha a sensação de que era por ali que deveria passar. Tinha uma imensa curiosidade (A curiosidade matou o gato) em saber o que havia depois da forte luz. Com esses pensamentos à tona, ela levantou o braço direito e tocou a superfície da luz com a ponta de seu dedo indicador.

Sentiu uma sensação que jamais poderia ser traduzida em palavras, uma espécie de calor congelante. Sentiu um calafrio. Tentou retirar o dedo, mas, preso a ele, veio um fio de luz que tinha um aspecto plasmático. Ela puxou mais o dedo, mas o fio ainda permanecia unido ao seu indicador. Ela recuou alguns passos, mas o fio de luz continuava preso em seu dedo. Recuou mais, porém nada mudara, nem mesmo a espessura da luz diminuía.

Agora não havia o que fazer. Deixou o conformismo a levar para a porta luminosa.

Correu em direção à luz, com o fio ainda ligado ao seu dedo indicador, e, quando a cruzou, sentiu novamente aquela sensação estranha.

Tudo girava.

Sentia que estava caindo em outra dimensão, tragada pelo tempo e pelo espaço.

E o mundo girava.

De repente, uma luz branca clareou tudo por um segundo, “queimando” a retina de Christine, e ela desapareceu instantaneamente.

Christine caiu.

Estava esparramada no chão. Devagar foi se levantando e a visão voltando ao foco.

Ela conhecia bem o lugar onde estava, passava grande parte do dia naquela parte da mansão.

Era a cozinha.

Olhou ao redor: nem Guilherme nem Patrícia estavam por lá. “Onde estarão?”, ela pensou.

Olhou novamente o cômodo. Reconhecia as painéis que ela mesma havia pendurado em ganchos que estavam presos na parede, o grande fogão que precisava ser limpo do óleo grudado, os armários em que guardava alguns mantimentos, as gavetas com talheres. Sim, estava familiarizada com aquele ambiente. Porém, não era ali que deveria estar, seu objetivo era achar seus patrões para conseguirem ajudar o pobre Mateus.

Nesse instante a visão de Cristo sendo crucificado chegou até ela. Pessoas mal nutridas se arrastavam pelo chão. Aquela gente começou a falar em voz alta, uma espécie de oração macabra, fazendo todos os pêlos de Christine ficarem arrepiados. Sentiu a garganta seca e, depois de piscar, aquela imagem desapareceu e outra tomou o seu lugar. Um rio de sangue inundava a cozinha.

A mulher lembrou-se do cônego e amigo Emanuel, e assim elevou seu pensamento ao Todo-Poderoso. O coração que pulsava no compasso do medo começou a se acalmar. Tudo voltou ao normal.

Então foi até a porta para sair da cozinha. Deu um passo rumo à porta, e imediatamente as panelas penduradas começaram a mexer. Deu outro passo e uma porta do armário se abriu. Ela ficou assustada, esperou um pouco parada no lugar e então recuou um passo: imediatamente a porta aberta do armário se fechou.

Esperou por mais um breve momento, no qual levou sua mão direita ao queixo, em uma expressão d'O Pensador. Logo depois fez uma cara de espanto, como se uma lâmpada simbolizando uma idéia aparecesse ao lado de sua cabeça.

Era bastante simples. “Tomara que dê certo”, pensou.

Ela deu um passo para frente, a porta do armário tornou a se abrir. Agora é que estava a jogada: recuou meio passo, mas sua idéia não surtiu efeito. A porta não se fechou, ela ficou entreaberta.

Teve um segundo de tristeza com a falha do seu plano, mas deveria seguir em frente.

Ela começou a andar rumo à porta.

As panelas penduradas começaram a balançar mais rápido, fazendo barulho cada vez que batiam uma na outra; as portas e as gavetas abriam e fechavam freneticamente. O fogão ia para frente e para trás, abrindo e fechando a tampa do forno, acendendo e apagando o fogo.

Christine não se deteve com isso, até que uma faca veio voando em sua direção, errando por pouco suas costas, mas cortando um pedaço daquele vestido feio que ela usava.

Como isso ela sentiu medo e parou por um tempo.

Seus nervos voltaram a se abalar quando escutou batidas no alçapão que levava à adega, e depois observou, amedrontada (imaginando um demônio saindo da terra), a figura que saía de lá.

JORNADA MACABRA.

Os cinco minutos seguintes custaram muito a passar para Guilherme Scaduari.

Ele corria para a tampa do alçapão com a viga de madeira em uma das mãos. Garrafas voavam atrás dele como se ele fosse uma modelo nua e as garrafas fossem os tarados de plantão.

Estantes caíam à sua frente derrubando os frascos e espirrando farpas. Um ou duas vezes ele fora atingido, rasgando e manchando de vinho e gotas de sangue, que brotavam de alguns pequenos arranhões, a sua camisa.

Sua determinação o mantinha de pé para continuar sua desesperada tentativa de sair da adega.

Subiu a escada parando a três degraus do fim, onde a distância era ideal para o ataque com a viga.

Uma garrafa acertou a batata de sua perna direita, fazendo-o cambalear e dobrar a perna. No momento seguinte ele virou de costas, a tempo de rebater uma garrafa de vinho branco seco, como um jogador de beisebol arrebate uma bola, que vinha de encontro à sua cabeça.

Isso deu um certo tempo para ele se posicionar e bater com a viga na tampa do alçapão.

Ele escutava barulhos de panelas e portas mexendo na cozinha, tinha a esperança de que sua mulher ou Christine estivesse lá.

E sua esperança foi transformada em realidade quando ele arrebentou a tampa do alçapão e precipitou-se para fora da adega.

Suas mãos estavam completamente raladas e com farpas fincadas nelas.

Guilherme estava bem judiado.

Lá embaixo, na adega, ouviam-se os estalos das garrafas se partindo ao se chocarem com a parede ou outra coisa.

A visão que Guilherme teve ao entrar na cozinha foi uma dessas tiradas de filmes de assombrações. Portas dos armários e gavetas abriam e fechavam freneticamente, panelas balançavam, facas, garfos, colheres e pratos levitavam e iam para frente e para trás.

Em um segundo momento ele viu uma figura imobilizada olhando aterrorizada para ele.

Era Christine.

Ele deu um passo ao encontro da empregada e foi atingido por alguma coisa na nuca; por sorte era uma colher.

- Não se mexa! - berrou Christine.

Sua voz continha uma parcela de nervosismo, embora sua expressão tivesse voltado a ser mais tranqüila ao constatar que a figura recém-saída do alçapão era seu patrão Guilherme.

O senhor Scaduari obedeceu à ordem da empregada sem questionar; entendia o que estava acontecendo, acabara de ter uma experiência parecida na adega, e a colherada na nuca provara isso.

- Onde está minha mulher? - Guilherme quase sussurrou a pergunta; tinha receio de que apenas com a voz as coisas pudessem voar em sua direção. Porém ficou mais tranqüilo quando isso não ocorreu.

Christine reparou que conversar não fazia com que os objetos atacassem, então respondeu:

- Ela caiu no buraco do degrau antes de mim; depois disso eu não a vi mais.

Guilherme ouviu em silêncio e depois disse:

- Como vamos sair daqui?

- Tem somente aquela porta que leva à sala de jantar.

- Eu sei, digo como vamos até ela sem que essas coisas nos ataquem?

Christine olhou em volta; vendo as panelas ainda se mexendo, sentiu um friozinho na espinha.

- Não sei. - Christine olhou em volta novamente e continuou. - Acho que só podemos correr e rezar para que nada nos acerte.

Os talheres e os pratos que estavam no ar começaram a se mover inquietos; dava a impressão de que “escutavam” o que os dois conversavam.

- Senhor Guilherme, tenho a impressão de que essas coisas estão ouvindo cada palavra do que dizemos.

- Também tenho essa sensação.

- Então, o que vamos fazer?

Os objetos voadores (todos identificados) moviam-se mais rápido agora.

- Vou contar até três! - disse Guilherme.

- Tudo bem.

- Avise quando você estiver pronta.

Christine posicionou-se em direção à porta, pretendendo correr o mais rápido que suas pernas conseguissem.

- Estou pronta! - disse ela.

- Então vamos: Um... Dois...

Os pratos, os talheres, as panelas balançavam ameaçadoramente. As portas e as gavetas abriam e fechavam com força, causando maior desespero nos dois. O fogão pulava do chão, as chamas provenientes dele faziam malabarismo pirofágico.

- Três!

Eles correram como nunca.

Houve várias colisões. Porém, como Guilherme, ao dizer “três”, jogara a viga de madeira, que ainda estava em suas mãos, nos talheres, derrubando a maioria dos garfos e das facas, nem ele nem a empregada foram atingidos. Não fosse por isso, na certa estariam gravemente feridos, ou, pior, até mortos.

Mas agora estavam fora da cozinha, e, o mais importante, inteiros, ou quase.

Na sala de jantar tudo parecia normal.

Guilherme, que entrara por último, fechou a porta atrás de si, ouvindo o barulho da colisão dos objetos com ela.

Ele observou o lugar. Era uma sala não muito ampla; havia duas janelas grandes que, quando não estavam cobertas com cortina, como agora, davam visão para as montanhas. Havia uma grande mesa oval no centro da sala, e, em volta desta, cerca de quatorze cadeiras devidamente organizadas. Não havia ninguém na sala, exceto Christine e ele, que tinham acabado de entrar.

- Patrícia não está aqui. - ele disse.

- Confesso que também esperava vê-la aqui, nesta sala.

Ficaram com receio de andar na sala de jantar e ver coisas voando para acertá-los.

Mas o medo deu lugar à curiosidade, e então caminharam pela sala de jantar, sem nada acontecer.

- Nada de interessante. - resmungou Guilherme.

- Graças a Deus! - disse Christine aliviada.

E então foram até a porta que dava ao saguão de entrada.

- Eu não estou gostando nada disso. - disse Christine com um tom de preocupação na voz. - Está calmo demais para o meu gosto.

Foi só dizer.

Para o desespero de ambos, tudo ficou escuro. Christine soltou um grito e Guilherme recuou meio passo. Então surgiu crianças que davam risadas e tinham expressão sombria no rosto. Uma menina com cortes no couro cabeludo que a deixava sem chumaços de cabelo, chegou perto deles.

Os dois se afastaram e esbarraram em um menino sem dentes e com os olhos sangrando. O garoto rosnou como se fosse um lobo. Suas unhas, afiadas feito garras, tentaram rasgar a pele dos dois.

- Sumam! – gritou Guilherme.

Nesse instante a claridade voltou e as crianças satânicas sumiram misteriosamente.

- Isso não pode ser real. – disse Christine. Ela já tinha certa idade, seu coração não agüentaria tais choques de sanidade. Porém, milagrosamente, ela ainda continuava bem.

O senhor Scaduari seguiu em direção à porta. Quando ele colocou a mão na maçaneta, houve um grito estridente de mulher.

Christine e Guilherme pularam de susto e se viraram.

As cadeiras foram parar em cima da mesa formando uma pirâmide impossível de montar pela maneira miraculosa como elas foram equilibradas.

Mais um grito agudo percorreu o lugar, entrando pelos ouvidos de Guilherme e de Christine, passando pelos tímpanos e sendo capitado pelos cérebros de ambos.

Sem dúvida era a voz de uma mulher.

- É Patrícia! Tenho certeza! - exclamou Guilherme.

De repente mais um grito. Este veio com um peso de sofrimento e loucura misturados.

- É ela, sem nenhuma dúvida! - concordou Christine.

- E onde ela está? Não a vejo! - disse Guilherme olhando ao redor e encontrando a sala vazia.

- Eu também não, mas, pela origem do som, acho que ela deve estar por aqui mesmo.

Eles passaram a ouvir então o som de um choro, que provinha da sala de jantar, bem do centro, mais exatamente do meio da pirâmide de cadeiras.

Os dois correram para a mesa e começaram a desmanchar aquela pirâmide, mas o som de pânico da voz não sumia.

- Patrícia, sou eu, amor. Onde você está?

...

No corredor escuro, as runas ainda brilhavam. Patrícia continuava de joelhos, chorando.

As risadas de crianças ainda penetravam o cérebro da mulher. Havia gotas de sangue seco em seus lábios devido às mordidas que ela mesma dera.

De uma hora para outra, as runas desapareceram e o som de risadas cessou. Patrícia esparramou-se no chão. Foi quando ouviu a voz de seu marido chamando-a.

- Patrícia, responda, por favor!

A mulher caída levantou-se no corredor escuro e disse:

- Gui, é você?

Quando as duas pessoas que estavam na sala de jantar ouviram aquela voz, uma sensação de alegria e alívio tomou conta de seus corpos.

- Sim, sou eu, querida.

- Ah, Gui! Estou com tanto medo...

- Não se preocupe, tudo vai dar certo.

- Eu sei, mas ah... Acho que estou ficando louca. - sua voz não era muito clara, dava para perceber soluções em meio às palavras.

Christine estava ao lado de Guilherme escutando a conversa.

- Patrícia, sou eu, Christine! Por favor, responda: onde você está?

Essa era uma pergunta difícil de responder, “afinal, que lugar era aquele?”, pensou Patrícia.

- Hum, eu não sei dizer, não conheço.

- Como você foi parar aí?

Patrícia esperou alguns segundos tentando se lembrar exatamente dos acontecimentos anteriores.

- Eu me lembro que nós três estávamos no saguão quando - aqui ela deu uma pausa antes de continuar - meu filho teve aquele acesso...

Christine percebia como era difícil para Patrícia falar sobre aquilo.

- Depois, eu me lembro que Gui foi subir as escadas e um degrau se abriu; logo depois disso eu também fiz o mesmo caminho e caí em um buraco que foi reaberto no degrau.

Christine e Guilherme prestavam muita atenção naquela narração de Patrícia.

- Querida, como é o lugar em que você está?

- É um corredor escuro.

Era isso que ele queria ouvir, e Christine também, pois a pergunta que ele fez foi a mesma que ela faria.

- Patrícia, você está vendo uma luz branca?

Ela olhou em volta, mas nada viu.

- Não, está totalmente escuro.

Christine olhou para Guilherme e este lhe retribuiu o olhar.

- Espere! - disse Patrícia. Guilherme e Christine se assustaram. - Estou vendo um minúsculo ponto branco, mas está muito longe.

- Então corra para lá, depressa!

A mulher saiu apressada. Seu coração estava aos pulos, pois todo o metabolismo de seu corpo tinha se alterado. Patrícia corria como um condenado fugindo da polícia. À sua volta as runas voltaram a brilhar. As risadas de crianças ficaram mais intensas, mas desta vez ela não pararia, desta vez não entraria em pânico, seu marido esperava por ela, e Mateus... seu filho precisava de sua ajuda.

A cada passo a minúscula luz se tornava maior e ganhava forma. Não demorou muito para Patrícia perceber que se tratava de uma porta.

As runas já haviam sumido lá atrás há algum tempo. Patrícia não mais passou a luz do relógio sobre os símbolos, mas as risadas vinham de todas as direções, cada vez mais fortes, e não pararam nem mesmo quando Patrícia alcançou a porta luminosa.

- Cheguei. - disse Patrícia. - Estou diante dela.

- Atravesse-a! - disse Christine.

- Tem certeza? Ela parece... hum... meio gosmenta. - falou a mulher com nojo na voz.

- Absoluta, pode passar! - respondeu Christine.

- Pode confiar! - completou Guilherme.

Patrícia escutou os conselhos, fechou os olhos, apertou o nariz com uma mão, respirou fundo, fechou a boca e cruzou a porta luminosa.

Tudo girava.

Achava que estava caindo em outra dimensão, tragada pelo tempo e pelo espaço.

E a Terra girava.

Então, uma luz branca clareou tudo por um segundo, escurecendo sua visão, e desapareceu instantaneamente.

Patrícia caiu.

Estava esparramada na mesa.

Guilherme e Christine, que estavam ao redor do móvel, foram dar apoio à recém-chegada. Ele levantou o tronco e a cabeça da esposa para ela ficar mais confortável. Christine foi para junto do rosto da patroa e disse:

- Patrícia, você está bem?

A senhora Scaduari abriu os olhos. Demorou um pouco para que sua visão ficasse nítida, e para que sua cabeça parasse de zunir.

- Onde estamos?

Guilherme ajudou a mulher a se levantar e se pôr de pé no chão.

- Estamos na sala de jantar, querida.

- Você tem certeza de que está bem? - perguntou Christine com dúvida ao ver Patrícia meio pálida.

- E-eu estou bem.

- Você parece pálida. - insistiu a empregada.

- Não é nada, estou ótima.

Guilherme olhou para o rosto de sua mulher e viu sangue seco nos lábios dela.

- Patrícia, o que é isso? - perguntou ele, retirando uma casquinha de sangue seco do lábio inferior dela. - Parece sangue.

- É sangue. - ela confirmou.

- Mas como, ou melhor, o que aconteceu?

- Eu mordi os lábios e a língua. - ela esticou a língua para fora da boca de modo a mostrar os cortes causados pelos dentes.

- Você mordeu? Por quê?

- Sim, eu mordi, é que. - ela contou todo o sufoco que passara. O corredor escuro, as runas, as risadas...

Logo depois da narração de Patrícia e dos abraços e sentimentalismos (sobre os quais devo poupá-lo, caro leitor), eles caminharam para a porta e abriram-na.

O saguão parecia calmo. Não havia sinal de Mateus nem de nenhuma serpente.

Deram um passo para frente e Christine, que era a última da fila, fechou a porta atrás de si.

Podiam ouvir o vento soprando lá fora.

O cômodo continuava do mesmo jeito que antes, com uma única diferença: no

degrau em que se abrira o poço no qual os três haviam caído, havia uma placa com a palavra “início” escrita.

Caminharam pelo saguão sem nada acontecer. Tudo estava em seu lugar.

- Vamos deixar essas investigações para depois. - disse Guilherme. - É bom irmos direto ao terceiro andar.

- Também acho isso! - completou Christine.

- Então, o que estamos esperando? - perguntou Patrícia.

Foram até a escada e pararam antes do primeiro degrau.

- Será que é seguro? - questionou a senhora Scaduari.

Ficaram com receio de acontecer a mesma coisa que antes.

Christine se adiantou.

- Só há um meio de saber. - disse ela.

- De um modo ou de outro teremos que subir. - Guilherme tomou fôlego e continuou. - E, também, de que adianta ficarmos aqui?

- Tem razão.

Em um momento de decisão, ou burrice, o senhor Scaduari foi em frente e subiu no primeiro degrau. Nesse instante a televisão ligou. Os três adultos imediatamente se viraram para o aparelho: não havia ninguém ali. Eles se entreolharam assustados: a TV havia ligado sozinha. Olharam novamente para ela; estava em algum canal sem sintonia.

- Gui, o que foi isso? - perguntou Patrícia alarmada.

- Não sei, não sei. Acho melhor continuarmos.

Arriscou mais uma olhada para a televisão; não mostrava nada. Mais nada aconteceu.

Ele subiu o segundo e o terceiro degraus; só depois de ele ter chegado ao quinto degrau é que Patrícia e Christine criaram coragem e subiram a escada também.

A televisão ainda mostrava aquela imagem chamuscada quando eles estavam na metade do caminho para o primeiro andar.

Continuaram subindo; estavam cada vez mais próximos do andar de cima e mais longe do som da TV ligada.

“É estranha a sensação que a televisão proporciona. Mesmo sem ver ou sem ouvir, dá para perceber se ela está ligada ou não”, pensou o único homem do grupo.

Continuaram subindo; Guilherme sempre à frente.

Depois de algum tempo subindo, finalmente chegaram ao primeiro andar. Olharam para o pé da escada; lá jazia, no primeiro degrau, a placa com a palavra “início”.

O PRIMEIRO ANDAR.

Olharam para o corredor à frente e ficaram espantados. Estava diferente. Em primeiro lugar, porque não havia mais escada para subir aos outros andares, e em segundo lugar, porque, naquele mesmo corredor, antes havia nove portas para quartos e agora não. Assustadoramente não. O que havia era apenas uma porta de madeira ao lado direito.

- O que aconteceu aqui?! - gritou Patrícia.

Todos eles tinham os olhos arregalados no diferente corredor do primeiro andar.

- Eu acho que vamos ter que passar por cada porta antes de chegarmos ao terceiro andar. - argumentou Guilherme.

- Estava fácil demais.

Patrícia batia na porta com um dedo de unha roída.

Lá fora o vento assobiava e trazia uma tempestade consigo. Guilherme presentia uma chuva pesada. Ele adiantou-se e experimentou a porta. Ela abriu.

Entraram. A porta se fechou atrás deles como se tivesse um braço pneumático.

No saguão de entrada a imagem da televisão ficou totalmente preta e um bode saiu do aparelho.

... 1 ...

Estavam em um quarto de visitas. À esquerda havia um beliche de madeira com colchões antigos e de mola. Parecia que nunca haviam sido usados, pelo menos não no presente século, mas não havia sinal de sujeira ou poeira, o que significava que Christine estava fazendo bem o seu trabalho.

Do lado direito, havia uma longa penteadeira com uma cadeira de assento de vinil encostada na parede. Não havia nada nela. Nem pentes, nem escovas, nem secadores, nem batons, nem maquiagens, nem nada. O que havia era somente um espelho retangular desses que toda boa penteadeira possui.

E na frente da linha em que estavam, havia uma porta que antes não existia.

- Aquela porta não existe, eu sei, eu ajudei a fazer a planta da casa! - disse Guilherme fingindo não crer na sua visão.

- Acho que é por lá que devemos seguir se quisermos sair daqui. - disse Christine.

- Também acho.

Patrícia olhava de um lado a outro o quarto, tinha um ar de nervosismo em sua expressão, parecia que estava vendo um fantasma.

- Vamos embora daqui logo! - disse com desespero. - Não estou gostando nada disso.

Guilherme ficou meio assustado com o jeito da esposa.

- O que foi, querida?

- Não é nada, só quero sair daqui.

Sentindo o nervosismo da patroa, Christine começou a andar para a provável saída.

Ela ia à frente, seguida por Guilherme e depois Patrícia.

- Aaaaaaaahhhhhhhh!!! - berrou Patrícia.

Imediatamente os dois da frente se viraram para encarar a mulher que acabara de gritar.

Patrícia estava branca, suava e tremia, seu rosto estava virado para o espelho da penteadeira em uma expressão de choque.

- Patrícia!

Christine voltou sua atenção para o rosto da mulher. A nervosa senhora Scaduari olhava para algo. Christine seguiu a linha do olhar da patroa e logo descobriu o alvo: o espelho.

- Patrícia! - repetiu Guilherme, desta vez chacoalhando a esposa.

- Ah, meu Deus! - ela disse

- Que foi, amor? Diga.

- Você não viu?

- Viu o quê?

Ele olhou novamente o rosto da mulher; já havia perdido a cor, estava muito pálida.

- Ali no espelho.

- Que é que tem? - disse ele olhando pelo canto do olho o grande espelho da penteadeira.

- Eu vi a imagem de um homem todo de preto atrás de mim.

Guilherme escutou com atenção as palavras de Patrícia, mas demorou a digerir o significado delas.

- No espelho?

- Sim.

Ele posicionou-se de frente para o espelho e encarou a figura que apareceu. Cerrou os olhos ao mesmo tempo em que a imagem do espelho fazia a mesma coisa. Fez cara de *bad boy* no instante em que o outro também fazia. Parou por um tempo esperando a reação do sujeito, mas nada aconteceu. Só depois que Guilherme abriu um sorriso, é que a sua imagem também o fez.

Voltou-se para Patrícia; a mulher ainda estava nervosa.

- Está vendo, querida? Não tem nin...

Sua frase não pôde ser terminada. No momento em que ia dizer a palavra “ninguém”, dois braços vestidos de preto saíram do espelho e agarraram Guilherme puxando-o para dentro.

Guilherme não podia ver quem era a pessoa que o estava puxando, mas Christine e Patrícia, que estavam de frente para o espelho, podiam.

As mulheres deram gritos histéricos quando viram aquelas mãos saindo do espelho como se fossem uma superfície de água. Elas ficaram mais chocadas ainda quando olharam para o rosto em putrefação do indivíduo.

Era medonho olhar para aquilo. Um olho tinha sido arrancado ou comido pelas traças; o outro, ainda existente, estava esbugalhado para frente do rosto. Não havia boca; em seu lugar, um rasgo na pele brotava. O nariz estava quase todo comido - restavam apenas alguns pedaços. Não havia cabelos. Nem orelhas. Nem sobrancelhas. Era um pedaço de coisa, totalmente inexplicável, e a cor da pele, um roxo com manchas claras, dava medo de ver.

Quando a coisa inclinou-se para frente a fim de buscar Guilherme, dois abismos, por assim dizer, pois aquelas coisas não eram só buracos, apareceram em cima da cabeça da coisa.

O senhor Scaduari tentava se livrar dos braços que o seguravam, mas, por mais que se esforçasse, não conseguia escapar.

...

No saguão o bode andava de um lado para outro sem emitir um som.

...

- Me ajudem! - Guilherme conseguiu dizer antes que uma das mãos cadavéricas tampasse a sua boca.

O espelho estava a uns trinta centímetros das suas costas quando Patrícia e Christine vieram socorrê-lo.

Beliscaram, deram tapas, puxaram os braços até soltarem, e, quando o fizeram, Guilherme tombou para trás, só não caindo porque as mulheres se equilibraram.

Depois desse impacto terrível, as mãos voltaram para o espelho e desapareceram.

Sem pestanejar, os três viraram de costas e correram para a porta que imaginavam ser a saída.

E de certa forma era, pelo menos era a continuação do corredor. Dessa vez com a (única) porta para a esquerda.

Caminharam até ela e Guilherme estendeu a mão para a maçaneta; foi quando Patrícia agarrou-lhe o braço.

- Que foi?

- Não sei. - ela disse, depois o soltou. Riu, nervosa. - Não sei, mas isso é simplesmente tão... terrível.

- Devemos ir até o terceiro andar. - ele disse. - Não se lembra quando o nosso filho pediu nossa ajuda?

- É, eu sei. Mas é que... eu estou com tanto medo.

Ele a abraçou.

- Você também está com medo, não está?

Ele pensou por um momento e depois assentiu com a cabeça. Sim. Era como antes dos temporais, as farras, quando era criança, apenas com toda aquela estranha alegria extirpada.

- Mas mesmo assim a gente precisa...

- Sim, eu sei. Continue! - ela engoliu em seco, e ele ouviu alguma coisa estalar em sua garganta. - Ei, me diga que a gente vai estar todos juntos e felizes daqui a pouco. Pode fazer isso, querido?

- Daqui a pouco a gente vai continuar todos juntos e melhor, extremamente felizes.

- Obrigada.

- De nada. - ele disse e abriu a porta.

... 2 ...

Era um escritório pouco simpático. Havia um tapete no chão, uma mesa na qual havia uma foto de uma criança de cabelos negros vestida de botas, chapéu e terno de passeio à moda do oeste; em frente, uma fonte muito elegante, a de lá de fora, com certeza. Era o pequeno Mateus Scaduari. Havia também, em cima da mesa, uma grossa lista telefônica aberta. Ao lado, um telefone e uma cesta de lixo vazia.

Assim como no quarto de onde tinham acabado de sair, naquele escritório também havia, materializada, uma porta bem à frente.

- Vamos sair logo da... - começou Guilherme, mas foi interrompido por algo se mexendo.

- O que foi? - perguntou Christine um pouco alarmada.

- Ratos.

As mulheres olharam em volta com um certo nojo no olhar.

- Ratos? - perguntou Patrícia.

- E baratas.

De repente estava sozinho. Patrícia e Christine tinham saído pela porta que antes não existia.

Quando elas saíram, a porta se fechou, e ele ficou sozinho no escritório.

... 3 ...

Elas voltaram e tentaram abrir a porta, mas não havia maçaneta do lado de fora.

- Gui, Gui! Você está me ouvindo? - gritou Patrícia.

Ela batia com os punhos fechados na porta, mas não veio nenhuma resposta.

- Acho que ele não está escutando. - disse Christine

- Gui, Gui! Abra esta porta! - gritou novamente, não dando ouvidos ao que a empregada acabara de dizer.

Christine aproximou-se de Patrícia, colocou uma mão no antebraço da patroa de modo afetivo e disse:

- Ele não está ouvindo.

Patrícia virou-se bruscamente; seus olhos brilhavam como fogo. Ela encarou a empregada:

- E o que você quer que eu faça?

Sinceramente ela já sabia o que Christine ia dizer, mas queria ver se a velha teria coragem para falar.

- Acho que devemos continuar.

- E meu marido? - gritou.

- Patrícia, você tem que pensar no seu filho. O senhor Guilherme é forte, ele ficará bem. Aposto que logo ele vai nos alcançar.

- Eu sei, mas é que. - disse Patrícia, toda banhada em lágrimas.

Mas nesse momento ela foi interrompida pela aparição de um homem belo com os cabelos dourados indo até o ombro. Ele tinha uma expressão de confiança e emanava poder.

-Não olhe para ele. – disse Christine. – É o demônio disfarçado.

As mulheres fecharam os olhos e pediram para o Divino Espírito Santo lhes proteger.

...

O bode começou a emitir seu som horripilante, então a casa pareceu sacudir.

...

Guilherme chutava os ratos e pisava nas baratas que se aproximavam. Tinha um pouco de nojo, mas no momento nem pensou nisso. O senhor Scaduari estava quase chegando na porta quando viu surgir uma criatura oriunda dos piores pesadelos. O tempo de reação foi absolutamente curto, e o homem já estava saindo.

...

Patrícia e Christine abriram os olhos e nada viram. O demônio havia desaparecido. Nesse segundo a porta se abriu repentinamente.

Era Guilherme.

Ele estava branco como neve, seus cabelos espatifados, uma expressão de terror no rosto jamais explicada.

Respirou e depois gritou:

- Corram!!!

As duas mulheres não entenderam, mas, por sorte, Guilherme começou a correr e segurou os braços delas; só depois disso, elas começaram a correr por si próprias, mesmo não sabendo o porquê.

... 4 ...

O próximo cômodo estava vazio. Era um lugar bastante grande para um quarto, mas não havia mobílias nem nada.

Não esperaram para ver; correram para a porta que se formara na frente e saíram.

Tiveram a sensação de que, ao fecharem a porta de saída, a porta de entrada para o cômodo foi aberta.

Continuaram correndo.

- Por que estamos correndo, Gui?

- Não há tempo para explicações, apenas corra.

Entraram na porta seguinte, uma bela sala de televisão. Havia uma estante antiga com algumas fotos; também havia alguns livros e revistas. Na parede, puderam observar um relógio que marcava 11:45 - estava parado. Havia um sofá de três lugares de frente para a estante onde também havia uma televisão de quatorze polegadas bem antiga, dessas que necessitam de um conversor de UHF.

Ali também não se demoraram. Correram para a porta de saída, e quando passaram em frente à estante, todos os retratos se viraram para eles.

O grupo que estava correndo não deu a mínima; na verdade, eles nem notaram que aquela TV também ligara sozinha.

Saíram.

De novo aquela sensação da porta se abrindo.

Alguém (alguma coisa) os estava seguindo.

... 5 ...

- Agora é o meu quarto! - disse Christine no corredor, referindo-se à próxima porta.

O quarto dela era uma suíte. Seus objetos pessoais estavam espalhados pelos cantos. Ela possuía algumas imagens de santos e um crucifixo pendurado na parede acima da sua cama de casal. Ao lado da cama havia um criado-mudo com duas gavetas. Em cima dele havia um abajur em forma de margarida e um telefone. Do outro lado, ela tinha uma estante com um grande espelho. Na estante estavam as imagens de santos junto com estatuetas de gnomos e fadas-porta-insenso. Em cima da cama havia várias agulhas de costura e lã.

O banheiro ficava em uma das portas, a primeira da esquerda mais precisamente, do guarda-roupa embutido. A televisão estava enfiada em uma portinha, do tamanho exato da TV, arrancada na parte de cima, no meio do guarda-roupa.

Lá fora a chuva começou.

Dessa vez não deu tempo deles correrem. A porta foi aberta.

Imediatamente eles olharam para a entrada.

- Meu Deus! - exclamou Guilherme.

A porta foi se abrindo devagar com um rugido, dando origem a uma figura de pesadelos.

As mulheres gritaram.

Uma coisa monstruosa, inenarrável, estava na entrada. Era uma gosma roxa. Não possuía pernas: havia dezenas de minúsculos tentáculos que a faziam movimentar-se para frente e para trás. No lugar de braços saíam dois grandes tentáculos com uma espécie de boca na ponta.

Um único olho, grande e vermelho, cobria sua face. Não possuía nariz nem orelhas visíveis; a boca não era normal, pois não havia lábios e sim um grande buraco cheio de presas. Baba escorria de seu orifício da boca.

Nada na Terra havia sido como aquela criatura. Era grotesca. Não tinha outra

explicação.

Quando o bicho deu um urro, as três pessoas sentiram medo e nojo, pois a coisa tinha um bafo terrível.

A criatura avançou. Como era feia!!! E o cheiro que desprendia dela era ainda mais repugnante. Parecia uma gárgula e fedia mais que um ensopado de carne podre e leite azedo.

Algumas formas negras haviam começado a mover-se vagamente por baixo da pele de seus tentáculos, como o adejar das asas membranosas de pequenos insetos.

Patrícia tremia. Christine respirava alto. O único a manter, ou quase, a calma era Guilherme.

A senhora Scaduari observou, paralisada, um dos tentáculos agarrar Guilherme e atirá-lo para longe.

Guilherme voou por cima da cama, joelhos curvados, convencido de que no mínimo iria sofrer múltiplas fraturas.

Caiu sobre um pé, como um skatista que esqueceu o skate. O joelho cedeu. Ele emitiu um grito gutural.

No momento seguinte ele pôde ver sua mulher e percebeu que ela retornara a si e berrava:

- Gui!!!!

Ele se recuperou e levantou, encostando-se na parede.

A coisa olhou para Patrícia e depois se preparou para avançar sobre Guilherme. Antes que pudesse fazer isso, Christine arremessou o abajur-margarida na criatura. O abajur se desfez em centenas de pedaços quando atingiu o gosmento corpo roxo da coisa.

Um tentáculo atingiu Christine, que voou para trás como uma pedra atirada de um bodoque, os pés tropeçando no piso.

A criatura urrou. Parecia apenas um ou dois níveis acima do latido de um cachorro. E estaria rindo? Para Guilherme, sim, ou pelo menos parte dela. E aquele roxo estranho, flutuante, logo abaixo da superfície da pele? Estava ele realmente vendo aquilo?

Christine, ainda no chão, olhou para Patrícia através da massa de cabelos, momentaneamente tonta.

- As agulhas. - ela disse.

Patrícia escutou a empregada, olhou para cima da cama e entendeu o que Christine dissera.

- Gui, Gui! As agulhas em cima da cama.

Guilherme Scaduari viu as agulhas e não hesitou em pegá-las.

A coisa estava parada, o olho indo de Guilherme para Patrícia, dela para Christine e depois retornando a Guilherme.

Os tentáculos flutuando à frente, numa dança hipnótica.

Guilherme recuou um passo e atirou uma das agulhas de bordar na olho da criatura.

Acertou.

Ele ouviu o som da agulha perfurando e penetrando o olho da coisa. Um líquido preto-arroxeadado vazou do buraco feito pela agulha, manchando a colcha da cama e o piso.

A coisa uivou. Era desespero e dor o que Guilherme ouvia agora naquele uivo. Os tentáculos balançando de um lado para outro derrubando os gnomos e as imagens, e depois derrubando a própria estante e partindo o espelho. E continuava a se debater.

- Vamos dar o fora daqui! - berrou Christine.

Agora ela estava de pé, e quando disse para saírem, Guilherme e sua esposa a seguiram, sem olhar para trás, somente escutando os uivos ameaçadores da coisa.

... 6 ...

Ainda nervosos, porém com uma certa dose de alívio no peito, eles fecharam a porta, deixando a coisa dentro do quarto.

Continuaram a jornada.

Passaram por outra suíte, igual à de Christine não fosse pelos objetos pessoais dela.

Ouvia-se o uivo da coisa lá trás.

Abriram outra porta. Passaram por um quarto grande; havia um amplo espaço vago naquele cômodo, pois ali só constavam um beliche e uma pequena cama de solteiro.

Também não se demoraram ali; dirigiram-se para a saída.

Continuavam ouvindo o som da criatura se lamentando

O próximo cômodo era um banheiro. Seria engraçado, se não fosse trágico, pensar

que, com toda aquela confusão, ninguém cogitara de ir ao toalete. E ainda não seria dessa vez que cogitariam.

A chuva estava ficando forte e os sons dos trovões se misturavam com os uivos infernais da coisa na suíte de Christine.

A última porta do primeiro andar dava para outro quarto; este estava completamente vazio, nem lâmpada havia ali. A pequena e única iluminação do cômodo provinha do corredor. Mas essa luz não durou muito.

Quando a porta foi fechada e eles se dirigiram para a saída, um raio deve ter caído ali perto, pois, num breve momento, uma forte luz clareou o quarto, mas tão de repente como chegou, ela se foi, deixando a escuridão tomar controle e fazendo com que o quarto mergulhasse novamente em trevas.

Uma faísca queimou o fusível do primeiro andar.

Sombras tenebrosas passeavam pelo quarto, brincando com os nervos das três pessoas.

Então o bode que estava no saguão apareceu ali. Os três olharam para o animal que os observava. Uma sensação estranha se apossou deles. Um calor insuportável, como água fervendo, atingiu seus corpos, e não conseguiram dar mais um passo adiante. O bode adiantou-se. As três pessoas sentiram que deviam sair dali. Estavam no campo do diabo, e uma voz interior os alertava para deixar aquele quarto o mais depressa possível.

- Mesmo andando no vale das sombras, o mal não me atingirá, pois o Pai me protege. – disse Guilherme dando um passo na direção do bode.

O animal recuou e desapareceu frente à devoção do homem. Escutaram o uivo da criatura deixada para traz. De repente o som do uivo da coisa sumiu e em seu lugar o barulho de uma porta batendo apareceu.

Ouviu-se novamente o som da criatura mais alto: ela estava se aproximando. O uivo que ela projetava agora não tinha tom de dor ou desespero. Era fúria.

Outra porta batendo.

Estava vindo.

Próxima.

Guilherme, Patrícia e Christine não esperaram mais. Correram para frente com uma mão procurando a porta; não conseguiam ver nada.

Finalmente chegaram à porta.

A criatura continuava a se aproximar.

Alcançaram a saída.

O corredor agora não dava para nenhuma outra porta; havia uma longa escada no fim dele.

Escutaram mais uma porta sendo destruída. Era a porta que dava para o corredor do último quarto, o que significava que, dali a alguns segundos, a coisa estaria no cômodo do qual eles tinham acabado de sair.

O barulho dessa vez foi muito alto e próximo. A coisa com tentáculos estava no quarto.

Os três não esperaram mais; correram para a escada, dirigindo-se ao segundo andar.

O SEGUNDO ANDAR.

- Puta que pariu! - disse Guilherme. - O que aconteceu?

Estavam em uma gigantesca sala, onde coisas, aqui e ali, se espalhavam pelo chão.

- São todos os quartos! - falou Christine.

- O quê? - perguntou Patrícia.

- São todos os quartos! - repetiu a empregada.

- Como assim? - indagou Guilherme, que já sabia o que esperar como resposta.

- Os quartos estão todos juntos, sem paredes nem divisórias. - respondeu a velha.

Na verdade, o andar inteiro fora transformado em uma única sala, onde os objetos dos quartos estavam todos juntos.

Guilherme acendeu a luz de onde deveria ser o corredor. Embora a iluminação fosse bastante fraca, eles puderam ver sofás desbotados, cama empoeirada, estantes quebradas... Aquilo mais parecia um depósito de antiguidades.

O ar estava pesado e com um forte cheiro de mofo, o que dava mais autenticidade àquelas velharias.

Seguiram Guilherme a uns três metros onde ele parou. Estava ao lado de uma cadeira de ferro com um acento almofado. Ali, eles viam sombras longas e ralas de seus corpos. A primeira e única lâmpada acesa estava justamente acima do grupo.

Guilherme acendeu a luz em um interruptor ao lado direito da entrada para o grande salão. À frente de uns dois ou três sofás a luz se desfazia, restando apenas a escuridão subindo a alturas invisíveis.

Acima disso, e de todos os lados também, uivava o vento, ricocheteavam os trovões e despencava a tempestade. Embora fosse um som que gelava o sangue, não era possível negar que havia alguma coisa estranhamente bela e atraente naquilo... mas não se sabia exatamente o que provocava aquela atração.

No canto do empoeirado salão, e diante de uma estante coberta por um pano que um dia tinha sido branco, havia uma junção de objetos que na hora eles identificaram como a sala de televisão que havia no segundo andar.

Poltronas, sofás, uma mesinha com retratos, abajures de pé, e, é claro, um aparelho de TV em cima de um banquinho de rodas. Tudo isso sobre um grande balcão de carvalho onde havia garrafas de pinga e tequila. Parecia um pouco um mostruário de uma seção de

Vida Doméstica numa loja de departamentos.

Guilherme passou a mão por cima do balcão de carvalho; a mão encheu de poeira. Christine ligou os abajures de pé, um após o outro, porém alguns não funcionaram.

Patrícia viu que os fios elétricos que corriam pelas rachaduras onde deveriam estar as paredes que dividiam os cômodos estavam presos em canaletas que haviam sido remendadas com fita isolante, para impedir que se alargassem.

O homem chamou as mulheres com um breve “psiu”. Elas se juntaram a ele no balcão. Ele mostrou-lhes as garrafas de bebidas e depois abriu as portas duplas notando que o bar estava inteiramente abastecido. E de coisa boa. Não de primeira, mas também não era qualquer coisa.

Pegaram um pacote de bolachas e foram se sentar cada um em uma poltrona.

Estavam comendo quando de repente ouviram um grande estrondo. Então começaram a escutar um rosnado, que rapidamente evoluiu para um uivo que os fez saltar das poltronas. Por um momento, foi impossível associar aquele som a qualquer coisa que já tivesse andado pela Terra.

Guilherme girou e esbarrou em um abajur, que caiu no chão, quebrando a lâmpada, o que diminuiu ainda mais a iluminação.

Por um breve momento, seus olhos encontraram um gigantesco globo ocular amarelo. Ele soube o que era imediatamente, a mente juntando rápido a forma com aquele som demoníaco, apesar de seu espanto e terror.

A criatura roxa do primeiro andar ergueu a “face” para ele e cuspiu-lhe, revelando quatro filas de longos dentes amarelos.

- Deus do céu. - sussurrou Christine.

Foi graças a essa pequena intervenção que Guilherme permaneceu vivo, pois a criatura se distraiu com a fala da velha e ele teve tempo de correr para longe dos tentáculos.

A coisa soltou outro daqueles seus rugidos agudos e perturbadores, depois se lançou sobre Christine, com os tentáculos à frente e as “bocas” na ponta deles babando. Um tentáculo enterrou-se no vestido e na carne da empregada, no momento em que ela tateava o balcão em busca de uma garrafa.

A empregada, gritando de dor, rolou, batendo no chão coberto pelo tapete. Nisso, Patrícia pegou um dos porta-retratos que estavam em cima da mesinha e atirou-o na coisa.

Quando a criatura rosnante virou-se em direção ao objeto que lhe fora atirado, Christine levantou-se e se juntou aos patrões.

- Obrigada. - disse, ofegante.

Patrícia deu-lhe um sorriso.

Agora estavam os três juntos. Guilherme Scaduari, com alguns arranhões e hematomas no corpo. Patrícia, com os cabelos espatifados e com a boca cortada. E Christine, a mais ferida, com cortes, manchas roxas e um furo na lateral das costas.

A criatura avançava sobre eles, derrubando tudo que encontrava em seu caminho. Christine e Guilherme fugiram para a esquerda enquanto Patrícia correu para a direita.

Um barulho de vidro quebrando foi ouvido quando a televisão foi jogada ao chão.

A coisa continuava a avançar. Um tentáculo rastejou por cima da TV quebrada e agarrou Patrícia em volta da barriga. Christine e Guilherme olharam assustados.

O tentáculo afinava-se para a espessura de dez centímetros, era como uma cobra, e aquelas presas nas pontas soltando baba. Era roxo na parte superior, sombreando-se de um anil na inferior.

Patrícia olhou para baixo. Seus olhos esbugalharam-se.

- Ei, tirem isso de mim! Tirem isso de mim! Pelo amor de Deus, tirem essa coisa horrível de mim!

- Oh, meu Deus! - gemeu Christine.

Patrícia agarrou-se à parte superior do balcão, ancorando-se nele. O tentáculo pareceu inchar, como um braço quando flexionado. Ela foi puxada para o sofá - sua cabeça se chocou fragorosamente contra ele. O tentáculo inchou ainda mais. Ela agarrou-se furiosamente e impeliu-se para frente, como alguém que fizesse flexões com a barriga para cima.

- Ajudem-me! - ela disse soluçando. - Vocês aí, ajudem-me, por favor, por favor!

- Meu Deus do céu! - disse Guilherme.

Ele correu para sua mulher, agarrou-a pela cintura e a puxou com toda força possível, sustentando-se nos saltos dos sapatos. Por um momento o tentáculo recuou um pouco, mas foi só por um momento. Era como espichar uma tira de borracha ou puxa-puxa. O tentáculo cedeu, mas não a soltou de tudo. Então, o outro tentáculo flutuou em direção a Guilherme, mas não o atingiu. Por um instante o tentáculo solto ficou deslizando sem direção, de um lado para outro, sobre a TV quebrada, emitindo ruídos surdos de arranhões. Então, o tentáculo solto encontrou a cintura de Patrícia e enovelou-se em torno dela. Guilherme sentiu aquela coisa tocar seu braço. Era nojento, liso, quente e pulsante. Por sorte a ventosa não o agarrou, caso contrário ele também teria sido puxado.

Patrícia estava sendo puxada de Guilherme.

- Ajude-me! - gritou Guilherme. - Christine, ajude-me aqui!

Ela não ajudou. Estava paralisada de medo. Guilherme olhou para baixo e viu o tentáculo em torno da cintura da sua mulher, procurando sua pele. A ventosa estava perfurando-a, ia sugar-lhe o sangue.

Ele bateu o braço contra a borda do sofá quando os dedos de Patrícia agarraram-se no assento, mantendo-se ali com firmeza. Ela não gritava; emitia uns gemidos que não são possíveis de expressar no papel. Sua cabeça sacudia para os lados e para trás, enquanto seus longos cabelos agitavam-se brutalmente.

Por cima do ombro de Patrícia, Guilherme viu a criatura se aproximando. Ele deu um puxão desesperado e um tentáculo que segurava Patrícia deslizou um pouco.

- Ajude-me! - gritou Guilherme novamente.

Christine pareceu despertar de um longo torpor.

Ela correu para ajudar o patrão. A face estava extremamente pálida. Olhos de garotinha aterrorizada.

Patrícia balançava a cabeça de um lado para o outro e os olhos dilatavam-se de terror.

Guilherme olhou em volta procurando algo, qualquer coisa, para arremessar na criatura.

A mão de Patrícia se soltou do sofá no momento em que Christine a segurava. Os olhos da mulher presa pelos tentáculos brilhavam infernalmente. Ela não estava muito ferida, mas estava aterrorizada.

Christine e o patrão puxaram juntos com força sobre-humana e conseguiram livrar Patrícia dos tentáculos.

A criatura emitiu um uivo de ódio e avançou sobre eles.

Rapidamente os três correram o máximo possível, passando pelo balcão, onde Guilherme pegou uma garrafa de pinga.

- Corram! - ele gritou.

As mulheres desapareceram e o valente homem ficou sozinho (ou quase).

Os tentáculos avançaram sobre ele.

Guilherme achava que os membros mucosos da coisa tinham um sensor de calor ou algo assim, já que o único olho da coisa estava perfurado, portanto, sem nenhuma utilidade.

Ele via naquele olho, antes amarelo e agora vermelho, dobras de carne que caíam sobre o globo ocular.

Em um momento de luz, o homem quebrou o fundo da garrafa e, com o pedaço

afiado da garrafa ainda na mão, avançou para o primeiro tentáculo que viu.

Sangue, ou qualquer outro líquido, fluiu do ponto em que Guilherme perfurou o tentáculo.

- Tome o que merece, seu merda!

A parte cortada do tentáculo caiu no chão desfazendo-se em cinzas, enquanto a criatura gritava de ódio misturado a dor.

Guilherme virou-se e correu para onde julgava terem ido sua mulher e a empregada.

Ele avançou enquanto a criatura balançava o toco do tentáculo com fúria, de um lado para outro freneticamente.

Patrícia chamou seu nome, causando-lhe um certo susto, dada a completa escuridão do local.

- O que aconteceu? - ela perguntou com a voz no tom de um sussurro.

Ele correu para se juntar a ela. Ao chegar, notou que Christine também estava lá.

- O que aconteceu? - ela repetiu.

- Eu cortei um tentáculo daquela coisa. - ele disse mostrando a garrafa quebrada na qual havia um líquido misturado a pinga nas pontas do vidro. - Acho que os tentáculos devem ter uma espécie de sensor de calor.

Patrícia assentiu com a cabeça.

- Também estava pensando nisso, do contrário a coisa não nos acharia, já que seu olho está todo ferrado. Ou pelo menos não tão rápido.

Lá atrás escutaram o último gemido da criatura.

Por um breve instante houve um silêncio de causar calafrios. Depois um uivo demoníaco, e não era de dor, mas de raiva.

A criatura avançou novamente, procurando-os. Tudo que estava em seu caminho era reduzido a pó. Camas eram arremessadas longe, fazendo os colchões voarem uns três metros no ar. Estantes iam ao chão e ficavam trituradas. Sofás, cadeiras, poltronas e tudo o mais eram destruídos.

- Escutem. - disse Guilherme. - Vocês duas peguem uma cortina e joguem por cima daquele mostro quando ele passar. Depois fujam para longe o mais rápido possível.

- E você?

Guilherme olhou em volta. A criatura se aproximava.

- Eu darei um fim nela.

- Não, Gui. É perigoso.

Ele olhou para a mulher.

- Temos que deter essa coisa.

- Eu sei, mas...

- Não há tempo, se apressem.

- Gui, tenha cuidado.

Enquanto sua mulher e Christine retiravam uma cortina de cima de um guarda-roupa, Guilherme se escondeu atrás de uma mesa de bilhar. Ondas de calor, geradas pelo excesso de adrenalina, se contrapunham às correntes geladas do terror que procuravam, de todos os meios, se interpor em sua visão. Se fechasse os olhos, se desviasse sua atenção, por um momento que fosse, ele sabia que seria o fim.

A criatura estava a menos de cinco metros.

Os segundos que se seguiram deram a impressão de levar uma eternidade para passar.

Guilherme sentia seu coração pulsando na garganta. Os pêlos de seus braços estavam erguidos.

No instante em que a criatura passou pelo guarda-roupa, sem notar a presença das mulheres, uma cortina foi jogada sobre ela.

Guilherme percebia onde o tentáculo deveria estar por causa da elevação da cortina.

Ele irrompeu de seu esconderijo e atacou o monstro.

Mais daquele líquido estranho foi jorrado quando Guilherme cortou o outro tentáculo. Ele não esperou o uivo da criatura, partindo imediatamente para um novo bote, como um leão voando na direção de sua presa.

Dezenas de perfurações cobriam o corpo informe da coisa quando Guilherme enterrou a garrafa no topo da cabeça da criatura, fazendo-a desmanchar-se em cinzas.

Estava livre daquela ameaça.

As mulheres precipitaram-se para junto de Guilherme.

Ali estavam os três sobreviventes do ataque da criatura asquerosa. As cinzas do inimigo jaziam no chão.

- Gui, você foi fantástico.

Ela abraçou o marido.

- Você está bem?

- Estou ótimo!

E como estava... Apesar de toda aquela confusão, de ter passado por um perigo mortal e de ter arriscado a própria vida, ele estava com uma ereção. Uma forte ereção. O pau duro desajeitado na cueca. Sentia um enorme tesão. Patrícia, percebendo o poderoso membro endurecido, deu-lhe um malicioso aperto na cintura e um sorriso safado.

- Mais tarde. - ela disse.

Continuaram a caminhar rumo à escada que levava ao terceiro andar.

Passaram por cadeiras caídas, sofás abertos com a espuma saindo, acolchoados de proteção para artigos quebráveis durante a mudança rasgados, camas de ponta-cabeça, colchões destruídos e tudo o mais.

De repente ouviram o som de pés lentos sendo arrastados e uma respiração levemente ofegante.

Guilherme olhou em torno e, logo depois, localizou a fina estria vertical de claridade da escada que levava ao terceiro andar.

Foram caminhando naquela direção, arrastando os pés. Desviavam das caixas de papelão, das estantes, das camas, de uma privada, e de outras coisas. Christine apertava a mão de Patrícia, que apertava a mão do marido.

Patrícia olhou as horas no seu relógio: eram cinco e vinte da tarde, e a única coisa que haviam comido depois do café da manhã tinham sido algumas bolachas. Mesmo assim não estavam com fome nem com sede. Concluíram que quando a mente está voltada para algum objetivo, o corpo provavelmente produza algum tipo de hormônio que faz a fome ser adiada.

Continuaram a andar até alcançar os pés da escada.

Pararam um segundo antes de subir.

- O que será que nos espera ali em cima? - perguntou Christine.

Por um momento ninguém respondeu.

- Não sei, mas o que quer que seja, acabamos com ela! - disse Patrícia socando o ar.

Guilherme olhava o alto da escada.

- Amor, você acha que nosso filho está bem? - perguntou Patrícia olhando para o alto da escada também.

- Sei que está.

Ele olhou para o rosto da mulher. Patrícia, que olhava para a escada, desviou seu

olhar para o rosto do marido. Ele sorriu e ela retribuiu-lhe o gesto.

Voltaram a atenção para a escada e para o terceiro andar.

“Mateus, não se preocupe, papai está chegando”, ele pensou.

E então, sem mais demora, eles engoliram em seco, respiraram fundo e subiram a escada.

QUARTA PARTE

DEUS

“Todos vão para o mesmo lugar; Todos são pó, e todos ao pó tornarão”.

O TERCEIRO ANDAR.

... 1 ...

Os relâmpagos não paravam de cair, e a chuva estava ficando cada vez mais forte.

Os três haviam chegado ao terceiro andar. Patrícia olhava para o corredor, assustando-se e esfregando os lábios cada vez que seu coração pulsava. Guilherme também espiava à frente; em seu olhar havia uma espécie de ansiedade embotada. Christine contraía seu tronco parecendo sacudir sob o horroroso vestido que usava.

Chegaram no corredor pisando macio no tapete vermelho; o corredor parecia o mesmo, mas não havia oito portas, o que havia era somente um corredor com uma única porta, uma penteadeira lá na frente e a criatura que produzira o som de pés lentos sendo arrastados junto a uma respiração levemente ofegante: um homem com duas cabeças de bode que se arrastava pelo corredor.

Guilherme começou a rezar o Pai-Nosso, depois sua mulher e Christine juntaram-se à oração. Pediam proteção e ajuda para resgatar o pobre Mateus. A luz interior do senhor Scaduvári voltou a brilhar intensamente. Seu amor à criação divina cresceu e se solidificou naquele instante. Cada palavra da oração emanava uma energia do bem, que conseguiu purificar o corredor naquele momento, livrando o caminho das alucinações causadas pela besta.

Depois disso, caminharam até a porta e pararam diante dela, os corações batendo forte.

Guilherme tocou a maçaneta, deixando os dedos se moverem sobre ela. Sua cabeça latejava.

- Prontas?

As duas mulheres suavam de nervosismo e suspense. Após escutarem a pergunta do homem junto à porta, levaram um segundo para digerir a palavra e depois mais um para tomar coragem para responder. Finalmente, fizeram um sinal positivo com a cabeça.

Ele virou a maçaneta.

A porta se abriu suavemente, sem ruído. Viram-se diante de um grande e belo quarto. O cômodo estava escuro, pois as cortinas permaneciam todas fechadas.

Guilherme parou na entrada; as duas mulheres olharam o aposento por sobre os ombros dele. Guilherme tateou a sua direita e encontrou o interruptor. Três lâmpadas num lustre de cristal se acenderam - havia espaço para mais uma lâmpada, porém esse espaço estava vazio.

Ele deu um passo à frente e encontrou um tapete espesso e macio. Olhou ao redor e viu que o tapete era azul-bebê. Suave. Também notou uma cama de casal com uma colcha branca. Mais à frente observou a entrada para o banheiro, a porta entreaberta.

Agora todos estavam dentro do quarto.

De repente um relâmpago, seguido de um trovão; as luzes piscaram e em seguida se extinguíram.

Como que por reflexo, Guilherme se virou a tempo de ver a porta se trancando.

Estavam presos.

A escuridão se formou como quando as luzes se apagam antes de começar o filme em um cinema.

Eles pularam de susto quando uma voz tão poderosa quanto um trovão disse:

- Vem, e vê.

Olharam ao redor; agora os objetos de quarto haviam desaparecido. Estavam em um amplo espaço escuro.

Do nada, um cavalo branco apareceu e começou a galopar freneticamente pelo lugar.

Guilherme, Patrícia e Christine observavam aquilo com uma certa dose de medo e cautela.

O cavalo branco continuava a galopar de um lado para outro sem parar. Christine recuou um passo. O cavalo branco vinha em direção a eles, rápido como o vento (Scadufax) e belo como nenhum outro cavalo jamais fora. Havia alguém assentado sobre ele (Gandalf). O que estava em cima do cavalo branco possuía um arco (Legolas) e foi-lhe dada uma coroa (Aragorn) - e ele galopava rumo aos três intrusos.

Uma flecha voou pelo ar, zunindo o ouvido esquerdo de Christine.

Estavam sendo caçados.

Mais flechas cortavam o ar, mas todas passavam longe, exceto uma que perfurou o alto do braço esquerdo de Guilherme, inutilizando-o, quando o arqueiro no cavalo branco passou por ele e desapareceu junto com a luz que acabara de voltar com outro relâmpago e outro trovão.

O quarto voltara a ser como era antes. Um tapete macio e espesso da cor azul-bebê cobria o chão, a grande cama de casal com a colcha branca sobre ela, a porta do banheiro

entreaberta - tudo estava como era antes de as luzes terem-se apagado.

Sangue pingava do braço esquerdo de Guilherme. Ele não arrancara a flecha ainda, por medo de que o sangue começasse a jorrar sem parar.

- Gui, você está bem? - perguntou a pasmada mulher, correndo para perto do marido.

Ele não respondeu. A expressão de seu rosto dizia tudo. Não estava nada bem - como poderia estar? Aquela flecha queimava sua pele.

Patrícia pôs a mão sobre a parte ferida do braço do marido de modo a tranquilizá-lo. Guilherme deu um baixo gemido de dor.

Christine também se aproximou dele.

- Não arranque a flecha, mas quebre um pedaço do cabo para diminuir a pressão.

E assim foi feito sem que Guilherme reclamasse. Estava além da dor. Seus olhos enchiam-se de lágrimas.

O toco da flecha ainda permanecia no braço esquerdo do senhor Scaduari; o cabo que fora partido agora jazia no chão do quarto do qual eles haviam acabado de sair.

...

Mamom se divertia sentado em seu trono. O sangue derramado por aquelas pessoas aumentava seu poder e em breve poderia trazer as trevas definitivas de volta ao mundo.

... 2 ...

Quando chegaram novamente ao corredor, puderam reparar que uma nova porta havia se materializado logo à frente.

Guilherme, como sempre, foi o primeiro a se dirigir para ela - as mulheres vinham logo atrás.

- Amor, você tem certeza de que quer continuar agora? - perguntou-lhe Patrícia.

Ele a olhou, aqueles olhos fervorosos, brilhando de certeza e coragem na decisão.

- Temos que continuar.

- Eu sei, mas...

Ela interrompeu a fala; tinha seu olhar sobre os olhos do marido e sentiu neles um fogo de energia e entusiasmo que a fez desistir de tentar persuadi-lo.

- Temos que continuar! - ele disse e deu um passo para frente. - Você sabe. Vamos.

Caminharam rumo à segunda porta.

Guilherme esticou a mão para girar a maçaneta, mas foi interrompido pela esposa.

- Deixe que eu faça isso.

E ela girou a maçaneta.

Lá fora, o vento diminuiu por um breve instante, os relâmpagos e trovões também pararam momentaneamente, mas a chuva continuava a cair tão forte como antes.

Desta vez a porta rangeu ao abrir. Era outro belo quarto, dessa vez um pouco maior do que o anterior. Este também estava escuro devido às cortinas fechadas.

Avançaram. Nada aqui, nada ali. Apenas um quarto vazio e frio - e que frio fazia dentro daquele quarto! E começara de repente: bastou apenas eles entrarem no quarto para sentirem aquele terrível frio.

Uma cama de casal com uma colcha amarelo-claro. Uma escrivaninha. Um armário com a porta aberta exibindo uma porção de cabides sem nada pendurado. Uma mesinha. Uma Bíblia aberta sobre um criado-mudo. À esquerda estava o banheiro.

Escutaram novamente o barulho do vento; depois de algum tempo, os relâmpagos e trovões voltaram a açoitar a pequena cidade.

Patrícia procurou o interruptor, quando o achou, o que não demorou a acontecer, acionou-o. Nada. As luzes não se acenderam.

Guilherme olhou para o lustre; lá havia quatro lâmpadas, todas provavelmente queimadas.

- Devem ter queimado. - ele disse, sem emoção.

- Todas? - indagou Patrícia.

Ele não respondeu. Ficou trêmulo quando ouviu novamente a poderosa voz dizendo:

- Vem, e vê.

Novamente os objetos do quarto sumiram. Voltaram a se encontrar no amplo espaço escuro.

E saiu outro cavalo - dessa vez ele era vermelho.

O cavalo estava parado. Ao que estava assentado sobre ele, foi dada uma grande espada.

Os três que haviam entrado no quarto recuaram. Esperavam um ataque mortal do cavaleiro, porém isso não aconteceu: cavalo e cavaleiro permaneceram no lugar, apenas observando, se é que o que estava assentado sobre o animal vermelho possuía olhos - não se viam seus olhos, ou melhor, nem a face do cavaleiro era visível.

E então houve o ataque, mas não sobre eles. O que aconteceu foi que simplesmente o cavaleiro abaixou sua espada com força suficiente para perfurar o chão.

E assim aconteceu.

Quando a lâmina da espada encontrou o solo, uma grande luz vermelha percorreu o ambiente e entrou nos olhos de Patrícia e Christine, mas não nos de Guilherme, que se contorceu abaixado e de olhos fechados devido à fígada da flecha em seu braço.

Dos que viram a luz, foi tirada a paz, e foi-lhes ordenado que se matassem uns aos outros.

E foi exatamente o que ocorreu.

Christine avançou sobre Patrícia.

- Vou pegar você, sua puta! - berrou a empregada.

Patrícia também avançou sobre Christine.

- Vamos ver.

E as duas se enroscaram, dando tapas uma na outra, beliscões, puxões de cabelos, mordidas. Guilherme observava tudo assustado, não entendendo o que estava acontecendo.

- Ei, vocês duas, o que está acontecendo?

Foi um erro, porém, se não fosse isso, as duas provavelmente iam morrer pelas mãos uma da outra.

Mesmo assim, foi um erro.

As duas se viraram para ele. Ódio. Os olhos delas se contraíram em fúria. Raiva.

- Você vai morrer! - elas gritaram.

Guilherme ouvia as mulheres se aproximando; elas gritavam palavrões. Ouvia a batida de seus sapatos no chão. Chegando perto. Mas nada parecia importar. Como se fosse um sonho.

“Corra, Guilhermel! Tem de correr!”, dizia sua consciência.

Ele olhou em volta e viu as duas avançando. Os cabelos de Patrícia voando para trás, e Christine, como era horrível vê-la correr, uma velha reumática medonha e enrugada. Que feiúra. Nos rostos de ambas, uma expressão de um animal faminto deixando a tocaia e apostando tudo numa arrancada.

“Corra, Guilherme! Tem de correr!”, tornou a dizer sua consciência.

E ele correu no último instante. Ouviu, logo atrás de si, as mulheres xingando de puro ódio.

“O que está acontecendo?”, ele se perguntava. Não entendia nada daquilo.

O cavaleiro e o cavalo vermelho ainda permaneciam no mesmo lugar, com a espada fincada no chão.

As mulheres ainda avançavam sobre ele.

- Patrícia, amor. O que você está fazendo?

Ele falava, mas nada adiantava, as duas não paravam.

- Você vai morrer!

“Meu Deus, me ajude”, ele suplicava.

Tentava se lembrar do que havia acontecido antes. Eles haviam entrado no quarto, observado tudo, as luzes não tinham acendido, aquela voz de trovão, o cavalo vermelho, o cavaleiro com a espada, a dor em seu braço, a espada fincada no chão, as duas mulheres enlouquecidas.

Era isso: alguma coisa acontecera quando a espada encontrara o solo, e ele não pudera ver devido à dor causada pela flecha em seu braço.

Guilherme já sabia o que era preciso fazer. Aquela espada deveria ser retirada do solo, e ele faria isso, custasse o que custasse.

Com as duas mulheres correndo no seu encalço, ele usou suas energias para alcançar a espada.

Ficava mais perto agora. O cavalo vermelho não se mexia, nem mesmo balançava o rabo. O mesmo acontecia com o cavaleiro.

Guilherme saltou. Sua voadora foi muito poderosa, atingindo em cheio a espada.

O que aconteceu depois foi muito rápido. A espada se desfez em bilhões de pedaços e desapareceu. Depois foi a vez do cavaleiro sumir, seguido depois pelo cavalo vermelho.

Patrícia e Christine pararam de correr e se encontraram no centro do quarto, com Guilherme perto da porta de saída.

- O que aconteceu? - perguntou a mulher.

Guilherme olhou para elas, feliz por nada ter acontecido, ainda.

- Vocês duas enlouqueceram.

- Como assim?

Ele contou brevemente o que havia ocorrido.

- Ah, Gui! Sinto muito, nos perdoe. - disse Patrícia ao ouvir aquela terrível história.

- Vocês estavam fora de si.

- Eu sei, mas... Gui, olhe seu braço!

O alto do braço esquerdo do homem sangrava no ponto em que a flecha estava incrustada.

Ele olhou assustado. Não tinha notado a enxurrada de sangue que brotava de seu braço. Mas disfarçou.

- Não é nada, vamos, temos que continuar.

E então ele abriu a porta de saída e se retirou do quarto; o braço doía, mas ele não demonstrava sentir nada. Patrícia e Christine se olharam e depois concordaram, então seguiram os passos do valente homem.

... 3 ...

Como antes, uma nova porta se materializou no corredor.

Dessa vez se dirigiram a ela sem esperar.

O quarto era como os outros dois: cama, guarda-roupa, criado-mudo, banheiro.

Era mais ou menos do tamanho do primeiro quarto, ou menor.

Guilherme acendeu as luzes - todas as quatro lâmpadas foram iluminadas. Ele caminhou pelo quarto; as mulheres como sempre o seguindo.

Nada adiante, nada aqui, nada ali.

A porta do banheiro estava aberta. Ali dentro, uma imagem pálida era refletida em um espelho. Guilherme viu sua imagem mexendo com a cabeça muito devagar.

Eles entraram no banheiro; as imagens avançaram, como se evadindo do vidro.

Olharam o interior.

Um cômodo comprido. O vaso sanitário, com a tampa levantada, estava no fundo. De um lado, uma pia com um outro espelho acima, do tipo que esconde um armário de remédios. Do outro, um boxe tampando o chuveiro. Pequenos ladrilhos hexagonais no chão.

Não havia nada ali.

A porta do banheiro se fechou repentinamente, assustando-os.

Guilherme, como sempre, foi na frente.

Abriu, então, a porta.

E novamente a voz de trovão:

- Vem, e vê.

Olharam, e eis que surgiu um cavalo preto, e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança na mão.

Guilherme e as mulheres observavam tudo, imaginando qual seria a próxima ameaça.

E então surgiu novamente uma voz que disse:

- Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho.

E mais nada aconteceu.

Eles esperaram por alguma coisa que não veio.

Guilherme deu um passo à frente.

- Cuidado! - alertou a empregada.

E ele teve. Caminhou cautelosamente até o cavalo preto, olhando para a balança nas mãos do cavaleiro.

Estava a dois passos. O coração pulsando.

Tomou fôlego e continuou. Esticou as mãos e tocou o corpo do cavalo preto. Ou pelo menos teria tocado se não estivesse de novo no quarto.

- Que loucura! - ele exclamou.

- Totalmente.

Sua mulher ria devido a insanidade total dos acontecimentos.

A porta que levava à saída estava logo à frente, e não havia nenhum perigo aparente.

Dirigiram-se para ela e então saíram do quarto sem entender nada do que tinha acontecido.

A porta que se materializara agora fora a do meio do terceiro andar.

- O que está havendo? - perguntou Guilherme. - O que significam esses cavalos?

Ele olhava de Patrícia para Christine e novamente para Patrícia.

- Eu começo a desconfiar. - falou Christine.

- Então, o que é?

- Não vou tirar conclusões precipitadas. - ela respondeu. - Vamos, a próxima porta está ali.

O quarto estava vazio; nem mesmo lâmpada havia no lugar. O cômodo era um pouco mais claro que os outros devido à falta de cortinas.

E então, como das três vezes anteriores, repentinamente a voz de trovão disse:

- Vem, e vê.

E novamente um cavalo apareceu como se fosse mágica. Dessa vez era um cavalo amarelo.

- Como eu imaginava. - sussurrou Christine.

O cavalo galopava de um lado a outro, sem parar.

Eles viram, então, uma figura encapuzada sobre ele; ela tinha por nome Morte, e o inferno a seguia.

- O que é isso? - perguntou Guilherme.

- A Morte. - Christine respondeu

Houve, então, o ataque.

A Morte, montada no cavalo amarelo, os perseguiu. Eles correram, mas de nada adiantava - seria extremamente difícil escapar correndo, a desvantagem era evidente.

A cada segundo, mais e mais perto a Morte chegava.

Era desesperador.

Por infelicidade, Christine (sempre ela) caiu. E a Morte avançou.

Christine fechou os olhos, era o seu fim. O corpo não mais respondia. Ela queria levantar, mas não podia, seu corpo havia perdido toda a energia. Desistiu de tentar fugir, deixando-se ser levada pelo fim. Sem esperanças.

E então um vento gelado passou sobre ela. Por um momento pensou ter morrido, e então abriu seus olhos e viu que a Morte simplesmente havia passado sobre ela e ia em direção à Patrícia. Guilherme também reparou nisso e correu para socorrer a esposa. Mas era tarde. Demorou apenas um segundo, mas chegou tarde.

A Morte havia retirado, ou melhor, conjurado uma foice espiritual, e com ela atingiu o ventre de Patrícia.

A senhora Scaduari não gritou - a dor era maior.

Caiu de joelhos. Seus olhos, repletos de lágrimas, focalizavam algo que não havia. A boca aberta produzia sons surdos que estavam muito além da audição humana.

Guilherme gritou em desespero pela esposa.

A foice foi retirada da mulher. Não havia sangue, não havia corte, e mesmo assim Patrícia estava caída, morrendo.

- Seu sacana! - berrou Guilherme.

Ele correu o mais rápido possível em direção à Morte, mas não havia meios de pegá-la.

Após seu golpe fatal, o cavalo amarelo, com seu cruel cavaleiro, desapareceu.

- Nããããoooo!!! - ele gritou.

Patrícia vomitou.

Christine foi socorrê-la.

Sangue se misturava em meio a uma gosma de vômito da mulher. Guilherme correu para junto da esposa.

- Amor, não se vá!

- Calma, calma. - dizia Christine. - Ela está bem.

- Como bem? - ele gritou. - Você é burra? Ela vomitou sangue!

- Eu estou bem, só estou enjoada. - falou Patrícia.

Guilherme chorou. Não de tristeza, mas de alegria. Ele achava que havia perdido a esposa.

- Ah, querida! Eu... eu pensei que... pensei que... - não conseguiu terminar, estava chorando.

- Mas como? - Patrícia perguntou. - Eu senti a foice dentro de mim.

- Eu a vi também. - disse Guilherme tentando se acalmar.

Christine se levantou e disse:

- Àquele que está assentado sobre o cavalo amarelo e que tem por nome Morte, foi dado o poder para matar a quarta parte.

Eles escutaram a profecia.

- Mas nós estamos em três. - disse Guilherme.

- Acho que não estávamos. - ela disse, e nesse ponto baixou a cabeça e continuou: - A foice atingiu o ventre de Patrícia, isso significa que...

- Não. Não é verdade! - Guilherme voltou a chorar.

- Quer dizer que eu estava grávida? - perguntou Patrícia parecendo não ter

compreendido ainda a situação.

Christine baixou a cabeça.

Agora Patrícia entendera os fatos. Provavelmente nunca mais poderia ter filhos. Ela chorava como nunca havia chorado.

Ficaram por algum tempo mergulhados nas lágrimas da tristeza, da dor e da perda.

Christine deu ao casal um tempo para descansarem. Mas logo os chamou. Deviam continuar. Haviam chegado tão longe, e Mateus esperava por eles. Guilherme sabia disso, portanto se levantou e foi até a porta de saída, sua mulher abraçada a ele.

Saíram do quarto.

... 5 ...

No corredor, Guilherme voltara a sentir dor no local onde a flecha o atingira. Havia se esquecido da dor física através da dor sentimental.

- Me diga. - ele disse à Christine. - Como você ficou sabendo daquela profecia?

Christine olhou fixamente para o patrão. Achava que ele tinha ficado mais velho, ou pelo menos a aparência que ele demonstrava agora era de um homem debilitado.

- Você não percebe? - ela disse. - É o Apocalipse.

Guilherme olhou-a incrédulo.

- O que quer dizer?

- O que estamos presenciando aqui no terceiro andar é o Apocalipse do apóstolo João.

- Então você quer dizer que é o fim do mundo?

- Não sei o que dizer, mas sei que devemos continuar em frente.

- Concordo plenamente! - disse Patrícia.

Então, juntos mais uma vez, entraram no próximo quarto.

Foi estranho.

Mateus Scaduari vestia uma comprida veste branca e estava debaixo de um altar.

Ele disse:

- Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o meu sangue dos que habitam sobre a Terra?

Patrícia e Guilherme correram para junto do filho quando escutaram a voz de trovão clamando:

- Repouse ainda um pouco de tempo, até que também se complete o número de seus conservos e seus irmãos.

Quando Guilherme e a esposa chegaram perto do filho, este sumiu com todo o cenário.

O casal Scaduvári e a empregada se encontraram em um quarto comum, menos luxuoso que os anteriores, mas aconchegante.

- Mateus! - gritou Patrícia. - Cadê meu filho?

Guilherme olhava para o ponto em que o filho estivera anteriormente. Faltara pouco para ele ter conseguido chegar ao filho. Muito pouco.

- Isso foi uma ilusão. - falou Christine.

O casal olhou para ela, que continuou.

- Debaixo do altar, as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. “E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a Terra? E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram”.

- Então meu filho está morto? - perguntou Guilherme.

- Creio que não. - tranqüilizou-o Christine.

- Como sabe?

- Se fosse diferente, creio que esse jogo já teria terminado.

Guilherme ficou sem resposta. Parecia sensato o que a velha tinha acabado de dizer.

- Como você sabe de tudo isso? - perguntou Patrícia.

- Morei com um padre, lembra?

- E então, o que fazemos agora? - questionou Guilherme, impaciente.

- Saímos deste quarto e vamos ao próximo.

- E o que terá pela frente?

Ela pareceu estar lembrando da profecia, e então, após algum tempo, lhe disse:

- É vindo o grande dia da ira divina.

- Céus!

E então se dirigiram à saída.

... 6 ...

A próxima porta seria a despensa, porém não foi ela que se materializou; em seu lugar, outra porta apareceu.

- Por que será que a despensa não surgiu?

- Não sei, não, mas acho que deve ser encrenca.

- De qualquer forma, devemos seguir em frente! - disse Guilherme, parecendo convicto.

E eles foram, passando em frente à penteadeira que estava quase de frente para a despensa (ou pelo menos deveria estar).

Guilherme girou a maçaneta. A porta rangeu. Eles entraram.

Ou eles tinham ficado loucos, ou estavam do lado de fora da mansão.

Havia parado de chover. O sol brilhava no horizonte.

E eis que houve um grande tremor de terra; o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua (isso mesmo, o sol, a lua e as estrelas estavam todos visíveis) tornou-se como sangue.

As estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.

O céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.

Viram o ipê-amarelo queimando em chamas. A montanha com a forma de leão fora removida.

As pessoas que por ali passavam, os grandes, os ricos, os tribunos, os poderosos, os servos, os livres, todos se esconderam.

Depois surgiu uma forte luz negra, parecendo um grande buraco, de onde quatro

anjos caídos, que estavam sobre os quatro cantos da mansão, fizeram o vento parar.

Então outro anjo caído subiu da banda do sol nascente, e clamou com grande voz aos quatro anjos caídos.

E os quatro anjos caídos despejaram toda a sua fúria na mansão.

E os três, o casal Scaduari e a empregada, sentiram o efeito do poder dos anjos caídos.

- Eles parecem anjos... - começou Guilherme. - Por que despejam tamanho ódio na mansão?

E então Christine lhe respondeu.

- São anjos caídos.

- Anjos caídos? - perguntou Guilherme sem entender nada.

- Sim. São seguidores de Lúcifer.

- O demônio?

- É.

Então houve um estalo violento.

Eles estavam novamente no corredor do terceiro andar.

As portas dos quartos já visitados tinham desaparecido; havia agora somente duas portas: a do quarto de Mateus e a da despensa.

O QUARTO DE MATEUS.

Havia uma estranha e má vibração no ar da mansão.

Patrícia sentia um lado negativo forte. Guilherme também sentia. E com Christine não era diferente.

As duas portas esperavam ser abertas. Mas eles não sabiam qual delas deveria ser escolhida primeiro.

- Vamos ao quarto de Mateus. - sugeriu Christine.

- Eu concordo.

- Não sei não, sinto alguma coisa muito forte na despensa. Mas, esqueçam: vamos ao quarto.

Tendo entrado todos, a porta se fechou às suas costas.

Então se fez silêncio no quarto quase por meia hora.

Andaram pelo quarto vazio, examinando tudo o que era possível nesse curto período, mas não havia nada de interessante lá; tentaram sair do quarto, mas a porta estava emperrada.

Eles viram os cartazes de *Arquivo X* pregados na parede, as revistas sobre espíritos e seres sobrenaturais de Mateus jogadas em sua escrivaninha, viram todas as tranqueiras que o garoto possuía.

Foi quando pararam repentinamente. Um homem de preto, com cabelos dourados e compridos, estava parado encostado na porta, olhando para os três. Ele sorriu mostrando os dentes.

- Vieram buscar Mateus, não é mesmo?

- Saia daqui, demônio. – disse Guilherme.

O homem já havia passado por provações espirituais a muito tempo e no momento sentiu a fé em Deus aflorar em seu corpo e mente.

- Não conseguirão. O menino pertence a Mamom e vocês irão morrer.

- Deus está conosco. Ele nos guia e protege, assim nada é impossível. O bem irá triunfar.

O diabo recuou um passo ante a convicção de Guilherme, mas depois começou a gargalhar. Seu rosto, antes belo, tornou-se desfigurado e cheio de hematomas. O cabelo dourado caiu e dois chifres brotaram daquela cabeça tenebrosa. Os dentes, amarelos e

tortos, ficaram afiados.

Patrícia e Christine assistiam a tudo com pavor, enquanto Guilherme permanecia inalterado.

- Onde está o seu Deus? – blasfemou o diabo.

O homem fechou os olhos e quando tornou a abri-los, uma luz poderosa, como a de mil sóis, clareou tudo.

O diabo começou a arder em chamas. Seu corpo se desintegrava e virava pó.

- Ainda não acabou. – disse o maldito antes de se tornar cinzas.

Guilherme cambaleou e caiu de joelhos. As mulheres correram para ajudá-lo a se levantar.

- Tudo bem com você?

O homem ficou de pé. O ferimento ainda doía muito.

- Na medida do possível.

Patrícia beijou o marido no momento em que a casa sacudiu novamente.

Por fim, quando tudo parou, eles viram sete seres com uma trombeta cada. Então veio outro, que se pôs junto aos sete, dizendo a eles que tocassem suas trombetas, uma por uma.

Então, o primeiro ser tocou-a.

E caiu do teto uma forte luz, ardendo como uma tocha, sobre a colcha da cama de Mateus, que imediatamente começou a pegar fogo.

Os gritos desesperados de Christine ecoaram pelos quatro cantos do quarto sombrio. O fogo rapidamente consumiu a cama. Guilherme tentou apagar as chamas, mas estava fora de controle.

A cena macabra era acompanhada pelo olhar sinistro daqueles seres com trombetas.

- Apague isso! Ah, meu Deus! Gui apague isso!

O fogo reduziu a colcha a apenas cinzas em questões de segundos, e logo já consumia a própria cama.

Christine conteve a histeria e tratou-se de ajudar o patrão. Patrícia continuava gritando para seu marido apagar as chamas.

Os estalos da madeira pegando fogo só serviam para afligir mais o senso de Guilherme. O homem sabia que muito provavelmente não conseguiria conter as chamas.

Formas diabólicas apareciam na dança horripilante do fogo. As figuras satânicas riam

e blasfemavam.

Guilherme tentava não ligar para o calor enquanto prosseguia com sua luta contra o fogo, porém era tudo em vão. Estava quase perdendo a energia quando, nesse instante, o segundo ser tocou sua trombeta, e foram feridas a terça parte do sol, a terça parte da lua e a terça parte das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e a terça parte do dia não brilhasse, ficando semelhante à noite.

Eles viram outro ser voar pelo meio do quarto e dizer:

- Ai dos que ficarem contra o grande Mamom! Por causa das outras vozes das trombetas dos cinco seres que hão de ainda tocar.

Era um caos total. Guilherme, que tinha sido valente até aquele momento, estava suando frio.

A escuridão não era apenas exterior, mas interior também, isso é: as próprias almas dos três foram mergulhadas nas trevas.

Uma sensação de dor invadiu-lhes a mente, mas não apenas dor física, aquilo proporcionava uma dor psicológica, uma sensação de perda, de melancolia, que não é possível descrever com palavras. Patrícia lembrou-se de quando era pequena e sentia-se só, não há coisa pior. Christine colocou a mão no peito. Sentia um aperto no coração tão forte que pensou estar sofrendo um ataque. Guilherme relembrou o momento em que esteve preso em sua própria mente quando enfrentou as forças do mal pela primeira vez.

Aquilo era sombra e escuridão. Sentimento de medo deixava as pessoas à beira do desespero, quase perdendo a sanidade.

Para aumentar a desgraça, o terceiro ser tocou a sua trombeta.

Um feixe de luz caiu na terra, e foi-lhe dada a chave do poço do abismo.

A casa tremeu. Os três foram ao chão enquanto o piso rachava formando um buraco.

O fogo tinha consumido boa parte do quarto. Os três ainda enfrentavam um terror mental, e agora um poço do abismo foi aberto. Uma fumaça cinzenta e poluída preencheu o ar. Subiu fumo do poço, como de uma grande fornalha, e com o fumo do poço escureceu-se o ar.

E do fumo vieram os gafanhotos sobre eles. E foi-lhes dito que fizessem dano aos homens que não tivessem o sinal de Mamom nas suas testas.

O terror ficou insuportável. Estavam vivendo seus piores pesadelos enquanto milhares de gafanhotos zumbiam em seus ouvidos.

Quando tentaram levantar os braços para tamparem as orelhas com as mãos,

sentiram um peso considerável. Parecia que estavam erguendo uma tonelada. Todos os esforços para moverem os braços eram em vão.

As chamas estavam quase alcançando as três pessoas quando o quarto ser tocou sua trombeta.

O fogo tornou-se sangue; toda a terça parte do quarto, que havia sido queimada, tornou-se sangue.

Houve um grito de horror provocado por Patrícia.

Um rio de sangue cortou o quarto. As formas diabólicas que apareciam no fogo estavam agora na superfície do rio asqueroso. Criaturas monstruosas tentavam agarrá-los e puxá-los para dentro do rio rubro.

E tocou o quinto ser.

O abismo se abriu mais, até que cobrisse a terça parte do quarto, e nessa terça parte estavam Guilherme, Patrícia e Christine, portanto eles caíram nas trevas.

A DESPENSA.

E eles continuaram a cair.

Formas informes, luzes escuras. Um malabarismo psicodélico preenchia as mentes dos três.

E continuavam caindo.

As trevas os engoliam, tornando tudo melancólico e terrível.

Foi quando aterrissaram suavemente no chão. Havia poeira no lugar. Quando os três tocaram o solo, uma grande nuvem de pó subiu pelos céus.

Eles se levantaram, sujos de poeira, e se viram em outro cômodo. Era a despensa.

- Mateus, filho!

Mateus Scaduari estava sentado em uma cadeira de madeira logo à frente. Às suas costas havia uma grande figura pentagonal.

- Filho! Filho! - gritou Patrícia de felicidade.

Então eles correram ao encontro do jovem Matt. Mas não foi possível alcançá-lo. Duas figuras se postaram ao seu lado. Eram os dois seres, com suas trombetas, que ainda não haviam tocado.

Ao olhar o filho mais de perto, os olhos de Patrícia se arregalaram. Em sua testa havia um sinal, mas não era o 666, tampouco era em nossa língua, e ela achava que não era em língua alguma conhecida.

Mateus ficou encostado na cadeira, olhando para onde as três pessoas se encontravam.

- Filho, pare com isso.

Houve uma risada.

- Eu não sou seu filho! - uma voz sombria saía da boca de Mateus. - Já lhes disse que eu sou o poder.

Patrícia gritou com uma tristeza distante, um terror que parecia abalado pelo ambiente de sonho e melancolia.

Então, imagens de morte apareceram: fogo saindo de um formigueiro, sangue no lugar de folhas em um ipê, uma luz sendo perfurada por uma foice, uma figura caída sem cabeça, um corpo caído, uma sombra se desfazendo.

A atmosfera parecia estar pesada em volta.

E então o sexto ser tocou sua trombeta.

Houve no céu grandes vozes que diziam: “Os reinos vieram a ser de nosso senhor Mamom, e ele reinará para todo o sempre”.

Então todos os oito seres estavam novamente unidos, e o que dera a ordem para os sete seres tocarem suas trombetas se colocou a adorar Mamom. Depois, um a um se ajoelharam e disseram:

- Graças te damos, senhor Mamom, que és, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste.

- Finalmente chegou o tempo dos mortos, e de destruíres a Terra! - rosnou Mamom.

E abriu-se no chão o templo de Mamom, e a cadeira, que era de madeira, tornou-se ouro negro. Das costas do assento, duas asas negras se abriram.

Do pentágono, que estava atrás do trono do demônio, escorria sangue.

Ao que estava assentado sobre o escuro trono, foi dada uma coroa negra. E houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos, e grande saraiva.

De repente, Mamom se ergueu no ar, e o teto da mansão sumiu. O sol, que tinha sua terça parte escurecida, escureceu por completo. Aos pés de Mamom estava a lua.

Veio então outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças, sete diademas.

Sua cauda levou consigo a terça parte das estrelas do céu, então o dragão parou diante de Mamom.

Guilherme olhou em volta. Tinham deixado a despensa e agora estavam na porta de entrada da mansão. Não havia ninguém por perto. A cidade estava deserta. O dragão havia destruído tudo.

A BESTA E O ARCANJO.

O dragão seguiu as ordens de seu mestre e, então, avançou.

Os restos da cidade estavam sendo dizimados pela fúria diabólica da terrível besta.

- Estão vendo o tamanho do meu poder? - disse Mamom. - E isso é apenas o começo.

- Filho, não faça isso!

- Eu não sou seu filho.

- É sim. Mateus. Sou eu, o papai. Lembre-se!

- Chega! - gritou Mamom, já irado. - Você vai morrer!

E então o dragão avançou sobre o indefeso Guilherme Scaduvári.

Enxofre saía da boca da besta.

Ela se aproximava. O ardente desejo de matar emanava de sua carapaça vermelha.

Estava muito perto agora.

Mais um pouco, e...

- Filho!!! - gritou Patrícia.

Os olhos da mulher estavam completamente cobertos de lágrimas, numa profunda expressão da mais pura tristeza.

Nesse instante, Mateus sentiu algo tocar em seu coração, como uma luz brilhante que surge no final de um túnel escuro, nos trazendo esperança. Fé, mesmo quando tudo parece impossível.

Houve um momento, apenas alguns centésimos, de reflexão, mas o suficiente para que Mateus, com sua própria voz, berrasse acima de qualquer outro som, apagando completamente até mesmo o barulho que era produzido pela nojenta boca da besta.

- DEUS!!!

E então uma grande luz dourada surgiu no céu.

A luminosidade cegava os olhos; então, Guilherme, Patrícia e Christine tamparam o rosto, sentindo a força de uma energia incrivelmente poderosa, que trazia uma profunda sensação de paz e bondade, livrando o ódio que estava carregado no ar. Eles nunca haviam sentido aquela vibração espiritual, que os sacudiam e lhes deixava atônitos diante do inexplicável.

A chegada de uma ajuda divina também trouxe a sensação de alívio interior.

A intensa claridade rompeu todos os pontos obscuros, e, quando a luz começou a se dissipar, puderam ver uma imponente figura angelical.

Era Miguel, o Arcanjo.

Foi apenas nesse centésimo de segundo que Mateus estava em si, mas infelizmente o centésimo de segundo passou, e então, das trevas, Mamom retornou.

- Não! - o demônio gritou quando viu o que acontecera.

Miguel estava parado no ar. Sua espada brilhava como fogo.

- Mate-os! – Mamom ordenou ao dragão.

E a besta novamente avançou sobre os três.

Houve então um gigantesco e ofuscante clarão.

Miguel havia levantado sua espada. Dela, uma poderosa luz prateada emanou e envolveu o lugar em que Guilherme e as duas mulheres estavam, protegendo-os.

O dragão tentou atacar, mas não conseguiu transpassar a barreira feita pelo Arcanjo.

- Maldição! - berrou Mamom.

Guilherme podia ver claramente o que acontecia fora do campo de proteção criado por aquela ajuda de última hora.

- Então seu Deus está intervindo aqui...? - disse, ironicamente, Mamom, com sua voz demoníaca.

Miguel sorriu.

- O nosso Deus está em todos os lugares. - respondeu-lhe prontamente o Arcanjo.

A voz de Miguel era majestosa e bela; emitia um som cristalino e doce; nada na Terra era tão puro quanto aquilo.

- Nosso Deus? - vociferou Mamom. - Deve estar brincando. Nosso Deus. - ele deu uma gargalhada. - Aquele maricas. Eu tenho o poder.

- Você tem o poder? - disse Miguel calmamente. - A única coisa que você possui é sofrimento.

- Sofrimento? - Mamom repetiu, em voz baixa. - E o que você sabe sobre isso? Sempre estive submetido às ordens do seu Todo-Poderoso boiola.

- Você é digno de pena, nada além disso. - disse Miguel, abaixando a cabeça tristemente.

- Digno de pena, eu? - riu Mamom. - Não sou eu quem “puxa o saco divino” nem sou eu quem limpa a bunda do celestial.

Miguel baixou a cabeça, fechou os olhos e disse:

- Deus tenha misericórdia de você.

- Chega! - berrou Mamom. - Estou cansado dessa ladainha, eu quero é ver sangue.

Então Mamom desceu do céu e sentou-se em seu negro trono.

- Vamos ver se a força de Miguel, o Arcanjo e protegido de Deus, é suficiente para deter o meu animalzinho.

O dragão voou sobre Miguel.

Guilherme e as mulheres assistiam a tudo aquilo como se fosse em um cinema.

Miguel levantou a cabeça e abriu os olhos. A batalha finalmente havia começado.

Luz e trevas se chocavam.

O céu ficara encoberto de uma camada vermelho-sangue.

A fúria da luta aumentava agora nos céus. O ruído do choque de poderes da luz e da escuridão vagava indefinidamente pelo ar, acompanhado pelos gritos de Miguel e pelo som hediondo do dragão.

O Arcanjo atingiu sua espada em cheio no dragão, mas a carcaça da besta era poderosa, defendendo, assim, um golpe que certamente seria fatal.

O dragão encheu-se de uma ira sanguinária e emitiu um som terrivelmente maligno que feria os ouvidos como veneno.

Os trovões retumbavam agora na distância. Os raios ainda faiscavam, adiante, entre as montanhas do sul. Um vento cortante soprava do norte outra vez. As nuvens se partiam e passavam, e algumas estrelas reapareceram.

A batalha chegara ao seu auge quando, de repente, o dragão expeliu alguma coisa pela boca, atingindo o Arcanjo. Miguel caiu.

Uma risada diabólica percorreu os céus. Mamom estava assistindo à queda de Miguel, o guerreiro.

- Está doendo? - o demônio se divertia.

O Arcanjo, que outrora era austero e imponente, estava agora ferido no chão.

- Vamos, responda! - Mamom ainda se deliciava com a cena. - Ou será que o ferimento é tão grave que você nem mesmo consegue falar?

Mamom soltou novamente uma gargalhada medonha por causa do silêncio do Arcanjo.

- Certamente você está ferido. - disse Mamom parando de rir por um minuto. - O enxofre que acabou de sair da boca de meu animalzinho não é um simples enxofre, do contrário, você não estaria machucado, ó, poderoso Arcanjo guerreiro.

O dragão desceu dos céus e postou-se ao lado de sua presa para desferir o golpe final. As sete cabeças balançando, fazendo escorrer de cada boca uma gosma que deveria ser baba.

Mas então o inesperado aconteceu.

Como a fênix que das cinzas renasce, Miguel, o Arcanjo guerreiro, levantou-se, com esforço. Sua espada reluziu, e por um instante os corações de Guilherme, Patrícia e Christine se encheram de esperanças. E a luminosa espada celestial atingiu com extrema força um dos sete crânios da besta, o do meio mais precisamente, quebrando imediatamente os quatro chifres que aquela cabeça possuía, e depois transpassando toda a carcaça do dragão.

As vastas asas abertas, inertes no chão, sumiram rapidamente; um grito subiu estremecendo o ar, e foi sumindo num gemido chiado, passando com o vento, feito voz fraca e sem corpo, que morreu e foi engolida.

O grande dragão foi precipitado; a antiga serpente, chamada o Diabo, Satanás, que engana todo o mundo, foi precipitada na terra.

E então o Arcanjo Miguel recuperou todo o seu ar majestoso e disse a Mamom:

- Agora são chegados a salvação, a força, o reino do nosso Deus e o poder do seu Cristo; porque você já foi derrubado, diante do nosso Deus.

“Miguel, o Arcanjo, o venceu pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de seu testemunho; e não amou a sua vida até a morte.”

Então Mamom soltou um alto grito de ódio. E a serpente lançou da sua boca, atrás do Arcanjo.

E a terra ajudou o Arcanjo; e a terra abriu um enorme buraco, e tragou o rio que a serpente lançara da sua boca.

E Mamom irou-se contra o Arcanjo. O demônio se levantou.

- Vamos, agora sou eu contra você. Vamos ver se você é mesmo tão poderoso quanto parece ser.

Miguel riu.

- Em que você está achando graça? - rosou Mamom. - Será que está com tanto medo assim, ou será que o veneno do enxofre o fez ficar louco?

O Arcanjo baixou a cabeça e a balançou de forma negativa; depois a levantou novamente e disse:

- Comédia.

Mamom estava repleto de fúria, e então decidiu atacar o nobre protegido de Deus. Porém, nesse momento, Miguel se desfez em uma intensa luz dourada. Suas últimas palavras foram destinadas ao grupo sobrevivente, Guilherme, Patrícia e Christine.

- Agora é com vocês. Deus os protegerá.

Após isso ele se foi para se postar diante do Todo-Poderoso.

CHRISTINE DERROTADA.

O clarão que se fez com a subida do Arcanjo aos céus foi extremamente estrondoso.

Guilherme e as mulheres olharam boquiabertos o esplendor magnífico da cena. E aquilo os encheu de paz e esperança.

Um grito satânico percorreu o ar, fazendo até mesmo os pássaros que estavam longe levantar vôo.

Mamom tinha despertado sua ira.

- Vocês vão pagar muito caro pela insolência daquele verme desprezível. - ele disse, quase sussurrando.

E o terrível aconteceu. Mamom levantou o braço esquerdo. Era o sinal para a última trombeta ser tocada.

E assim foi.

O sétimo ser tocou a sua trombeta.

Então um estrondo veio de dentro da mansão. Depois de um minuto, os três viram o que causara o barulho.

- Não pode ser! - exclamou Patrícia.

- É a pintura! - falou Guilherme, chocado.

A figura de um soldado romano saiu pela porta da mansão. Era o homem que estava pintado no teto do saguão da casa.

Christine recuou um passo e disse:

- E foram soltos os que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens.

- Magnífico! - zombou Mamom. - Pelo que parece você conhece bem a profecia. Mas houve uma pequena mudança. Não preciso dos quatro anjos caídos que estão junto ao grande rio Eufrates, nem mesmo de cavalos com cabeças de leão que atiram fogo, fumo e enxofre pelas bocas. Não, tudo isso ainda é bobagem; apenas meu guerreiro é o suficiente.

Mamom soltou um riso profundo. Nesse momento, os três aproveitaram para fugir.

- Mate-os, Abadom! - ordenou Mamom ao guerreiro.

Patrícia arriscou uma olhada para trás. O soldado, Abadom era seu nome, vinha caminhando lentamente (como sempre, as vítimas correm enquanto os vilões caminham lentamente, e mesmo assim eles conseguem capturar os mocinhos) em sua direção.

Ele sorria maliciosamente, mostrando os dentes para ela.

Chegava perto.

O pânico que se instaurara em Patrícia fazia diminuir a dor causada por seus inúmeros ferimentos. Andou o mais depressa que pôde. Seu marido e Christine haviam corrido cada um para um lado.

A figura imponente de Abadom parecia ganhar força.

- Querida, por aqui! - gritou Guilherme, que estava atrás da fonte.

Ela correu cambaleando pelo jardim, a mão esquerda pressionando o lado da barriga.

Mamom era só gargalhadas.

Patrícia caiu no gramado. Seu joelho ralou, ela parecia explodir em dor, e lutava contra a perda da sanidade desesperadamente.

A espada nas mãos de Abadom subiu pelo ar.

Guilherme salvou a mulher no último instante.

Quando a espada baixou em direção ao pescoço de Patrícia, Guilherme interveio com uma voadora, acertando a cintura de Abadom.

O soldado romano caiu.

Guilherme ajudou Patrícia a se levantar, e depois correram para trás da fonte.

Christine estava lá.

Durante alguns segundo ficaram desamparados. Abadom se levantou e vinha em direção a eles agora, como se nada lhe tivesse acontecido.

Mamom se divertia assistindo à perseguição.

Guilherme saiu de trás da fonte.

- O que você pensa que está fazendo? - berrou Patrícia.

- Vou distraí-lo. Enquanto isso, vocês duas corram para a mansão! - ordenou o homem.

- Nem pense nisso! - gritou a esposa. - Pare de tentar bancar o herói, isso não é brincadeira.

- Você não entende. É o único jeito.

- Mesmo assim eu lhe proíbo.

Abadom chegava mais perto.

- Christine, pegue-a e vá com ela para a mansão! - disse Guilherme, já desesperado. - Eu as encontro lá.

Então a empregada puxou a patroa - a mulher debatendo-se como um peixe fora

d'água -, e arrastou-a até a mansão, enquanto Guilherme ficava sozinho. Mas não totalmente sozinho. Nada só.

- Que comovente, o homem dando a vida pela mulher. - zombou Mamom e depois deu mais uma gargalhada.

Guilherme não estava sendo corajoso, estava simplesmente apaixonado pela esposa e queria se certificar de que ela estivesse em segurança antes de ele também fugir para a mansão.

O soldado girou a espada na mão e foi ao encontro de Guilherme Scaduari, o valente.

Este, quando viu que sua mulher e a empregada estavam a salvo, correu. Mas, antes que pudesse chegar à porta da mansão, um galho de árvore o fez tropeçar. Caiu violentamente.

Então, o soldado da época do Império Romano o alcançou. Guilherme só teve tempo de levantar o galho que o fizera tropeçar, defendendo-se do golpe certo da espada.

O galho se partiu em dois, mas isso deu tempo a Guilherme de rolar para o lado e fugir novamente para o jardim.

Chegou à segurança segundos antes que Abadom virasse à sua procura.

Tudo acontecia rápido demais.

Ele ouvia o som de folhas sendo esmagadas a cada passo do soldado.

Caminhou, arrastando-se, para trás da mansão. O braço doía infinitamente no ponto da flechada.

Árvores e mais árvores rodeavam a casa. Seus olhos passaram da esquerda para a direita e de volta à esquerda várias vezes olhando ao redor.

Escuridão e mais árvores. Andava pelo breu e por entre o emaranhado de árvores. Os galhos eram altos e sombrios. Mesmo levantando a cabeça, Guilherme não conseguia ver o topo deles. Estava perdido em um mar de trevas. O céu não era visível - estava encoberto por galhos e folhas das árvores que se juntavam uns aos outros.

As árvores no jardim eram poucas, mas agora formavam uma floresta densa, muito densa. (A bruxa de Blair vai aparecer?)

A floresta abafava os passos de Guilherme, mas também o fazia para os de Abadom. Ocasionalmente um pombo batia asas em meio às folhas altas, e algumas vezes um picapau bicava um tronco não muito longe.

Guilherme ouviu um barulho alto no mato ao lado; parou, imóvel, temendo ser o soldado romano, mas era apenas um esquilo que aparecera numa clareira, olhara para Guilherme e se virara para o outro lado.

Nesse instante, quando ele estava mais calmo, a figura alta de Abadom apareceu e lhe deu um forte soco no rosto, quebrando o nariz do dono da mansão Scaduvári.

Ele cambaleou. O sangue escorrendo pelas narinas.

No momento seguinte, Guilherme achou que ia morrer. Sua visão, antes nítida, agora estava embaçada.

“Preciso ir lá dentro”, pensou.

Os olhos assombrados no rosto pálido de Guilherme fixaram-se no caminho para a mansão.

O soldado não avançou sobre ele, não ainda; alguma coisa estava ocorrendo dentro da mansão e ele ficara paralisado. O senhor Mamom se encarregaria daquele filho da puta Scaduvári.

Guilherme aproveitou esse tempo e correu para a mansão.

Meio minuto se passou, depois um inteiro. Dois minutos se passaram. Então ele chegou até a porta do palacete. O soldado romano não viera atrás dele. Patrícia e Christine não estavam ali fora. Nem Mamom.

Ele abriu a porta de entrada da mansão e entrou.

Lá dentro estava claro, embora não totalmente, pois algumas luzes encontravam-se apagadas, mas, mesmo assim, estava claro.

Ele olhou em volta, examinando o saguão. Christine e Patrícia estavam aos pés da escada, enquanto Mamom (Mateus) estava sentado no sofá.

- Vamos, tente se lembrar, você é meu filho! - falava Patrícia

- Eu... eu... - dizia a voz de Mateus. - Não! Eu sou Mamom, sua vaca! - rosnou o demônio depois.

- Por favor, lembre-se, filho!

- Chega! - gritou o demônio.

Mamom colocou os pés em cima do sofá de modo a ficar agachado, depois pôs a cabeça entre as pernas, o joelho tocando-lhe a testa, os braços cruzados apertando suas coxas, o cabelo encobrindo-lhe o rosto. Ele chorava. Estava lutando consigo mesmo. Um sofrimento terrível.

Então o soldado Abadom entrou pela porta. Guilherme recuou e juntou-se às

mulheres.

- Mateus! - Patrícia tentou uma última vez. Em vão.

A criança ainda estava no sofá, agachada, balançando para frente e para trás.

O soldado avançou.

- Ele nunca cansa?

- Pelo jeito não.

- O soldado não vai parar até que tenha matado um de nós. - disse Christine.

A espada estava firme nas mãos de Abadom; ele caminhava a passos lentos, porém grandes. Estava cada vez mais perto.

Os três correram desesperadamente, mas não havia lugar para se esconderem.

Abadom vinha. Guilherme e Patrícia correram para perto do garoto sentado no sofá, enquanto Christine foi para o outro lado.

- Filho, filho... acorde! - implorava Patrícia.

A criança continuava balançando no sofá, sem dizer nada.

Guilherme sacudiu Mateus.

- Vamos, acorde!

Mas de nada adiantava. Eles tinham pouco tempo. O soldado foi em direção a Christine, o que permitiu que o casal ganhasse alguns segundos para tentar despertar o filho. Porém, foi tudo em vão, e agora Christine corria para junto deles, com Abadom em seu encalço.

Abadom se aproximava de Christine; a velha não tinha fôlego suficiente para manter distância daquele soldado.

- Rápido! - gritou Patrícia.

Christine arriscou um olhar para trás, o que foi seu fim.

Ela escorregou no tapete e caiu de costas.

No momento seguinte o soldado estava em cima dela.

Patrícia gritou.

Era tarde.

A espada foi erguida no ar e, instantes depois, foi baixada com uma velocidade e uma força descomunais.

Sangue jorrou.

A cabeça de Christine rolou para o lado, enquanto sangue era espirrado para todas as direções.

Patrícia deu outro grito, este mais forte e agudo, com extremo desespero e medo.

Guilherme fechou os olhos e virou a cabeça.

As mãos do soldado do Império Romano estavam sujas de um líquido vermelho-escarlate. Sangue.

O corpo de Christine jazia aos seus pés. Uma perna dobrada e a outra esticada. Sem cabeça.

Abadom deu um passo para o lado e seus pés encontraram a cabeça de Christine. Ele pisou em cima do rosto da defunta, e depois a chutou como se fosse uma bola de futebol.

- Maldito! - gritou Guilherme.

Uma risada infernal pairava no saguão.

Mamom não havia levantado a cabeça, mas mesmo assim sabia o que estava acontecendo. E ria.

Guilherme avançou sobre Abadom, mas este já tinha cumprido sua missão, e então desapareceu, deixando a espada cair no chão.

Ficaram somente Mamom, Guilherme e Patrícia.

No chão, Christine jazia sem cabeça...

...morta.

PROVOCAÇÕES.

A risada infernal continuava.

Guilherme e Patrícia estavam juntos; evitavam olhar para a escada, pois perto dela jazia o corpo inerte de Christine.

A criança levantou o rosto, ainda rindo. Examinou a cena. Atirou a cabeça para trás numa gargalhada maliciosa.

- Ora, seu... - disse Guilherme avançando em Mamom.

- Você é capaz de machucar seu próprio filho? - perguntou o demônio com ironia.

Guilherme sentiu o peso daquelas palavras e parou.

- Eu sabia. - zombou o demônio.

- Mateus, por favor, filho... - começou Patrícia, mas foi interrompida por Mamom.

- Ah, não me venha com essa.

- Você é meu filho.

- Seu filho? - a língua pendeu da boca, enquanto os olhos encaravam Patrícia com insolência. - Eu nunca seria filho de uma bastarda.

Guilherme sentiu o efeito que a palavra “bastarda” exercia sobre sua mulher. Ele conhecia o passado da esposa; o pai dela era um padre que cometera pedofilia com a mãe de Patrícia e depois a abandonara.

- Olhe aqui... - começou Guilherme, dominado pela cólera e por um tremendo ódio.

- Hum, está com raiva... Isso é bom, realmente é muito bom. - disse o demônio.

Guilherme o encarou. Sentiu um calafrio na nuca. Parecia gelo. Tocando de leve. E depois sumindo. Era medo.

- Por que você continua com isso? - perguntou Patrícia soluçando. - Já não está bom?

- Por que eu continuo? - disse Mamom. - Ora, eu simplesmente adoro isso, é muito divertido.

- Mas já acabou.

- Acabou? Não, não, está apenas começando. Finalmente estamos só nós três. - nesse momento ele parou um segundo, deu uma risada e continuou: - Uma linda família...

O ambiente começava a feder. O corpo de Christine estava mergulhado em uma poça de sangue. Do próprio sangue.

Guilherme esperou as risadas cessarem.

- O que você quer?

- Puta que pariu, como você é atrevido, hein? - riu. - Isso não lhe interessa.

A paciência de Guilherme estava se esgotando.

- Vamos, responda! - disse Guilherme aumentando o tom da voz. - Qual é o motivo?

Não houve resposta, os olhos de Mateus (Mamom) reviravam nas órbitas. Somente se ouvia sua respiração longínqua.

Patrícia e Guilherme observavam o estranho fenômeno.

Soluço. Respiração. Soluços, regulares e sacolejantes.

Passou-se o tempo.

Guilherme curvou as costas. Tenso. Atormentado. Esperando...

Depois, nada de soluços.

Silêncio.

Guilherme endireitou o corpo e esperou.

Por fim, a voz de Mateus chegou-lhes aos ouvidos.

ESCOLHAS.

- Papai, perdoe-me. - disse Mateus.

Guilherme e Patrícia assustaram-se; era como se tivessem recebido uma carga de eletricidade.

Eles levantaram e correram para o filho. O coração palpitando forte.

- Mateus, você voltou!

- Perdão, pai.

- Por que você está dizendo isso?

- Eu fiz você se machucar, mas vou dar um jeito nisso.

Mateus colocou uma mão sobre o ferimento causado pela flecha e a outra mão sobre o nariz quebrado do pai. Instantaneamente uma luz dourada saiu das mãos do menino. Guilherme sentiu seu corpo em chamas e logo depois a dor desapareceu. Os ferimentos tinham cicatrizado.

- Meu Deus do céu, o que eu fiz? - disse Mateus, olhando triste para o corpo de Christine.

- Filho, não era você...

- Não, eu deveria ser forte! Deus disse que eu deveria ser forte!

- O que importa é que acabou.

- Você não entende. - lágrimas brotavam dos olhos de Mateus. - Não acabou. Não vai acabar.

- Como assim? - perguntou Patrícia, alarmada.

- Ele ainda está aqui, eu só o dominei por um instante.

- Quer dizer que...

- Quer dizer que a qualquer momento ele pode voltar.

- Não, você não vai deixar, nós estaremos aqui para apoiá-lo.

Mateus baixou a cabeça, tristemente.

- Não é bem assim... Vocês acham que eu gosto disso? Pois eu não gosto! - as lágrimas vinham com mais intensidade agora. Guilherme apertou-o contra seu peito. - Só que eu não consigo combatê-lo, é poderoso demais.

- Mas por quê você? - perguntou Patrícia.

- Eu não sei, sinceramente, não sei. Eu sempre rezei... Um dia, Deus falou comigo, disse que eu deveria ser forte sempre. E agora isso.

Era bonito ver Mateus falando. Ele não passava de uma criança de 13 anos, mas falava como um adulto experiente.

Eles ficaram um minuto em silêncio. De repente, Mateus começou a sentir uma zonzeira. Uma sensação ruim.

- Ele está acordando.

- Filho, filho! Segure-o!

E então Mateus começou a oscilar vagarosamente, depois a sacudir, e, por fim, estava sacolejando para cima e para baixo.

Guilherme e Patrícia estavam desesperados. Não sabiam o que fazer. Então, Guilherme ouviu uma exclamação surda de Patrícia atrás de si. Virando-se às pressas, viu-a contemplando Mateus, estupefata. Atônito, voltou-se de novo. Ficou pasmado. Mateus estava levitando.

Piscou os olhos com força, tentando de algum modo apagar aquela visão. Olhou incrédulo. Cinco centímetros. Dez. Vinte. “Não é possível”, pensou, sem tirar os olhos do filho, petrificado.

Mateus oscilou mais uns dez centímetros para cima e depois ficou pairando ali, balançando e adernando suavemente como se estivesse flutuando num lago estagnado.

- Jesus! Gui, o que faremos? - perguntou Patrícia, totalmente perdida.

Guilherme tornou a olhar para o filho. Orou para que as suas esperanças em Deus não diminuíssem. Depois retornou o olhar para aquele fenômeno sobrenatural pairando a pouca altura no ar. Sentiu-se tomado de júbilo. “Eis aí! Na minha frente!” Virou-se de repente para a mulher.

- O quê?

E então, subitamente, Mateus começou a cair lentamente, como uma pluma, pousando no chão com um baque surdo.

Mateus ficou em silêncio. Sem se mexer. O branco dos olhos cintilava maléfico para Patrícia.

Guilherme fitava-o atentamente, enquanto seu choque e sua agitação começavam a se desvanecer, enquanto seu cérebro começava febrilmente a se agitar, a esmuiçar, espontânea e compulsivamente, as arestas da dúvida lógica: espíritos, fantasmas, ações psicocinéticas, tensões e força orientada pelo espírito.

O ambiente estava gélido.

Guilherme olhou cautelosamente em torno. As luzes do saguão começaram a piscar, a diminuir, e por fim se amorteceram numa cor de âmbar fantasmagórica, palpitante. Scaduvári estremeceu de frio.

Da boca escancarada em forma de “O” de Mateus, saiu um mugido.

- Meu Deus, querido! Faça alguma coisa. - falou Patrícia, tomada pelo pânico.

O mugido ficou mais forte e depois cessou.

Fez-se um silêncio estarrecedor, que foi quebrado por uma voz demoníaca.

- Venha para o lado sombrio!!! (a maravilhosa saga: STAR WARS.)

- Filho, lute! Você prometeu ser forte!

- Sua puta! Vagabunda! Vaca bucetuda! - urrava e cuspi o demônio para Patrícia.

- Gui, você não vai fazer nada? - falou Patrícia, brava.

- Ele? Fazer alguma coisa?! Impossível! Ele é um boiola que não liga para o próprio filho...

- Não podemos fazer nada por enquanto; temos que confiar no nosso Mateus.

- Diga-me: quanto tempo faz que ele não te dá prazer? Faz tempo, não? Ele só trabalha, o sexo não importa mais. - deliciava-se o demônio.

- Confiar no nosso filho. - Patrícia repetiu as palavras do marido. - Mas ele é só uma criança! Como podemos deixar tudo com ele?

- Pai, socorro! - suplicava Mateus.

- Coragem, Matt!

- Seu marido não é homem. - rosnou Mamom. - Ele abusa das criancinhas, não tem coragem nem escrúpulos para fazer seu dever, então deixa por conta do filho.

A voz do corpo do menino alternava do rosnar do demônio ao apelo inocente de Mateus, e de novo terminava no demônio.

- Enfim de volta. - rosnou Mamom.

- Onde está meu filho? - trovejou Guilherme.

Mamom jogou a cabeça para trás num acesso de riso.

- Não se preocupe, eu cuidarei bem dele. - zombou. - Agora eu retomei o poder.

Guilherme se lembrou do diálogo entre Miguel e Mamom; isso o encheu de novas forças.

- Por quê? - perguntou Patrícia, em prantos. - Por que meu filho?

Guilherme rezava em voz baixa; ele parecia estar possuído por uma aura pacífica e, mesmo assim, poderosa.

Sua bênção mais uma vez acordara.

DESTINO.

- Porque esse é o destino dele! - respondeu o demônio. - Ele servirá a mim.

- Você é tolo! - começou o novo Guilherme. - Agora entendo o que o Arcanjo Miguel disse: você é mesmo digno de pena.

- Gui, não provoque! - alertou Patrícia.

- Mas é isso mesmo! - continuou o homem sem ligar para a advertência da mulher. - Você é um rebeldezinho que está querendo chamar a atenção.

O demônio ouvia em silêncio, até que se encheu.

- Seu veado, chupador, como ousa fal...

- Cale a boca!

A frase caiu como um raio. Patrícia se encolheu e virou a cabeça, espantada, para Guilherme, que, por sua vez, encarava Mamom imperiosamente. O demônio calou-se, retribuindo-lhe o olhar, mas seus olhos agora hesitavam, pestanejavam, cautelosos.

- Você ama a Deus! - disse Guilherme.

A Força (está com você) estava com o senhor Scaduvári.

“Expulse-o antes que seja tarde” - veio à mente de Guilherme. Era uma mensagem de alguém.

“Expulse-o, você pode”, agora mais forte.

- Vamos expulsar o demônio! - disse ele à esposa.

- O quê? - gritou ela.

Seus lábios tremiam e, por um momento, soube que falou em voz alta. Mas o silêncio continuou.

- Salvaremos o nosso filho! - disse Guilherme.

- Exorcismo?

- Sim.

- Mas não somos padres, não sabemos o que fazer.

- Confie em Deus.

- Céus! - disse Patrícia, assustada.

Ela sentiu-se sendo observada.

Virou-se de costas e olhou para a porta, onde vislumbrou uma figura grotesca, com

asas. A forma do demônio, a forma de Mamom.

Era só a porta, o resto era impressão (?).

Respirou fundo, com medo, e lhe pareceu ouvir, não nitidamente, risadinhas de crianças vindas de algum lugar.

(Está com medo de novo. A loucura irá voltar. O manicômio à espera. Desta vez não tem runas. Nem Christine.)

- É impossível. - riu Mamom. - Seu filho agora é parte de mim. Se eu morrer, ele também morrerá. Se eu for expulso, o corpo dele jazerá sem alma para todo o sempre.

Aquilo foi um choque para os pais de Mateus Scaduvári. Seu filho estava ligado a Mamom para sempre, segundo o demônio.

Guilherme suspirou. Fechou os olhos. Sabia. Tinha certeza, no fundo de sua alma alguma coisa lhe dizia que aquilo era verdade. Sacudiu devagar a cabeça. Depois abriu os olhos e fitou o rosto da criança que outrora o chamava de papai.

- Gui, o que ele diz é verdade?

O senhor Scaduvári olhou pela janela e viu a escuridão lá fora. Via, ou imaginava ver, as folhas do ipê balançando ao longe. Ele não respondeu à pergunta da esposa.

- Não me diga que... - ela insistiu.

Num primeiro momento ele ficou calado, imóvel, mas depois baixou a cabeça, assentindo.

- Oh, oh, meu Deus! - exclamou a mulher, caindo de joelhos e voltando a chorar mais ainda.

- Devemos ajudar nosso filho.

- Mas como? - disse, em meio aos soluços.

(a esperança é a última que morre...)

Mamom jogava a cabeça para trás e ria. Era um perturbado, e gargalhava como um louco.

- Vamos trazer ele de volta.

- Mas isso não irá matá-lo?

Ela falava com dificuldade, ora soluçando, ora chorando.

- Não sei. - ele disse calmamente. - Sinceramente, eu não sei, mas devemos arriscar.

Patrícia se levantou, ainda chorando.

- Arriscar? - ela ficou de frente para ele e começou a bater com o punho fechado no peito do marido. - Arriscar? Seu filho da puta! Ele é seu filho! Seu filho!

Ela não parava de bater no marido. Em meio aos gritos e ao choro dela, era possível distinguir a risada infernal de Mamom, que se divertia como uma criança no circo.

- Isso mesmo! - rosnava o demônio. - Ele não liga para nada e para ninguém. Ele sempre foi assim! Lembra de quando vocês ainda não moravam aqui? Ele sempre foi um canalha!

- É, eu lembro muito bem! - ela disse, ainda de frente para o marido. - Você quer que ele morra! Quer que o meu filho morra!

O demônio ria.

- Não, querida, o que...

- Não me venha com mentiras, eu te conheço, você é um monstro, sempre foi um monstro!

Patrícia havia caído na armadilha de Mamom. Agora ela estava contra o próprio marido.

- Você vai deixar que ele mate seu filho? - perguntou Mamom, fazendo o seu jogo.

Patrícia recuou um passo.

- Nunca!

- Patrícia, você não vê que está sendo enganada? - disse Guilherme, tentando abrir os olhos da mulher.

- Não dê ouvidos a ele! - disse Mamom. - Ele quer te confundir.

- Quem está tentando confundir aqui é você! - vociferou o homem. - Seu ilusionista do capeta.

A voz de Guilherme foi tão potente que fez com que Mamom recuasse e se mostrasse preocupado.

- Patrícia, não dê ouvidos para o demônio. Ele é um mentiroso! Ele está mentindo pra te deixar confusa! Algumas coisas são verdadeiras, mas é só uma forma de nos atacar. Faça-se de surda, querida. Faça-se de surda.

Patrícia sacudiu a cabeça. Tinha caído na real.

- Gui, o que foi que eu disse!?

Notava-se um profundo arrependimento na mulher.

- Então você vai deixar que matem seu filho? - rosnou o demônio. - Sua cadela vadia!

- Querida, vamos começar. - disse Guilherme.

Ele juntou as mãos em forma de prece, cerrou os olhos e murmurou:

- Pai nosso, que estais no céu...

Imediatamente Patrícia se juntou na oração.

- ... Santificado seja o Teu nome...

Mamom se levantou e começou a andar em volta dos dois, divertindo-se com os esforços do casal. Apesar disso, ele não conseguia mais atacar o casal. Mateus ainda tinha certo controle e, agora, impedia qualquer ação maléfica do demônio.

- ... Mas livrai-nos do mal. AMÉM.

Guilherme abriu os olhos mansamente e se virou para encarar Mamom. Este, agora, estava sentado no primeiro degrau, com os olhos fechados, encenando um cochilo.

O demônio, percebendo que a prece havia terminado, abriu os olhos e encenou o despertar de um sono. Bocejava e se espreguiçava.

- Acabaram? - zombou ele.

Levantou-se e caminhou uns dois passos, ficando ao lado do corpo sem cabeça de Christine. Ele agachou e pegou a falecida em seus braços.

- Pobre chupadora de padres. - rosnou ele, enquanto sua mão acariciava o seio murcho de Christine.

- Solte-a, maldito! - ordenou Patrícia.

O demônio olhou para a senhora Scaduari, deu um sorriso e depois soltou o corpo de Christine, que bateu no chão, completamente torto.

- Sabiam que eu adoro conversar com vocês? - rosnou ele. - Verdade! É tão descontraído e divertido...

- Verme!

- Pare, Patrícia! - disse Guilherme. - Não preste atenção nele! Temos que continuar! Temos que trazer nosso filho de volta!

- Está certo, vamos continuar.

Então eles voltaram a rezar.

Novamente o demônio andou em volta deles.

A paciência estava acabando. O maldito abriu sua boca elástica da mesma maneira que uma cobra faz ao engolir uma presa grande. Moscas verdes saíram da garganta do demônio e foram em direção ao casal.

A oração formava uma espécie de proteção em volta deles, pois as moscas não conseguiram se aproximar. Aos poucos elas foram sumindo e Mamom tornou a caminhar encenando preguiça, cansaço, limpando os ouvidos, até que ficou realmente cansado e sentou-se numa poltrona.

A prece continuava. Guilherme colocava toda a sua fé no ritual; até que algo aconteceu.

Mamom jogou a cabeça para trás, mas dessa vez ele não estava rindo; em vez disso, um som contínuo de “A” saía de sua boca. Os olhos da besta saíram das órbitas, deixando o branco assustador no lugar.

- Deus, Criador do céu e da terra, contempla com piedade este Teu servo, Mateus Scaduvári, e me concedas auxílio contra este espírito imundo que ora atormenta esta Tua criatura, por Jesus Cristo, nosso senhor. AMÉM.

- Papai! Mamãe!

O casal Scaduvári abriu os olhos e o que viu o fez cair em prantos, mas agora de felicidade.

Guilherme sentia-se agitado; sua comoção aumentava à medida que compreendia a situação.

Patrícia sacudiu a cabeça. Respirou. Fungadas discretas. Nós intermitentes na garganta. Enxugou uma lágrima e falou, hesitante:

- Mateus, é você, filho?

- Mamãe, o que está acontecendo? Eu estou com medo.

- Não fique mais, eu estou aqui. Eu te protejo.

Patrícia ficou sem reação e depois correu ao encontro de seu filho. Lágrimas ficavam para trás.

- Amor, ele está mentindo!

Então, a mulher percebeu uma forte energia de morte envolvendo o garoto.

- Como é divertido. - o demônio jogou a cabeça para trás e gargalhou como nunca.

- Seu sacana, maldito!!! - exclamou Patrícia, revoltada, num sussurro que feriu o ar como chumbo derretido. - Seu miserável! - ela esmurrava o demônio no corpo do filho, suas unhas cortavam aquele rosto cavernoso, suas mãos fechavam-se em volta do pescoço da besta.

- Patrícia, não! - berrou Guilherme.

- Eu vou matar este filho da mãe! - gritou Patrícia, com a voz cheia de fúria e ódio.

O demônio parou de rir e encarou-a com malevolência. Usou as suas mãos para retirar as mãos de Patrícia que envolviam seu pescoço. Possuía uma força descomunal. Foi fácil. Olhou nos olhos da mulher e disse:

- Você perdeu!

E então ele a arremessou longe, fazendo com que ela batesse as costas na parede do lado oposto.

- Sua atrevida! - rosnou Mamom.

Guilherme observou a cena e não pôde fazer nada, pois foi tudo muito rápido.

- Patrícia! - gritou ele, enquanto corria para a esposa. - Patrícia! Querida! Vamos, responda! - ele falava ao mesmo tempo em que sacudia a esposa, tentando fazê-la acordar.

De nada adiantou, ela estava desacordada.

- Maldito! - berrou Guilherme. - Como teve essa ousadia?!

- Ah, vamos, Guilherme... Você consegue coisa melhor... Está certo que ela é boazuda, mas é isso, você é multimilionário, arranja qualquer vadia que quiser...

- Seu monstro! Você vai pagar por isso!

- É mesmo? - zombou Mamom. - O cheque já está a caminho. - nesse momento ele parou e riu. - Vamos, agora é só entre nós...

BENÇÃO OU MALDIÇÃO.

Mateus Scaduari, filho pródigo, uma criança educada e gentil, possuía alguns hábitos excêntricos, porém era uma criança abençoada.

Um garoto tão devoto a Deus como não se encontra mais por aí. Amava todas as criações do Senhor. Era especial, tão especial que possuía um dom: ele era capaz de curar.

...

- Vamos, agora é entre nós. - rosnou o demônio. - Finalmente estamos a sós.

- Não, não estamos sozinhos! - disse Guilherme. - Meu filho também está aqui. Agora eu posso senti-lo e Deus vai nos ajudar.

Mamom não riu; ficou até, de certo modo, com receio; a luz que emanava dos olhos de Guilherme fazia com que o demônio ficasse na defensiva.

- Pai, pai. - a voz de Mateus. - Por favor, pai, eu estou com medo.

- Você não é meu filho.

O demônio parou. Por um momento, ficou, na realidade, incerto. Tinha medo do olhar imperial de Guilherme.

- Sou eu, sim, papai. - continuou a voz de Mateus. - Não se lembra mais de mim? De como brincávamos juntos?

Guilherme chorava com as lembranças.

- Você é um demônio! - falou Guilherme. - Só um mentiroso sujo.

As lágrimas escorriam por seu rosto.

- Um mentiroso! - disse Guilherme novamente. - Eu amo meu filho, e vou fazer o impossível para tê-lo de volta.

- Mas não vai conse... - começou o demônio, mas parou; sua expressão mudara, era difícil dizer como, já que não houvera mudança de traços fisionômicos. O corpo tremeu um pouco, a cabeça foi para trás e as mãos se abriram como garras quebradas. Foi só. Mas, de repente, o rosto voltara a ser calmo e alegre. Era Mateus. Olhava para o pai em agonia mortal.

- Pai, papai. - dessa vez era Mateus de verdade. - Me ajude. - ele caiu de joelhos.

- Filho! Filho! Lute! Você vai conseguir! Lembre-se de que Deus é poderoso. Não escute o demônio! Tudo o que ele faz são trapaças e mentiras.

- Não! Não vai conseguir! - berrou o demônio.

- Vamos, filho, você pode!

- Pai, eu te amo! - disse Mateus.

Ele olhou para o pai com uma tristeza tão grande que o coração de Guilherme doeu dentro do peito.

- Eu finalmente entendi. - continuou falando enquanto sua mão tateava um frio metal.

- O que você está dizendo? - perguntou Guilherme, sentindo algo de errado naquilo.

- Agora eu sei! - disse Mateus, com a mão firme no metal. - Agora eu sei!

- Você está me assustando. - disse Guilherme.

- Quanto mais próximo de Deus você está, mais o diabo vai tentar te conquistar.

- Por que você está dizendo isso?

- É como Mamom disse: “Seu filho agora é parte de mim. Se eu morrer, ele também morre. Se eu for expulso, o corpo dele jazerá sem alma para todo o sempre”.

- Você quer dizer que...

- Sim! Mamom ainda está aqui. Logo ele voltará. Não irei conseguir dominá-lo por mais tempo.

- Não, filho, você pode se livrar dele.

- Agora é tarde. Tenho que fazer isso, antes que ele volte e retome definitivamente meu corpo e todo o seu poder, do qual até agora não foi usado praticamente nada.

- Fazer o quê? - perguntou Guilherme, com medo.

- Eu falei com Deus. Ele me disse para não ter medo e que logo eu estarei a Seu lado.

Mateus pôs as mãos na barriga de sua mãe, e orou. Uma luz dourada saiu delas, percorrendo o corpo da mulher.

Ele voltou para seu pai.

O coração de Guilherme estava mais apertado.

- Papai, lembre-se do quanto eu amo você e a mamãe. Diga isso a ela quando acordar.

- Mateus! Não!!!

- NÓS VENCEMOS, PAI!!!

Então Mateus levantou o metal no ar. Caledfwlch brilhava em suas pequenas mãos. Guilherme pôde ver claramente o desenho de uma espada fincada no chão, sendo puxada por um homem.

Mas foi tudo muito rápido; no instante seguinte o desenho desapareceu dentro da

barriga de Mateus.

Lágrimas rolaram infinitamente.

PÔR-DO-SOL.

A mulher estava sentada em uma cadeira de balanço, quando o telefone tocou.

O homem que assistia à televisão esticou o braço esquerdo e retirou o telefone do gancho.

- Alô.

- Quem fala? - perguntou a voz do outro lado da linha.

- Guilherme Scaduari. O que precisa?

- Senhor Scaduari, aqui é Lucas Brazzi. Soube que o senhor está vendendo uma mansão em Pontas.

- Está correto.

- Bem, eu estou na cidade e gostaria de dar uma olhada nela por dentro, se não se importar.

- De maneira alguma. A mansão está aberta, há um caseiro lá. Se você se interessar é só retornar a ligação ou me procurar pessoalmente. Estou hospedado no Empire Hotel, em São Paulo.

- Eu retornarei.

- Obrigado.

- Eu que agradeço.

A mulher, ainda sentada na cadeira de balanço, olhou para o marido e começou a chorar.

- O que foi? - ele perguntou, caminhando em sua direção. - Está com saudade de Mateus, não está?

Patrícia tentou responder, mas as palavras foram engolidas por um soluço. Encostou a cabeça no ombro de Guilherme e chorou, as lágrimas agora lavando o seu rosto. Guilherme abraçou-a sem dizer nada. As lágrimas que castigam são também lágrimas que curam.

A mulher foi se acalmando e então Guilherme disse:

- Eu sei que é duro. Eu também sinto o mesmo, mas vai passar. Pode parecer que não, mas vai passar...

- Por que isso foi acontecer?

- Não nos cabe decidir o futuro que nos é reservado; o que podemos fazer, no

entanto, é enfrentá-lo da melhor maneira. Como diz a música: “É tão estranho, os bons morrem cedo”.

Ficaram calados durante muito tempo. Guilherme apenas pensando.

- A vida é mesmo dura. - disse ele. - Ela não dá trégua pra gente. Vivemos num mundo medíocre, onde coisas terríveis acontecem e ninguém liga a mínima.

- Ah, Gui. - disse Patrícia, enxugando as últimas lágrimas.

- Nosso filho foi uma criança que viveu por Deus, e não para si mesmo. Ele deu a sua vida pelo bem. – nesse momento Guilherme respirou fundo, tentando não se emocionar. – Viver para o bem ao invés de fazê-lo para si próprio é bonito, porém triste.

Patrícia abraçou forte seu marido.

- É como Mateus disse: “Quanto mais próximos estamos de Deus, mais o diabo nos atormenta”.

Ficaram novamente em silêncio, quando o telefone tornou a tocar.

- Senhor Scaduari. É Brazzi. Eu fiquei muito satisfeito com a mansão. Minha mulher e meu filho também ficaram encantados.

- Que bom!

- O senhor quer realmente vendê-la mobiliada? Há uns objetos realmente muito diferentes.

- Sim, estou disposto.

- Mas o preço é extremamente baixo; não paga nem mesmo o saguão de entrada.

- Dinheiro não é o problema; eu e minha mulher queremos viajar.

- Então está decidido. Vou comprá-la.

- Eu fico imensamente agradecido.

- Foi um prazer.

- Igualmente.

Acertaram um lugar para resolver tudo e se despediram.

- Bem, querida, a mansão já era. - disse ele, dando um suspiro de alívio. - Finalmente poderemos recomeçar nossas vidas.

Ela riu para ele.

- Quem sabe outro filho? - ele sugeriu.

- Uma menina seria melhor, e sinto que ela está a caminho. Desde que nosso pequeno Mateus me curou, acho que a criança que eu estava esperando e que nos havia

sido tirada retornou.

Então ele pôs um braço em volta da cintura da mulher e eles foram para a sacada do hotel, observar o pôr-do-sol.

Juliano César Sasseron

Escrito em 2004 – Revisado em 2009.